



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Joaquim Fernandes Loureiro

**O papel da Mediação na construção da história contemporânea do Mosteiro de S. Martinho de Tibães (1987-2012)**



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Joaquim Fernandes Loureiro

**O papel da Mediação na construção da  
história contemporânea do Mosteiro de  
S. Martinho de Tibães (1987-2012)**

Relatório de Estágio  
Mestrado em Educação  
Área de Especialização em Mediação Educacional  
e Supervisão na Formação

Trabalho efetuado sob a orientação do  
**Professor Doutor José António Brandão  
Soares de Carvalho**

outubro de 2013

## DECLARAÇÃO

**Nome:** Joaquim Fernandes Loureiro

**Endereço eletrónico:** pg19916@alunos.uminho.pt | loureiro.jf@gmail.com

**Título do relatório de estágio:**

*O papel da Mediação na construção da história contemporânea do Mosteiro de S. Martinho de Tibães (1987-2012)*

**Orientador:** Doutor José António Brandão Soares de Carvalho

**Ano de conclusão:** 2013

**Designação do Mestrado:**

Relatório de Estágio

Mestrado em Educação – Área de Especialização em Mediação Educacional e Supervisão na Formação

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTE RELATÓRIO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho é a meta de um percurso que só foi possível percorrer com a ajuda de um vasto conjunto de pessoas que fazem parte da minha teia de relações profissionais, académicas e familiares. Muito obrigado!...

A todos os meus colegas de trabalho, pela amizade, compreensão, apoio e colaboração que me foram prestando ao longo desta caminhada.

Ao Mestre Paulo Oliveira, Técnico Superior do Mosteiro de S. Martinho de Tibães e meu acompanhante de estágio na instituição. Um agradecimento muito especial pela paciência demonstrada, pela motivação constante e pelo incentivo que me foi transmitindo. A minha decisão de voltar a estudar e entrar para a Universidade a ele se deve em grande parte!

À Direção Regional de Cultura do Norte e à Coordenação do Mosteiro de S. Martinho de Tibães por todas as facilidades concedidas.

À Universidade do Minho/Instituto de Educação pelas condições proporcionadas durante o Mestrado e pelo apoio e disponibilidade constante do seu corpo docente e não docente.

Ao Doutor José António Brandão Soares de Carvalho, meu orientador científico, pela forma como orientou o estágio. As suas críticas e sugestões, conjugadas com a liberdade de ação que me concedeu, foram contributos fundamentais para a concretização deste trabalho.

Aqueles que, apesar de virem no final da lista de agradecimentos, são sempre para mim os primeiros! Quero agradecer à Conceição, esposa paciente e compreensiva, mãe exemplar e incansável. A sua voz amiga, o seu incentivo constante e a sua preocupação em criar e manter no lar as melhores condições de estudo e de trabalho foram fatores que me deram ânimo e vontade de continuar o percurso em momentos mais difíceis.

Aos meus filhos, Rui e João, que nestes últimos anos ficaram muitas vezes privados da minha companhia nas suas brincadeiras. Apesar de tentar estar sempre presente nos momentos mais importantes das suas vidas, sei que o meu apoio não foi aquele que eles realmente merecem, por isso, o meu esforço pessoal empregue neste trabalho é-lhes inteiramente dedicado!

«É preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história...» (Freire, 1979:21).

# **O PAPEL DA MEDIAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO MOSTEIRO DE S. MARTINHO DE TIBÃES (1987-2012)**

*Joaquim Fernandes Loureiro*

Relatório de Estágio

Mestrado em Educação – Mediação Educacional e Supervisão na Formação

Universidade do Minho

2013

## **RESUMO**

A mediação tem sido um processo progressivamente adotado em diferentes setores da sociedade. Destaca-se a sua ação em contextos culturais na procura constante de estratégias que facilitem a descodificação de linguagens e promovam a aproximação das pessoas ao seu património, consciencializando-as para a sua proteção, valorização e fruição, despertando assim o sentido de pertença e de identidade capaz de promover novas práticas sociais.

É neste quadro que desenvolvemos este trabalho, assumindo como objetivo principal compreender o papel desempenhado pela mediação na construção da história contemporânea do Mosteiro de Tibães, no período compreendido entre 1987 e 2012. Imersos no contexto e com recurso a métodos qualitativos de análise, definimos diferentes momentos em função dos vários aspetos em que a mediação incidiu. Para além disso procurámos identificar conceções de profissionais ligados ao setor museológico e cultural sobre a mediação e o seu papel no contexto em que trabalham.

Ao traçar uma cronologia de acontecimentos históricos, educativos e culturais do Mosteiro de Tibães, após a compra pelo Estado Português em 1986, conseguimos estabelecer alguns paralelismos com a evolução da mediação em Portugal. Ao mesmo tempo, foi possível compreender que o recurso a estratégias de mediação contribuiu para o aumento da ação educativa e cultural do Mosteiro de Tibães, ajudando a construir a sua imagem e identidade institucional. Concluimos que existe uma relação muito alicerçada na trilogia mosteiro/escola/comunidade, capaz de promover inovação museal, cativar e fidelizar públicos.

Palavras-chave: mediação, mediação cultural, espaços culturais, Mosteiro de Tibães.



# **THE ROLE OF MEDIATION IN THE CONSTRUCTION OF THE CONTEMPORARY HISTORY OF THE TIBÃES MONASTERY (1987-2012)**

*Joaquim Fernandes Loureiro*

Professional Practice Report

Master's in Education – Specialization in Educational Mediation and Professional Development

University of Minho

2013

## **ABSTRACT**

Mediation processes have been progressively adopted in different sectors of society, particularly in the cultural context. The aim is to develop new strategies in order to facilitate the decoding of artistic and cultural languages and to promote people's approximation to their cultural heritage, by becoming progressively aware of its importance and the need to protect and enjoy it. This is a way of arousing a sense of belonging and identity that may promote new social practices.

This is the context in which we undertook this research, with our main objective that of understanding the role of mediation in the construction of the contemporary history of the Tibães Monastery, in the period between 1987 and 2012. Immersed in the context and using qualitative methods of analysis, we defined different periods of time, according to the various roles played by mediation. In addition, we sought to identify the conceptions of professionals who work in the museum/cultural field, regarding mediation and its role in the context in which they work.

By tracing a chronology of historical, educational and cultural events that took place at Tibães Monastery, after its purchase by the Portuguese Government in 1986, we managed to establish some parallelism with the development of mediation as a whole in Portugal. At the same time, it was possible to understand how the use of mediation strategies enhanced the educational and cultural events at Tibães Monastery, which contributed to the construction of its image and institutional identity. We conclude that there is a strong relationship between the trilogy monastery/school/community, capable of promoting cultural innovation and attracting loyal new members of the public.

Key Words: mediation, cultural mediation, cultural areas, Tibães Monastery.



# **LE RÔLE DE LA MÉDIATION DANS LA CONSTRUCTION DE L'HISTOIRE CONTEMPORAINE DU MONASTÈRE DE TIBÃES (1987-2012)**

*Joaquim Fernandes Loureiro*

Rapport du Stage

Maîtrise en Éducation – Spécialisation dans la Médiation Éducative et le Développement

Professionnel

Université du Minho

2013

## **RÉSUMÉ**

Les processus de médiation ont été progressivement adoptés dans les différents secteurs de la société, surtout dans le contexte culturel. L'objectif est celui de développer de nouvelles stratégies afin de faciliter le décodage des langages artistiques et culturels et de promouvoir l'approche des citoyens à leur patrimoine, en devenant plus conscients de son importance et de la nécessité de le protéger et d'en jouir. C'est une façon de susciter un sentiment d'appartenance et d'identité, capable de promouvoir des nouvelles pratiques sociales.

C'est dans ce contexte que nous avons entrepris cette recherche, en prenant comme objectif principal la compréhension du rôle de la médiation dans la construction de l'histoire contemporaine du Monastère de Tibães, entre 1987 et 2012. Immergés dans le contexte, et en utilisant des méthodes d'analyse qualitatives, nous avons défini des périodes différentes selon les différents rôles joués par la médiation. En outre, nous avons cherché à identifier les conceptions des professionnels, qui travaillent dans le domaine culturel, sur la médiation et son rôle dans le contexte où ils travaillent.

En retraçant la chronologie des événements historiques, éducatifs et culturels qui ont eu lieu au Monastère de Tibães, après son achat par le gouvernement portugais en 1986, nous avons réussi à établir un certain parallélisme avec le développement de la médiation dans son ensemble au Portugal. En même temps, il a été possible de comprendre comment l'utilisation de stratégies de médiation a renforcé l'action éducative et culturelle au Monastère de Tibães, ce qui a contribué à la construction de son image et de son identité institutionnelle. Nous concluons qu'il existe une relation forte entre la trilogie monastère/école/communauté, ce qui favorise l'innovation muséologique et attire de nouveaux publics fidèles.

Mots-clés: médiation, médiation culturelle, des espaces culturels, le Monastère de Tibães.



## ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS _____	iii
RESUMO _____	v
ABSTRACT _____	vii
RÉSUMÉ _____	ix
ÍNDICE GERAL _____	xi
ÍNDICE DE SIGLAS E ABREVIATURAS _____	xiii
ÍNDICE DE FIGURAS _____	xiv
ÍNDICE DE GRÁFICOS _____	xiv
ÍNDICE DE QUADROS _____	xiv
ÍNDICE DE TABELAS _____	xiv
INTRODUÇÃO _____	1
CAPÍTULO I _____	3
ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL DO ESTÁGIO _____	3
1. Enquadramento geográfico _____	3
2. Enquadramento histórico do local de estágio _____	4
3. Enquadramento organizacional do Mosteiro de São Martinho de Tibães _____	5
4. Diagnóstico de necessidades/Interesses de base para o trabalho _____	8
5. Motivações/Problema de investigação _____	10
6. Caracterização do público-alvo _____	12
CAPÍTULO II _____	15
ENQUADRAMENTO TEÓRICO _____	15
1. Introdução _____	15
2. Mediação: perspetivas de um conceito emergente _____	16
3. Os museus... Espaços de cultura e de mediação _____	22
CAPÍTULO III _____	33
ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO _____	33
1. Introdução _____	33
2. Os paradigmas de investigação _____	34
3. O método utilizado _____	35
4. O desenvolvimento do processo de investigação _____	36
5. Questões de partida _____	37
6. Hipóteses _____	37

7.	Calendarização das atividades _____	37
8.	Descrição do processo e das técnicas de investigação utilizadas _____	39
9.	Análise documental _____	39
10.	Entrevista _____	41
11.	Observação _____	44
CAPÍTULO IV _____		45
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS _____		45
1.	Introdução _____	45
2.	Os momentos da investigação _____	45
2.1.	1º - Da ocupação privada à propriedade estatal (... - 1986) _____	45
2.2.	2º - Da inquietação inicial ao reconhecimento institucional (1986-1990) _____	51
2.3.	3º - A expansão institucional (28-09-1990 a 2000) _____	61
2.4.	4º - A consolidação institucional (2001 a 2012) _____	74
3.	O papel da mediação na ação futura do MSMT _____	88
4.	Atividades não previstas e realizadas _____	90
4.1.	Encontro/debate – Serviços Educativos em Espaços Culturais: o que procura(m) o(s) público(s)? _____	91
4.2.	Caminhadas com história... Uma ligação do presente ao nosso passado, com perspectiva de futuro _____	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS _____		95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____		99
	Bibliografia referenciada _____	99
	Webgrafia _____	104
	Legislação _____	106
ANEXOS _____		107
ÍNDICE DOS ANEXOS _____		108
APÊNDICES _____		129
ÍNDICE DOS APÊNDICES _____		130

## **ÍNDICE DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

- AFCA – Associação de Fotografia e Cinema Amador de Braga
- APAP – Associação Portuguesa de Arquitetos Paisagistas
- ASPA – Associação Para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural e Natural
- CCR – Centro de Conservação e Restauro
- CCRT – Centro de Conservação e Restauro de Tibães
- CMB – Câmara Municipal de Braga
- CTMM – Companhia de Teatro e Marionetas de Mandrágora
- DGEMN – Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
- DR – Diário da República
- DRAEDM – Direção Regional de Agricultura de Entre Douro e Minho
- DRCN – Direção Regional de Cultura do Norte
- DSBC – Direção de Serviços de Bens Culturais
- ICOM – International Council of Museums
- IEC – Instituto de Estudos da Criança
- IEFP – Instituto do Emprego e Formação Profissional
- IGESPAR, IP – Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico, Instituto Público
- IMC, IP – Instituto dos Museus e da Conservação, Instituto Público
- IPA – Instituto Português de Arqueologia
- IPPAR – Instituto Português do Património Arquitetónico e Arqueológico
- IPPC – Instituto Português do Património Cultural
- MMSMT – Museu do Mosteiro de São Martinho de Tibães
- MSMT – Mosteiro de S. Martinho de Tibães
- NEE – Necessidades Educativas Especiais
- PNPG – Parque Nacional da Peneda-Gerês
- PRACE – Programa de Reestruturação da Administração Central do Estado
- RC6 – Regimento de Cavalaria N.º 6
- SE – Serviço Educativo
- SWOT – Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats
- UM – Universidade do Minho

## **ÍNDICE DE FIGURAS**

Figura 1 – As etapas da mediação cultural (Fonte: Buffet, 1999:18)	29
Figura 2 – Etapas teóricas da mediação didática (Fonte: Buffet, 1999:19)	30
Figura 3 – A comunicação como elemento fundamental do processo de mediação no MSMT	85
Figura 4 – Diferentes níveis de atuação da mediação no contexto do MSMT	97
Figura 5 – Proposta de modelo de mediação para o MSMT: mediação transversal de tipo helicoidal	97

## **ÍNDICE DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 – N.º de visitantes do SE do MSMT entre os anos de 2001 a 2012	81
Gráfico 2 – Evolução comparativa do n.º de visitantes atendidos pelo SE e pelos Vigilantes entre 2001 e 2012	84
Gráfico 3 – Total anual de visitantes do MSMT de 1988 a 2012	89

## **ÍNDICE DE QUADROS**

Quadro 1 – Análise SWOT do MSMT	10
---------------------------------	----

## **ÍNDICE DE TABELAS**

Tabela 1 – Caracterização dos trabalhadores do MSMT em 31-10-2012	13
Tabela 2 – Síntese das atividades desenvolvidas durante a realização do estágio	38
Tabela 3 – Comparação anual entre visitantes do Serviço Educativo e Outros Visitantes (1990-2000)	67
Tabela 4 – Enquadramento institucional dos visitantes do SE no ano de 2012	83
Tabela 5 – Visitantes do SE 2012 distribuídos por graus de ensino	83

## INTRODUÇÃO

O Mestrado em Educação – área de especialização em Mediação Educacional e Supervisão na Formação –, contempla, no seu 2º ano, a realização de um estágio em contexto real de trabalho. Esta é uma oportunidade que o mestrando tem para tomar contacto com a realidade, implicando-o, por conseguinte, na realização de um trabalho de campo, o que acaba por ser inequivocamente um complemento fundamental à teoria ministrada ao longo dos três anos da licenciatura e do 1º ano do 2º ciclo de estudos.

Como tarefa final do estágio é solicitada a elaboração de um relatório, o qual pretende ser o *espelho* dos diferentes passos necessários (e tidos em conta) para realização do trabalho de investigação, neste caso concreto centrada no campo educativo.

Os dados recolhidos são o ponto de partida para o estabelecimento de relações entre a prática observada e a teoria existente, procurando assim, contribuir para a clarificação concetual e para a construção de conhecimento na área da mediação.

Estando os interesses de investigação do mestrando orientados para estudos na área museológica e patrimonial, o local selecionado para desenvolver o estágio foi o Mosteiro de S. Martinho de Tibães (MSMT), em Braga. Este monumento situa-se na freguesia de Mire de Tibães, no concelho e distrito de Braga. Pertencente ao Estado Português, é classificado como imóvel de interesse público<sup>1</sup> estando atualmente afeto à Direção Regional de Cultura do Norte (DRCN), sediada em Vila Real.

O estágio, realizado entre 01 de outubro de 2012 e 30 de junho de 2013, constituiu-se como um grande desafio. Por um lado, porque a instituição selecionada sai da *esfera tradicional* dos locais que, por norma, associamos a contextos de mediação, como sejam os contextos escolar, judicial e familiar. Por outro lado, porque sendo o local onde o mestrando exerce a sua atividade profissional, o obriga a um esforço adicional, nomeadamente centrado na capacidade de conseguir ver para além das aparências e de manter uma visão neutra que ofusque a aparente clareza evidenciada por alguns fenómenos *facilmente* explicáveis pelo senso comum. Ainda desafiante porque o trabalho desenvolvido em torno da mediação contribuiu para um

---

<sup>1</sup> O conjunto monástico é composto pelo cruzeiro (classificado como Monumento Nacional desde 16 de junho de 1910 – Diário do Governo n.º 136/1910, de 23 de junho), pela igreja, mosteiro e demais construções arquitetónicas da cerca, classificados como imóveis de interesse público pelo Decreto n.º 33587/1944, de 27 de março. Todo o conjunto é protegido por uma Área Especial de Proteção, estabelecida em Diário do Governo, IIª Série, n.º 242, de 18 de outubro de 1949. A Portaria n.º 736/94 de 13 de agosto, alarga e fixa a zona especial de proteção.

registo da história contemporânea do mosteiro – esta mais centrada nas pessoas –, porque é delas que se faz(em) história(s) e, conseqüentemente, produção de conhecimento.

Com este trabalho pretendemos assim compreender e explicar qual a relevância assumida pela mediação na construção da história contemporânea do Mosteiro de São Martinho de Tibães (1987-2012), refletindo sobre o conceito de mediação e sobre as suas implicações nos contextos socioeducativo e cultural. Procurámos ainda aferir se o verdadeiro sentido da mediação tem sido interiorizado pelos diferentes atores culturais e sociais, assim como as perspetivas que eles têm sobre o papel que esta área educativa poderá ter no futuro.

A estrutura do trabalho foi pensada para se apresentar como uma sequência lógica, capaz de mostrar de um modo simples todo o trabalho desenvolvido.

O capítulo I apresenta a caracterização do local de estágio abordando aspetos geográficos, históricos e organizacionais, não deixando porém de fazer o diagnóstico das necessidades e de caracterizar o público-alvo.

No capítulo II apresentamos uma contextualização teórica que aborda a temática da mediação e os seus diferentes campos de atuação, fazendo ainda abordagens teóricas mais específicas em torno de conceitos como os de museu, cultura e educação histórica.

No capítulo III apresentamos todo o processo de investigação desenvolvido ao longo das várias fases, clarificando as posições assumidas no que diz respeito à metodologia de investigação adotada.

O capítulo IV foi reservado para a apresentação e discussão dos dados obtidos, constituindo-se como um importante espaço de reflexão e de confrontação entre o que inicialmente se pretendia e o que realmente foi encontrado.

Por fim, na conclusão, fazemos o balanço de todo o processo de trabalho, procuramos responder às questões de partida e lançamos pistas para a realização de trabalhos futuros que possam contribuir para o aumento de conhecimento em torno dos temas por nós desenvolvidos.

## CAPÍTULO I

### ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL DO ESTÁGIO

#### 1. Enquadramento geográfico

Entre outubro de 2012 e junho de 2013, o estágio do mestrado decorreu no MSMT, o qual se situa na parte sul de Mire de Tibães, freguesia com 4,36 Km<sup>2</sup> que pertence ao concelho e distrito de Braga, cidade da qual dista seis quilómetros. O topo sul da freguesia é dominado pelo Monte de S. Filipe e S. Gens, encimado pela capela que tem o nome desses dois santos. A meio do monte encontramos a capelinha de S. Bento (já dentro da cerca do MSMT) e, na base, o imponente mosteiro. As habitações encontram-se dispersas um pouco por toda a freguesia sendo evidentes alguns núcleos populacionais situados no centro e norte: os loteamentos do Castelhana, do Carrascal e de Sobrado, o lugar de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Ó e o Bairro de Ruães.

Mire de Tibães situa-se na margem esquerda do rio Cávado. Possui uma grande área de terrenos agrícolas que se estendem desde as suas margens até ao centro da freguesia, onde serpenteia o poluído rio Torto, que, aproveitando os campos planos, acaba por inundá-los constantemente, afastando assim a possibilidade de construções habitacionais perto das suas margens. A freguesia é servida pelas redes públicas de eletricidade, água, saneamento, gás, transportes (Transportes Urbanos de Braga) e por um conjunto de equipamentos onde se destacam o Jardim de Infância do Carrascal, a Escola Básica do 1º ciclo do Carrascal, a Escola Básica do 1º ciclo com Jardim de Infância de Ruães, o Centro de Saúde de Ruães (que dá apoio a seis freguesias<sup>2</sup>), o Centro Social e Paroquial, o Pavilhão Gimnodesportivo e a Sede da Junta, onde se situa o Espaço Internet. Do movimento associativo fazem parte o *Grupo Unidos da Casa do Povo de Mire de Tibães*, o *Rancho Folclórico de S. Martinho de Tibães*, a *Associação Cultural e Desportiva de Tibães*, o *Agrupamento n.º 11 do Corpo Nacional de Escutas*, o *Grupo Coral*, o *Grupo de Jovens de Tibães*, a *Associação de Pais da Escola E. B. 1 do Carrascal*, a *Associação Mulheres em Movimento* e, mais recentemente, o *Grupo de Amigos do Mosteiro de Tibães*.

A população de Mire de Tibães tem aumentado de forma considerável nos últimos anos<sup>3</sup>. Os dados mais recentes indicam que possui 2437 habitantes, 823 edifícios, 907 alojamentos familiares e 793 famílias clássicas<sup>4</sup>. Apesar de existirem ainda focos de atividade rural, a sua

---

<sup>2</sup> Merelim S. Paio; Merelim S. Pedro; Mire de Tibães; Padim da Graça; Panoias e Parada de Tibães (estas freguesias pertenceram outrora ao Couto de Tibães).

<sup>3</sup> Mais dados em: [http://www.jf-miretibaes.pt/index\\_main.php](http://www.jf-miretibaes.pt/index_main.php), acedido em 29-10-2012.

<sup>4</sup> Dados dos Censos 2011 disponíveis na página: [http://www.cm-braga.pt/wps/portal/publico!/ut/p/c4/04\\_SB8K8xLLM9MSSzPy8xBz9CP0os3iDQHdnQyNvA0t\\_dz8LA89AF6NQf38ng8AwU\\_2CbEdFAKNhmNI!/,](http://www.cm-braga.pt/wps/portal/publico!/ut/p/c4/04_SB8K8xLLM9MSSzPy8xBz9CP0os3iDQHdnQyNvA0t_dz8LA89AF6NQf38ng8AwU_2CbEdFAKNhmNI!/) acedido em 27-10-2012.

população trabalha essencialmente nos setores secundário e terciário, em pequenas empresas localizadas na freguesia, em empresas existentes nas freguesias vizinhas ou na cidade de Braga.

## **2. Enquadramento histórico do local de estágio**

A palavra *mosteiro* acarreta consigo uma série de imagens predefinidas que nos fazem lembrar um local austero, frio, silencioso, mas ao mesmo tempo cheio de mistérios. A mesma imagem aparece associada à palavra *convento*. Mas quererão as duas dizer o mesmo? Consideramos ser fundamental desfazer desde logo esta dúvida, pois, a clarificação concetual e a coerência do discurso são a base fundamental para a realização de um trabalho de qualidade. Assim, segundo Dias (2005:202), o mosteiro é o «edifício material ou casa onde vivem os membros das ordens monásticas (Benedictinos, Cistercienses e seus ramos)». Já o termo convento, segundo o mesmo autor (*idem*:198), pode ter dois sentidos. O primeiro associado ao grupo de monges que se reúne em sessões comunitárias ou capitulares e o segundo sentido, adotado pelas ordens mendicantes<sup>5</sup>, como sendo também o edifício material ou casa onde os seus membros viviam. As ordens mendicantes têm normalmente os seus conventos nas vilas e cidades para que assim possam prestar um auxílio mais direto às populações, quer seja através de obras de caridade ou através do fomento das orações. As ordens monásticas, por seu turno, dedicam grande parte do seu tempo à oração, à contemplação e ao trabalho. O mosteiro fica por norma situado num local isolado, mas com tudo aquilo que é necessário para a subsistência da comunidade que lá vive, de modo a que «... os monges não tenham necessidade de andar lá por fora, o que não é nada conveniente para as suas almas», tal como refere S. Bento na sua Regra (1992:132).

Segundo Frei Leão de S. Tomás (1974:377-378), cronista beneditino, a fundação do primitivo mosteiro remonta ao ano de 562, no tempo do rei Suevo Teodomiro, mas o desconhecimento de documentos referentes ao mosteiro anteriores ao século XI, bem como a inexistência de materiais líticos e cerâmicos do período suevo/visigótico no espólio recolhido durante as escavações arqueológicas, que decorreram no mosteiro e cerca de Tibães desde 1992 (Fontes, 2005), permitem colocar em dúvida aquela data de fundação. De facto, os primeiros documentos de que há notícia são de 1071 e 1077. Assim, a fundação do MSMT no local onde hoje se encontra data, com toda a certeza, de finais do século XI (Mata, 2011:92). O

---

<sup>5</sup> As ordens mendicantes são mais orientadas para o auxílio às populações, os seus membros fazem votos estritos de pobreza. Reúnem-se temporariamente em assembleia. Inserem-se nestas ordens religiosas os Dominicanos, os Franciscanos, os Agostinhos e os Carmelitas, por exemplo.

edifício que atualmente observamos resulta das construções e reconstruções realizadas durante os séculos XVII, XVIII e inícios do século XIX.

Em 1567 tornou-se a Casa-Mãe da Congregação Beneditina Portuguesa<sup>6</sup>, estatuto que manteve até 1834, ano da extinção das Ordens Religiosas, pelos decretos de 28 e 30 de maio, de Joaquim António de Aguiar. O mosteiro tinha, no entanto, sido encerrado à luz dos decretos de 5 e 9 de agosto de 1833 de José da Silva Carvalho (Oliveira, 2005:211-213). A igreja, sacristia, claustro do cemitério, uma parte para residência do pároco<sup>7</sup> e uma área de terreno do lado nascente (o passal) ficam em uso paroquial. A cerca<sup>8</sup> foi adquirida em 1838<sup>9</sup>, enquanto o restante edificado apenas foi vendido em 1864<sup>10</sup>. No domínio privado assim permaneceu este conjunto monástico até 1986, ano em que o Estado Português o adquire<sup>11</sup> resgatando-o da ruína completa que o esperava num futuro muito próximo. Vazio e em avançado estado de degradação, o MSMT, ao longo dos últimos 25 anos, foi alvo de uma grande campanha de limpeza, estudo, restauro, recuperação e reabilitação que procurou salvá-lo e devolver-lhe a dignidade de outrora, transformando-o gradualmente num espaço de referência cultural.

### 3. Enquadramento organizacional do Mosteiro de São Martinho de Tibães

Todo o enquadramento histórico apresentado anteriormente é fundamental pois não podemos compreender a função e a missão atual do MSMT (como organização pública afeta à Administração Central do Estado) se não conhecermos minimamente o seu passado de, pelo menos, 900 anos de história.

Tomando posse do mosteiro em 1987, o Estado Português inicia de imediato a limpeza dos espaços, os quais se encontravam muito degradados, praticamente sem telhados e cobertos por heras e silvados, apesar de terem servido como habitação ao longo dos tempos, incluindo

---

<sup>6</sup> A congregação era responsável pela gestão de 22 mosteiros em Portugal e 13 no Brasil (Oliveira, 2005:22).

<sup>7</sup> Uma vez que a igreja do mosteiro era também paroquial, com a saída dos monges em 1834 os serviços religiosos da paróquia ficaram assegurados pelo padre José Maria Coelho Brandão que ficou a morar no mosteiro. Ainda hoje o pároco de Mire de Tibães reside no mosteiro, não na área que foi inicialmente destinada para esse efeito, mas num outro espaço que foi construído no antigo Capítulo das Culpas (Mata, 1996) - informação recolhida no folheto *A Residência Paroquial*, editado por ocasião da inauguração da nova Residência Paroquial, novembro de 1996.

<sup>8</sup> Conjunto de terras adjacentes ao mosteiro, todas muradas, com uma área aproximada de 40 hectares, onde se encontram as hortas, os pomares, o carvalhal, o olival, os jardins e construções arquitetónicas como o escadório, o lago ou a fonte de S. Bento.

<sup>9</sup> Foi adquirida em 9 de julho de 1838 por José da Silva Reis pela quantia de 7.860\$000 (sete contos e oitocentos e sessenta mil reis). Valor aproximado em euros: € 39,21 (trinta e nove euros e vinte e um cêntimos).

<sup>10</sup> Vendido a António de Moura Monteiro pela quantia de 3.605\$000 (três contos, seiscentos e cinco mil reis). Valor aproximado em euros: € 17,98 (dezassete euros e noventa e oito cêntimos). O novo proprietário tomou posse do mosteiro no dia 13 de julho de 1864. Por ter casado com uma filha de António Moura Monteiro, António Ignácio Marques torna-se, por herança, o segundo proprietário privado do mosteiro. Sobre esta e a nota de rodapé anterior consultar a obra de Ademar Santos (1987:93-123).

<sup>11</sup> O Mosteiro de Tibães foi comprado pelo Estado Português em 1986 (a escritura de compra e venda foi registada no 1º Cartório Notarial de Braga no dia 18 de agosto de 1986). O Estado apenas tomou posse em 01 de janeiro de 1987, tal como está descrito na cópia de escritura de compra e venda arquivada no MSMT. No dia 11 de novembro de 1986 o Estado elabora um auto de cessão a favor do Instituto Português do Património Cultural (IPPC), concedendo-lhe a ocupação do mosteiro para fins culturais.

aos últimos proprietários privados<sup>12</sup>. Feita a limpeza, ao mesmo tempo que se iniciavam os estudos relativos à história e à paisagem, seguiu-se o trabalho de estagnação da ruína, de modo a criar condições básicas de segurança para abrir percursos de visita, uma vez que a rápida abertura do mosteiro ao público foi assumida como a principal prioridade.

No dia 28 de setembro de 1990 foi criado pela Presidência de Conselho de Ministros, o *Museu do Mosteiro de S. Martinho de Tibães*<sup>13</sup> (MMSMT), ficando este sob a dependência técnica e administrativa do então Instituto Português do Património Cultural (IPPC).

Em 1992, na sequência de uma reestruturação de serviços, o IPPC dá lugar ao Instituto Português do Património Arquitetónico e Arqueológico (IPPAR). O MMSMT fica integrado na nova estrutura orgânica como um serviço dependente<sup>14</sup>, tendo um orçamento próprio, o que lhe conferiu certa autonomia.

Em 1997, devido à criação do Instituto Português de Arqueologia (IPA), situação que vem na sequência da descoberta das gravuras rupestres de Foz Côa, o IPPAR vê aprovada uma nova lei orgânica. Surge o conceito de património integrado, que é perfeitamente o caso de Tibães, uma vez que a preservação e valorização não é somente aplicada ao monumento, mas a toda a sua zona envolvente. A partir desta data a sua designação passa a ser *Mosteiro de S. Martinho de Tibães*<sup>15</sup> (MSMT), a qual ainda hoje detém.

Atualmente o Mosteiro de S. Martinho de Tibães já não pertence ao IPPAR, instituto que entretanto foi extinto pelo Programa de Reestruturação da Administração Central do Estado (PRACE). Está afeto à DRCN<sup>16</sup>, sediada em Vila Real.

O MSMT possui uma equipa de trabalho constituída por 20 pessoas, sobre as quais iremos apresentar mais adiante uma breve caracterização.

Debruçando-nos agora um pouco sobre a missão e objetivos organizacionais, podemos encontrar em alguns documentos (Mata & Costa 1996, 1998; Mata, 2011) que a sua missão primordial, desde a sua criação institucional, assenta na preservação do património no que toca

---

<sup>12</sup> Por testamento de D.<sup>a</sup> Maria Amália Vieira Monteiro Marques de Pádua (viúva de segundas núpcias, sem filhos e neta de António Ignácio Marques) ficou escrito que à sua morte, que aconteceu no dia 14 de março de 1971, a parte privada do Mosteiro de Tibães (edifício e cerca) seria deixada aos filhos da sua governanta a Sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Cândida Ferreira Vilaça, casada com Fernando Fernandes Agostinho. Aquando da compra pelo Estado, eram 13 os filhos herdeiros.

<sup>13</sup> Diário da República, I<sup>a</sup> Série, N.º 225 – Decreto-Lei n.º 307/90, de 28 de setembro.

<sup>14</sup> Decreto-Lei n.º 106 – F/92, de 01 de junho.

<sup>15</sup> Decreto-Lei n.º 120/97, de 16 de maio.

<sup>16</sup> A DRCN foi criada pelo Decreto-Lei n.º 215/2006, de 27 de outubro. A sua missão e atribuições estão consignadas no Decreto Regulamentar n.º 34/2007, de 29 de março. A estrutura nuclear, criada pela Portaria n.º 373/2007, de 30 de março, é composta por uma única unidade orgânica designada por Direção de Serviços de Bens Culturais (DSBC). Por Despacho n.º 24971/2007, de 30 de outubro, foram criadas a Divisão de Gestão e Planeamento e a Divisão de Promoção e Dinamização Cultural. A sua área de atuação circunscreve-se à região norte. Com o Decreto-Lei n.º 114/2012, de 25 de maio, a DRCN vê aumentada a sua responsabilidade ao receber atribuições do extinto Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico, IP (IGESPAR, IP) e oito museus do também extinto Instituto dos Museus e da Conservação, IP (IMC, IP).

ao seu estudo, inventariação, conservação, restauro e recuperação. Para isso a instituição traçou uma série de objetivos que passam por:

- fomentar e ampliar o conhecimento do Mosteiro de Tibães, da Ordem Beneditina e das suas relações históricas, artísticas, socioculturais e socioeconómicas com a região em que está inserido;
- salvaguardar todo o conjunto monástico;
- recuperar, restaurar e reabilitar os diversos espaços;
- implementar um programa de reuso que consiste em: manter a igreja do mosteiro como centro da atividade paroquial; instalar uma comunidade religiosa, responsável pela gestão de uma hospedaria e de um restaurante, devolvendo o sentido e a antiga função de uso do mosteiro, de modo a contribuir para a sua dinâmica religiosa e social; criar o Monumento-Museu, apoiado na instalação de percursos de visita e dinamização para melhor interpretar o espaço, as suas vivências e ambiências e um Centro de Informação sobre ordens monásticas e jardins históricos.

Sem esquecer a sua missão, mas sabendo que alguns dos objetivos já foram conseguidos, nomeadamente a instalação da comunidade religiosa e a recuperação de grande parte do monumento, existe mais recentemente uma reorientação<sup>17</sup> na ação do MSMT, que, segundo o atual coordenador, passa por:

- potenciar o setor agrícola através da produção de produtos certificados de marca própria;
- incentivar a produção artística tornando o Mosteiro um polo de inovação, empreendedorismo e centro de incubação de empresas culturais;
- promover a educação cultural e patrimonial apoiada na realização de visitas e outras atividades próprias (ou desenvolvidas em parceria);
- divulgar, através de diferentes meios, o Mosteiro e as suas atividades;
- fomentar a utilização das diferentes áreas do mosteiro;
- estabelecer parcerias com os mais diversos setores de atividade.

Em suma, o enorme espaço monástico, outrora dedicado à oração e ao trabalho (onde imperavam as regras do silêncio, obediência e pobreza<sup>18</sup>), consegue manter ainda hoje algumas

---

<sup>17</sup> A reorientação da ação implica também uma alteração das estruturas organizacionais internas. No anexo 01 apresentamos os vários modelos de organigrama que o MSMT foi assumindo entre 2000 e 2012.

<sup>18</sup> As regras fundamentais da ordem beneditina. A este respeito consultar a Regra de S. Bento editada pelo Mosteiro de Singeverga em 1992.

dessas características, mas tornou-se acima de tudo uma plataforma cultural multifacetada, fruto de um uso partilhado onde coabitam:

- a Paróquia de Mire de Tibães – que, para além de ter um pároco com residência permanente no mosteiro (o qual assume todas as cerimónias do quotidiano religioso), tem também outros espaços de apoio às atividades paroquiais;
- o MSMT – organização afeta à DRCN, responsável pela salvaguarda, dinamização e animação cultural do monumento;
- a Comunidade das Irmãs Trabalhadoras da Imaculada/Congregação *Donum Dei*<sup>19</sup> - pequena comunidade religiosa de seis *irmãs*, responsável pela gestão de uma hospedaria e de um restaurante<sup>20</sup>.

O MSMT atua no campo cultural sendo centro de uma intensa atividade educativa em áreas tão diversas como o Teatro, a Música, a Biologia, o Ambiente, a História, a Geologia, a Astronomia, a Agricultura, a Arquitetura ou as Artes Performativas. Não é um local estático que se limita apenas a receber exposições ou tem visíveis um conjunto de peças pertencentes a uma coleção, mas é um local onde os espaços são, por si só, partes integrantes de um *museu vivo*, constantemente animado pelas atividades religiosas que acontecem na igreja, pelos concertos e representações teatrais nas diferentes salas, pelas visitas sobre a biodiversidade ou ainda pelo trabalho agrícola na cerca, que vai modelando a paisagem ao longo do ano, *pintando quadros* reais que nos transmitem diferentes sensações. O MSMT, pretende promover o desenvolvimento pessoal, social e cultural do público que o visita, proporcionando experiências pedagógicas que potenciem o conhecimento e que pretendem operar transformação na sociedade.

#### **4. Diagnóstico de necessidades/Interesses de base para o trabalho**

O conceito de necessidade assume diferentes sentidos dependendo de quem o utiliza. Segundo Bradshaw (apud Zabalza, 1992:58-60), existem vários tipos de necessidades: a) *as necessidades normativas*, que se referem a carências individuais ou coletivas relativamente a um determinado padrão estabelecido e tido como normal; b) *as necessidades sentidas*, que têm a ver com o desejo sentido pelos indivíduos; c) *as necessidades expressas*, que se refletem na

---

<sup>19</sup> Apesar de vários esforços, não foi possível trazer novamente para o Mosteiro de Tibães uma comunidade religiosa beneditina masculina. Nesse sentido, a Diocese de Braga conseguiu o interesse das Irmãs Trabalhadoras da Imaculada, comunidade religiosa de origem francesa que se instalou em 11 de novembro de 2009 num *novo mosteiro* que ocupou os espaços do antigo noviciado.

<sup>20</sup> Entre 2006 e 2009 decorreram obras de reabilitação do antigo Coristado, Noviciado, Ala Sul e Claustro do Refeitório, espaços que tinham ficado destruídos por um grande incêndio em 1894 e pela ruína geral que se foi apoderando do edifício ao longo dos tempos. Seguindo o espírito beneditino, que refere que se deve dar assistência e hospedagem a quem a solicita, foram instalados nas zonas anteriormente referidas uma nova hospedaria e um restaurante, assim como novas celas para residência das Irmãs Trabalhadoras, responsáveis pela gestão dos novos espaços.

procura de determinados bens que se destinam a suprir as necessidades; d) *as necessidades comparativas*, que se baseiam numa justiça distributiva e na criação de condições de igualdade dos indivíduos, independentemente da sua situação social, cultural, geográfica, etc.; e) *as necessidades prospetivas*, que são aquelas que poderão ser sentidas no futuro.

Todas estas necessidades poderão ser avaliadas como: i) *necessidades prescritivas*, que derivam da análise dos programas que se pretendem realizar; ii) *necessidades individualizadas*, que têm a ver com a adaptação das coisas que se poderão fazer para a satisfação dos desejos dos indivíduos; iii) *necessidades de desenvolvimento*, relacionadas com o que poderá ser feito para além do previsto.

Ainda sobre o conceito de necessidade, acrescentamos a definição sugerida por Zabalza (1992:62) que refere que uma necessidade é constituída por uma «... discrepância que se produz, entre a forma como as coisas *deveriam ser* (exigências), *poderiam ser* (necessidades de desenvolvimento) ou *gostaríamos que fossem* (necessidades individualizadas) e a forma como essas coisas *são de facto...*».

Partindo desta reflexão, e depois de termos feito um primeiro contacto exploratório com o coordenador do Mosteiro em exercício, com o acompanhante de estágio na instituição e com os funcionários afetos aos diferentes serviços poderemos referir que, segundo os tipos de necessidades descritas anteriormente por Zabalza, o MSMT tem necessidades normativas pois, sendo um organismo público, necessita de obedecer a orientações que são emanadas da tutela. Mas essas necessidades coabitam com aquelas que são sentidas no dia a dia pelos funcionários e visitantes e por isso existe constantemente a vontade de criar estratégias que procuram suprimir ou amenizar essas necessidades no futuro (necessidades prospetivas), no sentido de contribuir para a igualdade e justiça de todos aqueles que estão, direta ou indiretamente, ligados ao Mosteiro. Todas essas necessidades derivam de fatores que, sendo identificados e estudados, poderão ajudar a colmatar no futuro tais situações. Por esse motivo, não nos centrando apenas num ponto, mas tomando como base os pressupostos de uma análise SWOT<sup>21</sup>, decidimos registar os dados recolhidos da nossa análise no quadro que se segue.

---

<sup>21</sup> O modelo SWOT é um termo de origem inglesa resultante da junção das iniciais de Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats. É uma ferramenta usada para fazer a análise de um determinado contexto institucional, permitindo encontrar as suas forças, as fraquezas, oportunidades e ameaças, essenciais para que se possam determinar os objetivos de ação.

Quadro 1 – Análise SWOT do MSMT

<b>ANÁLISE SWOT DO MOSTEIRO DE S. MARTINHO DE TIBÃES</b>	
<b>FORÇAS/PONTOS FORTES</b>	<b>CONSTRANGIMENTOS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- As obras de recuperação, restauro e reabilitação realizadas ao longo dos anos, que, para além de permitirem a fruição das diferentes áreas, contribuíram para a criação de percursos de visita, trazendo novas valências ao monumento: um novo mosteiro, uma hospedaria e um restaurante;</li> <li>- A grande escala do monumento que potencia a sua utilização em diversos eventos culturais e educativos, assim como noutro tipo de atividades que tentam/podem atingir diversos tipos de público;</li> <li>- As relações pessoais e institucionais estabelecidas com a comunidade local e outras entidades regionais e nacionais;</li> <li>- Os anos de antiguidade de serviço dos funcionários.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O processo de comunicação interno e externo (necessidade de uma estratégia de comunicação mais eficaz que reduza ruídos, evite erros e contribua mais ativamente para a divulgação do MSMT e da sua ação);</li> <li>- Apesar de algumas melhorias, os acessos a alguns espaços internos e externos do monumento por parte de pessoas com dificuldades de locomoção ainda estão muito condicionados;</li> <li>- Dificuldade no atendimento aos visitantes de língua estrangeira (ainda não existem áudio-guias<sup>22</sup> em diferentes línguas e apenas um dos trabalhadores consegue realizar visitas guiadas em inglês e francês);</li> <li>- Falta de um plano de formação para todos os funcionários;</li> <li>- A média de idades dos funcionários (bastante alta), que pode colocar problemas a breve prazo;</li> <li>- Os anos de antiguidade de serviço dos funcionários;</li> <li>- A falta de registo sistemático da história atual do MSMT como organização afeta à Administração Central do Estado (o que deixa o caminho aberto para dificuldades no seu estudo futuro).</li> </ul>
<b>OPORTUNIDADES</b>	<b>AMEAÇAS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- A grande escala do monumento;</li> <li>- As parcerias e protocolos estabelecidos com várias organizações de diferentes áreas de atividade;</li> <li>- A criatividade, a inovação e o empreendedorismo cultural, assentes numa base de diálogo constante entre as três organizações que coabitam no espaço físico do mosteiro – DRCN/MSMT; Paróquia e Irmãs Trabalhadoras da Imaculada;</li> <li>- A recente reorientação dos objetivos estratégicos do MSMT que pretende (re)adaptar as potencialidades do mosteiro ao novo contexto socioeconómico que o país atravessa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A localização geográfica (tão perto de Braga, mas ao mesmo tempo tão distante do centro da cidade devido, em grande parte, a uma rede escassa de transportes públicos);</li> <li>- As placas de indicação/sinalização são insuficientes e/ou estão mal colocadas;</li> <li>- Alteração constante das políticas governamentais relativamente à cultura e ao acesso a bens culturais;</li> <li>- A crise económica (que pode conduzir a que as pessoas não passem tanto e evitem entrar em locais com entrada paga) – a cultura vista como um bem supérfluo.</li> </ul>

## 5. Motivações/Problema de investigação

Tendo por base os resultados apresentados na análise anterior tivemos que pensar qual a área a privilegiar para a nossa intervenção durante o estágio: a mediação ou a supervisão. Sem querer deixar de parte a supervisão, pois as suas estratégias são sempre fundamentais em qualquer processo de aperfeiçoamento contínuo de trabalho, a nossa seleção acabou por recair na escolha da mediação como área privilegiada de intervenção. Foi nosso propósito desenvolver um trabalho que fosse capaz de averiguar até que ponto a mediação esteve/está ou não enraizada nos processos e práticas de trabalho de um espaço cultural como o MSMT, o que se

<sup>22</sup> Este constrangimento foi parcialmente ultrapassado em julho de 2013 com a entrada em funcionamento de áudio-guias em língua portuguesa, espanhola e inglesa.

constituiu um verdadeiro desafio, pois o contexto de intervenção trabalhado é diferente dos contextos que são tradicionalmente associados à ação da mediação. Esta seleção foi feita de forma consciente tendo em conta as motivações pessoais do mestrando. Na verdade, já desde o último ano da Licenciatura em Educação que a mediação tem sido a sua área de interesse, pois afigura-se como elemento fundamental para potenciar o exercício da atividade profissional que exerce há já 19 anos como Técnico de Serviço Educativo no MSMT. No seu dia a dia tem a necessidade constante de estabelecer contactos com diferentes tipos de público, os quais têm características próprias que devem ser tidas em conta na preparação das atividades educativas e culturais a eles destinadas. Embora sem dar por isso, na maior parte das vezes, a mediação acaba por estar presente de forma implícita na atividade laboral do mestrando. Ele viu neste trabalho a possibilidade de conhecer mais aprofundadamente a realidade que o rodeia podendo dessa forma potenciar as suas capacidades de mediador tornando-o mais competente para saber agir em conformidade com as situações quotidianas com que se depara no seu relacionamento interpessoal.

Depois de termos analisado as nossas motivações e os constrangimentos detetados na instituição através da utilização dos pressupostos da análise SWOT, reunimos com o acompanhante de estágio para tentarmos encontrar a melhor maneira de desenvolver um trabalho que fosse também capaz de ir ao encontro dos interesses da organização. Esse *momento de mediação* culminou com a definição do constrangimento que o nosso trabalho deveria resolver/amenizar e que estava relacionado com a *falta do registo sistemático da história atual do MSMT como organização afeta à Administração Central do Estado*.

Uma primeira pergunta colocou-se-nos de imediato: Qual poderia ser o contributo da mediação para eliminar/amenizar este constrangimento?

O MSMT é um espaço onde a História se sente e observa em todos os seus cantos e recantos, mas constatou-se que essa História está muito confinada ao espaço de tempo em que o mosteiro esteve ocupado pela Ordem Beneditina. Existe muita informação desse período nos arquivos do MSMT que foi sendo pesquisada e tratada<sup>23</sup> pelo grupo de investigadores que lá trabalha, informação essa que incide particularmente sobre o quotidiano monástico e, de forma geral, sobre a história Beneditina em Portugal e no Brasil. O período pós-ordem religiosa está documentado de forma parcelar, destacando-se, por exemplo, o estudo de Ademar Ferreira dos Santos que se centrou no período de tempo que vai desde o encerramento do mosteiro até à sua

---

<sup>23</sup> Muita desta informação ainda não se encontra publicada.

venda em hasta pública (1834-1864). Se pensarmos na história mais recente, reparamos que não há um trabalho de fundo no registo metódico e organizado de tudo o que se fez nas mais diversas áreas, coisa que os beneditinos tão bem sabiam fazer! A partir de 1986, data em que o mosteiro foi adquirido pelo Estado Português, encontramos vários catálogos de exposições sobre os mais diversos temas, assim como registos de inúmeros trabalhos sobre o monumento e que vão da História à Geografia, da Matemática à Sociologia, da Música à Biologia e, mais recentemente (2012), relativos à Geologia, área em que foram defendidas duas teses, uma de mestrado e outra de doutoramento, respetivamente na Universidade do Porto e na de Coimbra. Não encontramos um trabalho agregador que aborde a história recente do mosteiro nos últimos 25 anos. Pensámos que, no âmbito em que este trabalho se insere, conseguiríamos amenizar esse constrangimento, associando a uma investigação em Educação – na vertente da mediação –, uma perspetiva histórica dos principais acontecimentos que marcaram o mosteiro num tempo mais recente. O risco foi enorme, pois a tentação de sermos demasiadamente descritivos e nos desviarmos do foco central do trabalho foi uma constante. Mas aí é que residiu o desafio! Tivemos que (re)ajustar sistematicamente a nossa trajetória no sentido de aproveitarmos as potencialidades da mediação para fazermos a *ponte* entre o passado e o presente de modo a perpetuarmos a história recente do mosteiro na memória coletiva de todos.

## **6. Caraterização do público-alvo**

Atendendo a que o MSMT é uma organização de carácter cultural que pretende receber o maior número de pessoas – no sentido de se dar a conhecer, promover a cultura, o respeito para com o património, o conhecimento da história e da vivência quotidiana beneditina – e olhando para o problema de investigação que nos inquietou, poderemos afirmar que o público-alvo do nosso trabalho foi todo o grupo de pessoas que estiveram/estão de certa forma associadas à história contemporânea do mosteiro, quer como visitantes, quer como trabalhadores, antigos habitantes do monumento ou parceiros culturais. Na verdade, não podemos centrar a atenção apenas num grupo específico de pessoas quando a história recente do monumento nos mostra que ele é uma plataforma que coloca em contacto diferentes públicos. Há, no entanto, dois tipos de público que fizemos questão de caraterizar brevemente. Por um lado, os trabalhadores do MSMT, porque continuam a funcionar como elementos de ligação entre o monumento e o público, sendo portanto mediadores culturais em exercício constante!

Por outro, os seus visitantes<sup>24</sup>, porque acabam por ser o barómetro da apresentação de resultados das diferentes estratégias de mediação. A tabela 1 apresenta a caracterização geral dos trabalhadores do MSMT em 31 de outubro de 2012.

Tabela 1 – Caracterização dos trabalhadores do MSMT em 31-10-2012

Carreiras <sup>25</sup>	Idade	Sexo		Habilitações literárias	Anos de antiguidade na instituição (até 31/10/2012)
		M	F		
Assistente Operacional	42	X		6º	22
Assistente Operacional	43	X		6º	23
Assistente Operacional	47	X		4º	24
Assistente Operacional	49	X		12º	23
Assistente Operacional	55	X		4º	24
Assistente Operacional	58		X	4º	16
Assistente Técnico	37	X		Licenciatura	18
Assistente Técnico	39	X		12º	19
Assistente Técnico	40		X	12º	21
Assistente Técnico	41		X	12º	18
Assistente Técnico	46	X		12º	23
Assistente Técnico	52	X		12º	20
Assistente Técnico	53		X	12º	23
Assistente Técnico	55	X		12º	19
Assistente Técnico	58	X		12º	26 <sup>26</sup>
Técnico Superior	46		X	Mestrado	13
Técnico Superior	48	X		Licenciatura	14
Técnico Superior	49	X		Mestrado	20
Técnico Superior	51		X	Licenciatura	23
Técnico Superior	55	X		Licenciatura	1

Analisando sucintamente a tabela podemos referir que:

- O elemento mais novo da equipa tem 37 anos e o mais velho 58, sendo a média de idades de 48,2 anos. Uma média bastante elevada, contribuindo para isso o facto de 40% dos funcionários (8) terem mais de 50 anos de idade. Se daqui por alguns anos estes funcionários pedirem a aposentação e se não forem admitidos novos funcionários<sup>27</sup>, o MSMT terá a curto/médio prazo um problema sério que pode trazer graves consequências para a continuidade e qualidade das ações a desenvolver;

- 70% dos trabalhadores são homens e 30% mulheres (14 homens e 6 mulheres);

<sup>24</sup> Quando nos referimos aos visitantes do MSMT estamos a considerar não apenas aqueles que visitam o mosteiro, mas também aqueles que acabam por participar nas diversas atividades educativas e culturais que aí vão sendo realizadas.

<sup>25</sup> Carreiras gerais criadas ao abrigo do artigo 49º da Lei 12 A/2008, de 27 de fevereiro.

<sup>26</sup> Única pessoa do atual mapa de pessoal que entrou para o Mosteiro de Tibães ainda em 1986, assegurando a guardaria do monumento na fase de transição da posse privada para a posse do Estado.

<sup>27</sup> O último funcionário a entrar para o mapa de pessoal foi em 2011, mas a sua idade é superior a 50 anos. Desde 1999 que não entram pessoas que tenham menos de 50 anos de idade na data de entrada.

- As habilitações académicas vão desde a escolaridade mínima obrigatória exigida aquando da data de nomeação/celebração do contrato de trabalho (4º ano – 15%; 6º ano – 10%), habilitações médias (12º ano – 45%), até habilitações superiores ao nível de licenciatura (20%) e mestrado (10%). Atualmente não existem funcionários com o 9º ano de escolaridade;

- No que diz respeito às carreiras profissionais dos funcionários, cinco deles estão inseridos na carreira de Técnico Superior (25%), nove na carreira de Assistente Técnico (45%) e seis na carreira de Assistente Operacional (30%);

- Relativamente à antiguidade na instituição, existe um funcionário que entrou apenas há um ano, transferido de um outro local. Quanto aos restantes, o funcionário que tem menos tempo de serviço encontra-se a trabalhar há 13 anos e o que se encontra há mais tempo já o faz há 26 anos. A média de antiguidade no serviço situa-se, neste momento, nos 19,5 anos.

Quanto aos visitantes, o nosso trabalho procurou recolher informações relativamente ao número de visitantes no período que nos propusemos trabalhar (1987-2012). Apesar do MSMT ter sido imediatamente aberto ao público logo após a sua compra, o certo é que não encontramos dados relativos ao número de visitantes nos anos de 1986 e 1987. Este facto é compreensível pois foi o período em que se criaram as condições básicas de funcionamento logístico assim como se constituiu a equipa de trabalhadores. A partir de 1988 já é possível encontrar dados relativos aos visitantes. As entradas no mosteiro foram gratuitas até maio de 1991, a partir de junho desse ano começaram a cobrar ingressos, o que fez com que se começasse a fazer um registo mais rigoroso de entradas. A partir do ano de 1993 começou a ser feita uma distinção entre *visitantes comuns* e *visitantes do Serviço Educativo*<sup>28</sup>, o que permitiu fazer uma comparação sistemática da evolução destes públicos ao longo dos anos. No ano 2000, o Serviço Educativo (SE) recebeu mais dois trabalhadores, o que contribuiu para o aumento do número de atividades desenvolvidas e, conseqüentemente, para o aumento do número de visitantes que recebeu um tratamento diferenciado. No período alvo de análise, o MSMT recebeu um total de 513418<sup>29</sup> visitantes, sendo que o ano que trouxe mais gente ao mosteiro foi o ano de 2012, com 36831 pessoas<sup>30</sup>.

---

<sup>28</sup> Esta alteração resulta da entrada ao serviço, em setembro de 1992, de um técnico superior com a função de promover e dinamizar o MSMT.

<sup>29</sup> Este número refere-se apenas aos visitantes do MSMT como organização afeta à Administração Central do Estado. Se quiséssemos obter o número total de utilizadores do monumento teríamos que acrescentar o número de pessoas que participam nas mais diversas atividades e cerimónias paroquiais e, a partir de 2010, os utilizadores da hospedaria e do restaurante.

<sup>30</sup> Sobre o ano 2012 consultar dados mais completos no apêndice 01.

## **CAPÍTULO II**

### **ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

#### **1. Introdução**

A partir do momento em que definimos um problema começamos desde logo a pensar qual o enquadramento teórico que temos que desenvolver no sentido de podermos compreender melhor determinados fenómenos. Quivy & Campenhoudt (2008:89) referem que «a problemática é a abordagem ou a perspetiva teórica que se decide adotar para tratar o problema colocado pela pergunta de partida. É uma maneira de interrogar os fenómenos estudados». Este trabalho é fundamental porque se assume «... como um interface entre a delimitação do problema e a formulação da hipótese, bem como dos passos seguintes da investigação» (Almeida & Freire, 2008:42).

Frequentemente, quando nos propomos desenvolver um trabalho de investigação, temos uma ideia preconcebida de que não existe nada sobre o tema que queremos desenvolver, mas, na verdade, tal não acontece. Como refere Clara Coutinho (2011:55),

«o investigador nunca parte do zero. Existe um corpo de conhecimento que foi estabelecido por outros investigadores, e, por isso, a literatura publicada constitui um importante recurso para o investigador no processo de planificação, implementação, interpretação e difusão dos resultados da investigação que vai iniciar».

Importa por isso ser paciente e procurar bibliografia que nos auxilie a fundamentar o nosso trabalho. Foi isso que fomos fazendo, tendo sempre presente a ideia de que a revisão da literatura estaria permanentemente aberta a novos contributos, pois, assentando o nosso trabalho em metodologias de tipo qualitativo, partilhamos da opinião de Bogdan & Biklen (1994:105) quando referem que não se deve fazer inicialmente uma revisão de literatura muito elaborada sem antes realizar algum trabalho de campo, pois, «nas fases iniciais de um estudo não se pode saber qual a literatura a articular com os dados relevantes que venha a obter».

Atendendo ao problema que nos propusemos investigar e ao local onde realizámos o estágio, considerámos fundamental desenvolver a nossa fundamentação teórica em torno da clarificação concetual de termos como mediação, cultura, museus, património e educação, para que assim conseguíssemos compreender melhor o que é a mediação socioeducativa e cultural, a educação histórica e as suas ligações/influências com o trabalho que desenvolvemos.

## 2. Mediação: perspetivas de um conceito emergente

*Mediação* é uma palavra que encontramos frequentemente no nosso vocabulário, estando associada a diversos contextos do nosso quotidiano. Assistimos à sua utilização no meio laboral, educativo, religioso, judicial, familiar e cultural. A mediação e os mediadores *estão na moda!* Será que *quem quer estar na moda* sabe o verdadeiro significado dos termos que usa? O que será a mediação?

Jares (2002:153) considera que «a mediação é um procedimento de resolução de conflitos que consiste na intervenção de uma terceira parte, alheia e imparcial em relação ao conflito, aceite pelos litigantes e sem poder de decisão sobre eles, com o objetivo de facilitar um acordo por meio do diálogo e da negociação». Na mesma linha de pensamento, Six (1990:165) define a mediação como «... action accomplie par un tiers; entre des personnes ou des groupes qui y consentent librement, y participent et auxquels appartiendra la décision finale; destinée soit à faire naître ou renaître entre eux des relations nouvelles, soit à prévenir ou guérir entre eux des relations perturbées»<sup>31</sup>. Por sua vez Fritz (2004:09) considera que a mediação é «... un processus de non-confrontation, semi-structuré et créatif dans lequel un ou plusieurs individus impartiaux aide(nt) les parties en conflit»<sup>32</sup>. Na aceção de Bonafé-Schmitt (2009:20),

«a mediação pode ser definida como um processo mais frequentemente formal pelo qual um terceiro imparcial, o mediador, tenta, através da organização de trocas de opiniões entre as partes permitir-lhes confrontar os seus pontos de vista e procurar com a sua ajuda uma solução para o litígio que os opõe».

Olhando para estas definições sobressai de imediato uma ideia comum sobre a mediação que a associa quase exclusivamente à resolução de conflitos existentes entre dois ou mais intervenientes. Outra ideia concebe a mediação como sendo um processo onde os litigantes aceitam participar de forma espontânea, permitindo a intervenção de um terceiro elemento, (que deve ser) imparcial e capaz de estabelecer um canal de comunicação que facilite o diálogo entre as partes, contribuindo dessa forma para a tomada de consciência do papel que cada um tem na decisão final do conflito.

Estas perceções sobre a mediação deixam ainda no ar várias interrogações e uma delas, talvez a mais comum e que nos deixou também intrigados, tem a ver com o facto de sabermos

<sup>31</sup> Tradução para português: «a mediação é uma ação realizada por um terceiro entre pessoas ou grupos que nela concordam livremente participar e aos quais cabe tomar a decisão final destinada a fazer nascer ou renascer entre eles novas relações ou a prevenir e a curar relações perturbadas».

<sup>32</sup> Tradução para português: «... a mediação é um processo de não confrontação, semiestruturado e criativo, no qual um ou mais indivíduos imparciais ajudam as partes em conflito».

distinguir num conflito se o trabalho que está a ser feito para a sua resolução se enquadra no âmbito da mediação, da arbitragem ou da conciliação. Bonafé-Schmitt (2009) apresenta uma breve reflexão sobre este assunto, ajudando-nos desta forma a dissipar algumas dúvidas. Assim, considera que a conciliação pode ser entendida como um processo onde as partes envolvidas no conflito tentam solucionar o litígio que as opõe através da aproximação dos discursos. Neste processo pode intervir uma terceira pessoa, não para solucionar o conflito, mas para ajudar no restabelecimento da comunicação entre as partes, favorecendo assim a discussão e a procura de soluções viáveis para o problema.

No caso da arbitragem, a intervenção de uma terceira pessoa (o árbitro) tem como finalidade ouvir e compreender as razões que levaram ao surgimento do conflito. A sua função é precisamente emitir uma decisão devidamente fundamentada que implique a responsabilidade mútua dos envolvidos e acabe com o conflito.

Por seu turno, entende a mediação como «... um procedimento intermédio entre a conciliação e a arbitragem porque implica a intervenção de uma terceira pessoa, o que nem sempre é o caso em matéria de conciliação. Mas este terceiro elemento, não dispõe, ao contrário do árbitro, do poder de pôr fim ao litígio» (*idem*:20). Assim, cabe ao mediador ouvir as partes, compreender os seus pontos de vista e (re)estabelecer um canal de comunicação que seja capaz de (re)criar momentos de troca de opinião entre elas. O seu papel não é o de apresentar soluções, mas centra-se na ajuda que lhes presta na procura conjunta e consciente de um caminho que seja benéfico para todos e que solucione/amenize o conflito.

A definição de mediação muito associada ao conflito foi-se modificando ao longo do tempo, sofrendo sucessivas reconfigurações que a fizeram *saltar os muros* da unilateralidade para criar estruturas que lhe permitiram estabelecer *pontes* com outras áreas do saber, conferindo-lhe desta forma um carácter interdisciplinar. Referindo-se ao caso francês, o autor (*idem*:17-19) apresenta-nos a evolução cronológica da mediação, a qual assenta em quatro etapas. A primeira diz respeito aos anos setenta do século XX quando na França e nos Estados Unidos se encarava a mediação como um tipo de justiça informal utilizado para a resolução de conflitos de forma alternativa à via judicial. A segunda etapa do processo de autonomização da mediação acontece nos anos oitenta quando a mediação começa a ser aplicada no terreno – inicialmente em experiências nos domínios familiar e penal e posteriormente noutros contextos sociais como o escolar, o intercultural e até o empresarial. A terceira etapa chega nos anos

noventa e está relacionada com a institucionalização da mediação, consubstanciada, em grande parte, pela produção bibliográfica específica e pela criação de associações de mediadores.

Por fim, considera que ainda há lugar para uma quarta etapa, à qual decide chamar de «hegemonia paradoxal da mediação», na medida em que, apesar de esta ter conseguido a institucionalização, tal não significou ter ficado mais forte, pelo contrário, o seu ânimo e pujança iniciais parece que enfraquecem continuamente. Tal situação foi provocada pela apropriação do conceito noutras áreas para além da da resolução de conflitos, fazendo assim com que o termo se começasse a diluir, levando a considerar a mediação «... não como uma simples técnica de resolução de conflitos, mas como um novo modo de regulação social» (*idem*:19).

Se olharmos para o percurso histórico da mediação em Portugal, constatamos também que, neste campo específico, o país voltou a confirmar a tendência de estar *na cauda da Europa*, tal como acontece em muitas outras áreas do conhecimento – seja ele científico, técnico ou social. Correia & Caramelo (2010:23) referem que «... a perceção política da mediação em Portugal se dá pelo menos mais de uma década depois do que acontece em países como a França ou mesmo a Espanha, já para não falar do movimento precursor nos Estados Unidos e no Canadá que durante os anos de 1970 se desenvolve».

No caso português, o aparecimento formal da mediação acontece nos anos noventa do século passado, tal como podemos constatar no levantamento de documentos normativos que nos é apresentado por Ana Maria Silva (2011:252).

Para Correia & Caramelo (2010) existem três períodos distintos e perfeitamente delimitados da mediação em Portugal. O primeiro período – definido como sendo o da emergência – é aquele que vai até meados dos anos noventa do século XX, altura em que começam a surgir os primeiros documentos legais relacionados com a mediação. O segundo período – o da expansão – está balizado entre meados dos anos noventa e o início do século XXI e diz respeito ao alargamento da esfera de influência da mediação, assim como ao início do discurso em torno da definição e enquadramento legal dos profissionais a ela ligados. Assiste-se neste período à chegada da mediação aos campos social, comunitário, familiar, escolar e judicial. Por fim, o terceiro período – designado como sendo o da consolidação – de certa forma não esquece os dois momentos anteriores, mas acentua o esforço na especialização da mediação e dos seus profissionais, pretendendo incluir o conceito no discurso político de modo a operar uma transformação mais profunda entre a relação da mediação com os mediados. Assiste-se à reconfiguração da definição da mediação que passa da simples resolução de

conflitos a um importante veículo propulsor da coesão social. Nas palavras de Demazière (2010:103),

«..., a mediação aparece, simultaneamente, como um slogan mobilizador, como um novo remédio e como um referente das políticas sociais. Se a temática da mediação social se evidenciou tão rapidamente, é porque é considerada como um método inédito e, assim, não esgotado (ainda?) para criar e melhorar as relações sociais distendidas, regular os conflitos da vida diária, assegurar a concórdia no espaço público».

Esta mudança do campo de atuação da mediação, com o conseqüente aumento do seu raio de ação, acontece coincidentemente num período em que se assiste a uma mudança nos paradigmas de investigação, o que nos leva a refletir mais profundamente sobre este fenómeno.

Recuemos até ao tempo em que o paradigma científico era dominante na sociedade. Este era baseado na certeza, na classificação e assente na ideia que Sousa Santos (1987:15) refere de que tudo aquilo «... que não é quantificável é cientificamente irrelevante. (...) Conhecer significa dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou». Este foi um período de certezas, onde tudo estava (ou deveria estar) explicado por leis científicas, com um fim previsível e um resultado certo. Foi um período caracterizado por grandes desenvolvimentos técnicos e científicos – os quais alteraram por completo a forma de vida de toda a Humanidade –, onde a busca incessante da justificação científica para todos os problemas levou também a que o aprofundamento desse conhecimento colocasse a descoberto uma grande fragilidade das suas bases, uma vez que se chegou à conclusão de que nem tudo é quantificável. Este é o momento em que desponta a ideia de uma nova revolução científica «... onde o paradigma a emergir não pode ser apenas um paradigma científico (o paradigma de um conhecimento prudente), tem de ser também um paradigma social (o paradigma de uma vida decente)» – (*idem*:37), convergente para um conhecimento total, que alia conhecimento científico e conhecimento do senso comum, valorizando a aprendizagem ao longo da vida como vertente educativa fundamental para a construção de um homem novo. Segundo Delors *et al* (1996:101), este tipo de educação apoia-se «... em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser».

A educação e a formação são então orientadas para capacitar o Homem no sentido de que este consiga desenvolver capacidades e *habilidades* que lhe permitam viver e intervir em contextos cada vez mais incertos, sendo ainda capaz de operar mudanças que possam «evitar o aumento do desemprego, a exclusão social ou as desigualdades de desenvolvimento» –

(idem:18). Os constrangimentos anteriormente referidos estão associados, em grande parte, aos efeitos da globalização<sup>33</sup> – técnica, científica, económica, cultural – e que se traduziram, fundamentalmente, em mudanças sociais. Estas pretendem responsabilizar o indivíduo – como cidadão pertencente a determinada comunidade – pelos seus atos e pelo caminho que decidiu seguir, fazendo-lhe crer que, num verdadeiro espírito democrático, os Estados promovem a igualdade de direitos, colocam à sua disposição as (supostas) oportunidades, as quais só quem não quer é que não as aproveita. Com a globalização, o conceito de cidadania sofre também uma reconfiguração. Estando inicialmente restrito ao espaço do Estado-nação, vê agora alargado o seu raio de abrangência a um contexto macro. O cidadão deixa de pensar nos seus direitos a nível local e passa a perspectivá-los a nível global, o que, inerentemente, cria um grande clima de incerteza, pois poderá ter que abdicar de tudo aquilo que conseguiu ao longo dos anos a nível de direitos, liberdades e garantias, enquanto membro de um Estado-nação, para ser admitido como um cidadão pleno da *aldeia global*, gerida agora por outras normas.

Os sistemas de ensino e as políticas educativas deixam de ser pensados unicamente para o *consumo interno*, ficam vulneráveis a influências de órgãos supranacionais, tornando-se por isso mais voltados para o espaço global, onde impera novamente um sistema capitalista de produção, mais preocupado com a competitividade económica e com os mercados financeiros e onde a lógica fundamental é a obtenção máxima de lucro. Assistimos ao regresso do pensamento tayloriano, agora «travestido» (Lima, 1994:121) e escondido sob a capa de um sistema democrático que, afinal, não se esqueceu de sobrepor às necessidades do indivíduo a obsessão desmedida pela avaliação, pela concretização de objetivos e o conseqüente aumento da produtividade, desarmando-o de pensamento, de capacidade de reflexão, de convivência social, impelindo-o para situações que o colocam em tensão constante!

Emerge neste contexto a figura do projeto<sup>34</sup> como meio fundamental para o indivíduo fazer parte integrante de um novo tipo de sociedade, mas também como fator de exclusão daqueles que não o possuem. Estão assim criadas as condições para o surgimento mais frequente de conflitos. Mas o conflito, que até agora era normalmente percebido como um fenómeno de incompatibilidades entre maneiras de ser, de sentir e de pensar (e que tinha uma conotação negativa), passa a ser entendido como um acontecimento positivo, a partir do qual

<sup>33</sup> Giddens (1991:60) interpreta a globalização «... como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem-se deslocar numa direção inversa às relações muito distanciadas que os modelam. A *transformação local* é tanto uma parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e do espaço».

<sup>34</sup> O projeto é uma figura que ganha especial destaque no período pós-moderno e que para Barbier (1996:47,49) pressupõe «... a existência de um desejo de produção de mudança» porque «...não incide sobre uma ação realizada, mas sobre uma ação a realizar». Num contexto de incerteza, a figura de projeto é o apoio de um novo paradigma social.

poderemos extrair as suas potencialidades como força geradora de transformação e agente de mudança, capaz de envolver o cidadão na tomada de decisão consciente e orientada para a vida em sociedade. Correia & Caramelo (2010:27) defendem que se «... supõe a reabilitação do conflito (social, interindividual e intraindividual) como modo de existência dos indivíduos e das sociedades e condição de uma transformação mais participativa e preocupada com as questões da vida em comum».

Está assim aberto o campo para a entrada em cena da mediação! Não no sentido restrito da resolução específica de conflitos, mas agora munida de uma nova capacidade que, segundo Bonafé-Schmitt (2010:53), a orienta para «... um novo modelo de regulação de um novo modo de ação anunciando uma recomposição das relações entre o Estado e a sociedade civil». Esta nova perceção da mediação acarreta consigo implicações que produzem alterações nos paradigmas educacional (mudança da lógica da transmissão de conhecimentos para a lógica da aprendizagem ao longo da vida) e sociocultural – «... o qual supõe uma maior incidência na compreensividade (auto e intercompreensão), maior abertura à pluralidade (de experiências, de culturas, de singularidades) e maior valorização da participação e da cidadania ativa» (Silva, 2009:102). Assim, apesar de não conseguir libertar-se da sua vertente ligada à resolução de conflitos, a mediação adquire novas capacidades que lhe permitem uma polivalência de atuação na sociedade. Guillaume-Hofnung (2005, *apud* Silva & Moreira 2009:07) refere que existem «... duas grandes formas de Mediação: a mediação de diferenças e a mediação de diferendos». Se a primeira se preocupa em intervir na sociedade de uma maneira mais preventiva e antecipadora – (r)estabelecendo a comunicação e interação com indivíduos e grupos –, a segunda está mais centrada na ajuda a prestar aos mediados no sentido de prevenir e resolver os conflitos que os opõem, sendo também preventiva, mas essencialmente curativa.

Na perspetiva de Torremorell (2008) a mediação pode ser desenvolvida segundo três modelos: o modelo de solução de problemas, o transformativo e o comunicacional.

O modelo de solução de problemas tem como objetivo a obtenção de um acordo que solucione o conflito, dando por isso especial relevância ao processo e ao papel assumido pelos mediadores na descoberta das soluções que melhor satisfaçam os interesses das partes envolvidas no processo. É um modelo mais técnico, pragmático, pouco interativo e despreocupado com os aspetos subjetivos que possam estar relacionados com o conflito.

O modelo transformativo, estando mais centrado nas pessoas e nas suas relações, deixa para trás a excessiva importância do *eu* para preocupar-se com o *nós*. Perceciona o conflito

como uma relação dialética capaz de contribuir para o desenvolvimento moral, operando assim mudanças nas relações interpessoais e contribuindo dessa forma para o crescimento holístico dos intervenientes no conflito. Neste modelo, a transformação do sentido do conflito tem dois níveis: o descritivo (preocupado com as alterações a nível social) e o prescritivo (centrado no modo de agir adotado para realizar as mudanças). Em qualquer um deles a transformação pode ser observada em quatro dimensões: a pessoal; a relacional; a estrutural e a cultural (*idem*:49). As duas primeiras dimensões estão centradas na transformação que o conflito pode trazer para a pessoa e para as suas relações, ao passo que as restantes se preocupam com o conhecimento das condições que levam ao surgimento do conflito (dimensão social) e à perceção que as pessoas fazem dele, de modo a que fiquem consciencializadas das implicações e transformações que o mesmo pode operar na cultura do grupo (dimensão cultural).

Por fim, o modelo comunicacional. Este dá ênfase à comunicação como sendo o elo de ligação entre todos os intervenientes e conteúdos do conflito. Foca-se no processo e entende a comunicação como o principal fator relacionado com o surgimento dos conflitos, mas considera também o elemento essencial para o renovar de narrativas que sejam capazes de gerar um novo caminho, conducente à compreensão e resolução do conflito. Para Torremorell (2008:52), «..., os diálogos que se estabelecem no processo mediador permitem projetar novas possibilidades, criar a partir de incertezas e especular a partir daquilo que ainda não existe».

### **3. Os museus... Espaços de cultura e de mediação**

Depois de todo este enquadramento teórico sobre a mediação, consideramos ser agora o momento ideal para nos voltarmos especificamente para o nosso contexto de intervenção e clarificarmos alguns conceitos que lhe estão associados. Desde logo, sendo o MSMT um local onde os espaços são parte integrante de um percurso onde se podem observar várias manifestações de arte – talha, escultura, pintura, azulejo – correspondentes a períodos distintos da nossa história, convém que se clarifique até que ponto este monumento se enquadra na definição atual de museu.

Eça (1997) apresenta a evolução deste conceito ao longo dos tempos salientando que a palavra *museu* teve a sua origem no termo *Mouseion*, o qual simbolizava o *Templo das Musas*. O museu aparece assim associado a um templo, um local importante e de respeito onde poderiam ser guardados objetos importantes, raros, *divinos*, preciosos. Pardal (2008) indica que, como espaço físico, o museu surge ainda no séc. III a.c. associado a uma das alas da biblioteca

de Alexandria onde se reuniam estudiosos de diversas áreas do saber. Na Idade Média verifica-se que a Igreja teve também um papel importante na construção do significado do museu pois começou a guardar o espólio que ia recolhendo das cruzadas. O período das descobertas, que conduziu ao contacto com outros povos e culturas, permitiu que houvesse vontade dos navegadores e exploradores em trazerem para os seus países de origem uma prova da sua passagem por *novos mundos*, o que resultou no depósito e exposição (desordenada) de inúmeros artefactos em grandes salas – os chamados *gabinetes de curiosidades*.

Apesar do séc. XVII ser um período em que nas classes elitistas surgem ações que conduziram à criação de coleções, para Pardal (2008:82) «..., o primeiro verdadeiro museu público moderno de arte, (...) foi o Museu do Louvre; solenemente inaugurado no dia 10 de agosto de 1793 com a denominação de *Museum dès Arts*, com finalidade recreativa e cultural». O séc. XIX foi o período de expansão dos museus um pouco por todo o mundo. Em Portugal, em consequência da guerra civil que opôs os Liberais aos Absolutistas, dá-se o encerramento das ordens religiosas e, por ordem de D. Pedro IV, surge em 1833 o primeiro museu português – o Museu Portuense de Pinturas e Estampas<sup>35</sup>, o qual foi utilizado como depósito dos bens confiscados aos conventos e mosteiros do Porto e arredores (incluindo os do MSMT). Podemos no entanto acrescentar que, não terá sido este o primeiro museu português, uma vez que no MSMT existe a referência que no triénio de 1813-1816, a partir de *humas cellas velhas se reformou huma magestoza, e esbelta Caza para Pinturas*<sup>36</sup> para albergar a coleção de pintura que o ex-monge Frei José d'Apresentação (pintor José Teixeira Barreto) deixou à Congregação. Nesta nova *Caza* também podiam admirar de forma organizada *hum copiozo Muzeu de raras e antigas Medalhas*<sup>37</sup>.

O séc. XX foi o da afirmação dos museus. Para além daqueles que ficam afetos ao Estado, vão surgindo novos museus criados por entidades privadas e/ou públicas (com especial destaque para os museus municipais), dedicados a diferentes áreas específicas, mas também vocacionados para intervir e interagir de uma forma geral com o meio em que se inserem, tal como se verifica com os ecomuseus. É também neste século que o clima de incerteza que se vive na sociedade em geral conduz a que os museus tenham que proceder a uma transformação da sua estrutura funcional e educativa, tornando-os mais abertos no seu relacionamento com a

<sup>35</sup> Este museu funcionou no antigo Convento de Santo António, no Porto. Em 1911 passa a designar-se Museu Nacional de Soares dos Reis. O seu acervo foi transferido em 1940 para o local que ainda hoje ocupa: o Palácio das Carrancas. Informação disponível em [http://mnsr.imcip.pt/pt-PT/menu\\_historia/HighlightList.aspx](http://mnsr.imcip.pt/pt-PT/menu_historia/HighlightList.aspx), acedido em 07-03-2013.

<sup>36</sup> Arquivo Distrital de Braga – Universidade do Minho, Fundo Monástico Conventual, Congregação de São Bento de Portugal, *Estados de Tibães* (1813-1816), Pasta 113, fls. 15-15 v. Informação recolhida por Oliveira & Mata (s/d). Arquivo do MSMT. Sobre este assunto confira também Mata (2011:110).

<sup>37</sup> *Idem*.

sociedade, adaptando-se gradualmente às solicitações dos públicos que os visitam, reconfigurando assim a sua oferta educativa e cultural. O museu, visto até então como espaço de cultura elitista, ocupando edifícios maioritariamente austeros, começa a sofrer uma crise de identidade que o *obriga* a fazer uma autossupervisão sobre a sua ação no sentido de (re)definir a sua missão, criando novas estratégias que permitam a construção e a consolidação de uma verdadeira *democracia cultural*. Desta forma, «o fim do museu (para uns) revela-se, assim, o início de um novo museu, em que já não existe como um lugar de certezas e que se recusa a enquadrar nos limites preconizados pela tradição» (Pardal, 2008:66). Neste sentido, Susana Silva (2001:135) defende que, o grande desafio dos museus passa também por um novo conceito de ação, que faça com que o museu seja capaz de

«... desenvolver uma diversificada oferta de atividades e uma mais próxima relação com as comunidades envolventes. Um museu interativo, flexível e interveniente, onde a aprendizagem se processe de forma dialogante e duradoura. Um museu capaz de integrar o debate e a mudança de forma construtiva e participada».

Esta nova corrente de pensamento tem os seus reflexos não só na oferta educativa, mas também ao nível de outras áreas, nomeadamente na arquitetura. Nos últimos anos, alguns dos mais emblemáticos edifícios mundiais são museus, note-se o caso dos museus Guggenheim de Nova Iorque e de Bilbao. Em Portugal, temos também alguns exemplos do género como são os museus de Serralves, da Luz, do Côa ou de Ílhavo. Os novos edifícios são desenhados por forma a aproveitarem ao máximo as condições naturais de luz, permitirem a plasticidade dos espaços internos e a sua adaptabilidade à realização, em simultâneo, de exposições ou outros eventos culturais, marcando a sua presença de forma significativa na paisagem através das suas linhas e formatos *anormais*. Uma maneira de questionamento constante, de curiosidade para quem passa, de mediação entre o meio e a instituição museológica e de (re)definição de uma identidade que se pretende enquadrar na mais recente definição de museu defendida pelo International Council of Museums (ICOM) que refere que «o museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite» (ICOM, 2007)<sup>38</sup>.

Mas que consequências trará ao museu esta transformação (necessária) que se lhe pede? Será que ao abrir as portas a outras áreas culturais, na busca de uma nova identidade, a

---

<sup>38</sup> Disponível em [http://www.icom-portugal.org/documentos\\_def,129,161,lista.aspx](http://www.icom-portugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx), acedido em 07-03-2013.

sua missão principal de espaço de conhecimento não será banalizada e dará lugar a mais um espaço de lazer?

Davallon (1997) faz uma reflexão entre o conceito de museu – analisado sob o ponto de vista tradicional, associado a um espaço de visita onde emerge o património edificado e as coleções que encerra – e o local que pode receber exposições de outras áreas de conhecimento ou eventos realizados por diferentes setores de atividade, que o transformam dessa maneira num espaço cultural. Esta alteração de sentido e de perceção do museu decorre, por um lado, da vontade de o tornar cada vez mais democrático, mas por outro, da necessidade permanente de gerar receita que sustente/amenize os custos de funcionamento da instituição. Assim, as direções dos museus têm desenvolvido uma série de iniciativas que visam tornar o espaço museológico cada vez mais atrativo, capaz de chamar a si mais público, oferecendo uma vasta programação cultural que se torna motivo de competição com outros espaços ligados à cultura tais como as bibliotecas, os teatros e os cinemas. O museu, como espaço privilegiado de observação, estudo e divulgação do património, começa a partilhar o seu *habitat natural com outras espécies de programas culturais*<sup>39</sup> que podem viver em *simbiose com o meio em que se instalam* ou, simplesmente, *passam a ser os predadores da espécie nativa* (entenda-se aqui a espécie nativa como o museu e as suas coleções originais), podendo-o *dizimar* a curto/médio prazo. O museu, na preocupação constante de atrair diferentes segmentos de público, de ser um espaço de negócio, passa a correr o risco de tornar-se um novo *gabinete de curiosidades*, tal a variedade das ofertas culturais que proporciona de maneira mais ou menos organizada.

Mas esta reflexão não deixa de parte uma outra ideia fundamental. É que, independentemente das sucessivas transformações que o museu tem sofrido, ele é e sempre será um instrumento fundamental a ter em conta na educação permanente das pessoas, a qual, presentemente, para além da escolaridade obrigatória, dá especial ênfase às aprendizagens registadas ao longo da vida. É um tipo de educação que necessita constantemente de ser nutrida, alimentada, para que, como pessoas que somos, possamos encontrar o melhor caminho, aquele que nos conduza ao máximo de perfeitibilidade e bem-estar físico e emocional. Dias (2009:23-24) considera que a educação é um

«... processo em que nos encontramos envolvidos “todos os indivíduos e todos os órgãos da sociedade”, “todos os povos e todas as nações”, e que consiste em utilizarmos os recursos (do ecossistema) em ordem a contribuirmos para criar as melhores condições (na comunidade) para

<sup>39</sup> A título de exemplo, em 2012, o MSMT promoveu 117 atividades diferentes, tendo sido realizadas 928 sessões onde participaram 22779 pessoas (61,85% do total de visitantes do ano em questão). Apêndice 01.

que todos os membros da Família Humana, com prioridade para os mais desfavorecidos, crescamos e nos desenvolvamos em todas as dimensões do ser e ao longo de todas as fases da vida, no sentido de, com a inteligência discernirmos e com a liberdade decidirmos seguir o caminho reto (direto, ético) que nos conduz ao reconhecimento e ao respeito pela dignidade humana, em nós próprios e em todos os outros e à plena realização de cada um de nós (nos planos, pessoal, social e profissional), da inteira comunidade humana de que fazemos parte e, em última análise, do universo em que existimos».

As experiências vivenciadas em contextos educativos não-formais, onde os museus se inserem, permitem assim o desenvolvimento de competências que ficarão em potência, prontas a serem convocadas na devida altura, neste mundo de incerteza, onde é cada vez mais importante termos a *habilidade* necessária para vivermos e *sobrevivermos*.

A função educativa é indissociável da atividade dos museus, por isso, nas últimas décadas, os museus têm encetado esforços para desenvolverem um setor educativo na sua estrutura interna. Essa necessidade teve um reconhecimento legal em 2004 através da publicação da Lei-quadro dos Museus<sup>40</sup>, na qual, pelo artigo 42º, a *Educação* está estabelecida como uma das principais funções museológicas. O museu ficou assim com a obrigatoriedade de desenvolver sistematicamente programas de mediação cultural e atividades que contribuam para o acesso ao património cultural. O ponto dois desse artigo refere que «o museu promove a função educativa, tendo em vista a educação permanente».

No caso português, o setor educativo dos museus tem o seu início formal no Museu Nacional de Arte Antiga, em meados do século passado, por ação de João Couto e Madalena Cabral (Nunes, 2010:23). Fruto da evolução política e social que foi acontecendo em Portugal e da reconfiguração do papel do museu de que anteriormente falámos, o setor educativo foi conquistando progressivamente o seu espaço no seio da estrutura organizacional do museu. Para Camacho (2007:28), os Serviços Educativos são

«... uma estrutura organizada, dotada de recursos mínimos, designadamente pessoal, inscrita organicamente no museu em que se insere, mesmo que de maneira informal, que desenvolve ações dirigidas ao público, com objetivos educativos. Ao serviço educativo compete o cumprimento da função museológica de educação, uma das indispensáveis funções inerentes ao conceito de museu, que se articula com as restantes funções museológicas de estudo e de investigação, de incorporação, de inventário e de documentação, de interpretação e de exposição».

A sua função já há muito tempo que deixou de ser apenas a de um serviço que prepara e realiza uma visita de carácter geral a um grupo escolar, assente numa perspetiva positivista, em que o público apenas recebe informação e não tem possibilidade de interagir. Atualmente

---

<sup>40</sup> Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto.

«os museus aspiram a deixar de ser repositórios de conhecimento e de objectos para serem lugares de maravilhamento, de encontro, de reflexão, de criatividade e de aprendizagem fazendo, simultaneamente, parte de outras formas de aprendizagem e promovendo-se enquanto parte integral das infraestruturas de aprendizagem (Semedo & Ferreira, 2001:99)».

Cabe assim ao SE estabelecer a relação entre a instituição que representa e o público que pretende integrar e incluir nas suas ações. Constitui-se como um mediador que procura dar a conhecer o museu através da apresentação de diversas propostas de atividades, procurando ouvir as necessidades, anseios e desejos do *outro* – o público – contribuindo para o estabelecimento de um diálogo promotor de espaços de partilha e de debate de ideias que conduzam à criação de novas atividades potenciadoras de experiências significativas e duradouras nos visitantes. Apoia-se num novo processo de comunicação (que deve ser) permanentemente atualizado, onde o público tem um papel ativo, podendo apresentar as suas experiências como forma de as relacionar com as novas aprendizagens que está a vivenciar – a teoria construtivista da educação. A este respeito refere Susana Silva (2004):

«A educação nos museus tem vindo a dar uma ênfase cada vez maior à aprendizagem como processo ativo e partilhado de construção de significados para o mundo que nos rodeia. Os museus são espaços de sociabilidade que potenciam a troca de ideias e promovem a aprendizagem social, fomentam o contacto e a comunicação entre as audiências e privilegiam o desenvolvimento de experiências complexas e globais, que conjugam os contextos pessoal, social e físico, a trilogia que nos permite aprender e guardar memórias».

O SE do museu, ou de qualquer outro espaço cultural, tem assim como principal missão encetar processos de mediação constantes que sejam capazes de colocar em contacto o saber gerado em torno do/pelo espaço físico e organizacional e os sujeitos, apostando no diálogo e na reflexão mútua como forma de promover a democratização cultural. Para Dias (2009:123), a cultura é um «... conjunto de maneiras coletivas de sentir, pensar e comportar-se nas dimensões física, intelectual, moral e espiritual, envolvendo atitudes, crenças, hábitos, costumes, tradições, princípios e valores de um determinado grupo humano». Cabe assim ao técnico do SE funcionar como mediador do espaço que representa, da(s) cultura(s) onde se insere e da(s) cultura(s) do(s) público(s) que recebe. Deve ter sempre presente a importância de «celebrar a diferença em vez de a penalizar» (Torremorell, 2008:81), colocando em evidência a singularidade e a diversidade humana, servindo como «... ponto de encontro daqueles que são diferentes sem cair na tentação de os homogeneizar (*idem:ibidem*). O mediador tem que ser alguém multifacetado, capaz de reunir qualidades que o façam distinguir dos demais profissionais envolvidos em

situações que requerem mediação. Terá que ser competente, ou seja, possuir um *empowerment* (capacitação) que lhe permita saber agir em conformidade com as situações concretas com que se vai deparando, mobilizando todas as suas experiências e os seus recursos, sejam eles teóricos, técnicos ou práticos. Não importa colocar apenas em contacto os intervenientes do processo, importa sim que esse contacto seja promotor de transformação social. Para Freire (2009:43), cada situação de mediação coloca desafios específicos que «... exigem arte, no sentido em que o mediador tem de ser criativo, original, inovador». Refere ainda que (*idem*:45)

«a formação dos mediadores, para além de incluir necessariamente as componentes da comunicação, da diversidade, da interculturalidade, da ética e da deontologia (...) será sempre inacabada e, por isso, orientar-se-á para uma formação contínua e permanente na qual a vivência das experiências profissionais e a reflexão individual e em equipa serão oportunidades de desenvolvimento profissional, no sentido da construção do autoconhecimento propiciador da construção de um estilo pessoal do mediador, tão importante para o desempenho das suas funções».

Desta forma, o mediador não poderá desenvolver um processo de mediação efetivamente válido e produtivo com o público individual e com entidades coletivas se não fizer despoletar em si o primeiro processo de mediação. Ou seja, o mediador tem que conhecer-se a si próprio, *saber ler-se* para poder interpretar o espaço de trabalho e os seus objetivos de modo a poder estabelecer *pontes* com outro(s) público(s). Terá que ter a capacidade de ser polivalente<sup>41</sup> pois só assim poderá atuar em diferentes contextos, sejam eles, escolares, familiares, associativos e comunitários. Mas, enquanto estes estão mais centrados na resolução de conflitos, na regulação das relações sociais e humanas, há outros contextos que funcionam mais na vertente educativa, quer formal, não-formal ou informal. O contexto de intervenção do nosso estágio enquadra-se no campo da educação não-formal e por isso a mediação privilegiada é uma mediação socioeducativa, uma vez que as práticas que se desenvolvem na instituição são essencialmente de cariz educativo e cultural, com a finalidade de operar transformação social.

Sendo o MSMT uma instituição que, pelas suas características, está muito vocacionada para a educação histórica, patrimonial e ambiental, o tipo de mediação privilegiado insere-se no âmbito da mediação cultural. Para Beillerot (2000:679) a mediação cultural é «... o conjunto das ações que visam reduzir a distância entre a obra, o objeto de arte ou de cultura, os públicos e as populações». Na perspetiva de Buffet (1999:16) a mediação cultural refere-se «... ao ajuste dos

---

<sup>41</sup> Esta polivalência refere-se às suas características como mediador, as quais, no nosso entendimento deverão passar por/pelo(a): autoconhecimento; adaptação; assertividade; autonomia; capacidade de comunicação; cooperação; criatividade; empatia; democraticidade; escuta ativa; flexibilidade; responsabilidade; saber ser, estar, ouvir e observar; organização; proatividade, entre outras.

vocabulários, dos discursos, e das palavras, dos sistemas de valores, e, através deles, à construção de um sentido partilhado». Ou seja, tendo como base o equilíbrio entre os domínios afetivo e racional dos sujeitos, há a necessidade de encontrar um posicionamento inicial que permita definir a nossa identidade e os nossos limites, mas que não se esqueça de tomar consciência das diferenças que existem com o outro. Só a partir desse momento é que poderemos seguir em frente no processo de mediação ou então proceder à sua recontextualização. O desafio seguinte será o de encontrar um compromisso que deixe de parte as conceções individuais e se preocupe com o reconhecimento de um sistema comum mínimo de valores que sirva de base ao processo de mediação cultural. É um conjunto de etapas. A figura 1 apresenta-nos a sistematização de todo o processo.

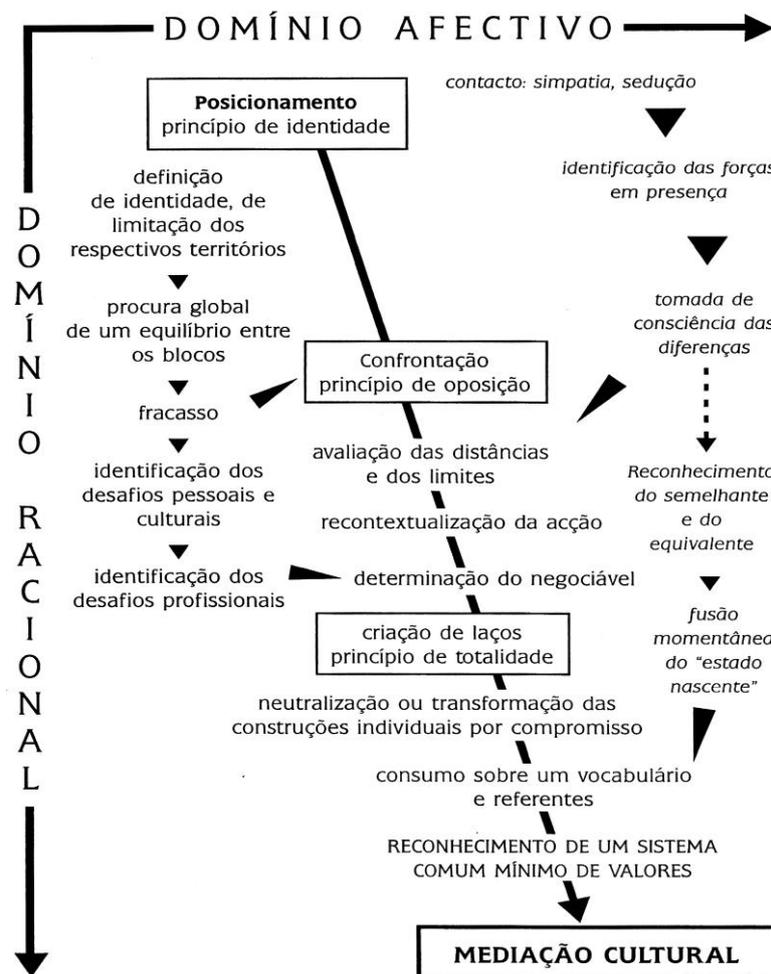


Figura 1 – As etapas da mediação cultural (Fonte: Buffet, 1999:18)

Mas a mediação cultural implica também uma mediação didáctica (Buffet, 1999) precisamente no momento em que se dá o encontro entre o mediador, os mediados e o

objeto/tema que se deseja explorar (que pode ser a peça exposta, o edifício que se pretende visitar ou a história que se pretende ouvir e interpretar). Neste encontro existem saberes comuns de todos os sujeitos relativamente ao objeto/tema a explorar, mas que podem ser abordados de maneiras diferentes. Este fator pode ser determinante na forma como a mensagem é transmitida e percebida. Se por um lado o técnico do museu/espço cultural adota determinada forma de transmitir os conteúdos de acordo com as suas responsabilidades educativas, o outro lado, o do público, pode estar na mesma interessado em receber esses conteúdos, mas de uma outra maneira, mais de acordo com a sua disponibilidade temporal e conhecimentos prévios. Entra aqui em cena a importância do trabalho em parceria, o qual visa a realização de projetos conjuntos entre os diferentes atores do processo de mediação. Com estes projetos pretende-se descobrir um campo de ação no qual seja possível determinar as questões centrais a que nos propomos dar resposta, definindo a partir daí a problemática comum em torno da qual será estruturado e organizado o projeto. A figura 2 evidencia todo este processo, o qual desencadeia ainda o surgimento de um outro conceito, o de coeducação cultural (Buffet, 1999:21).

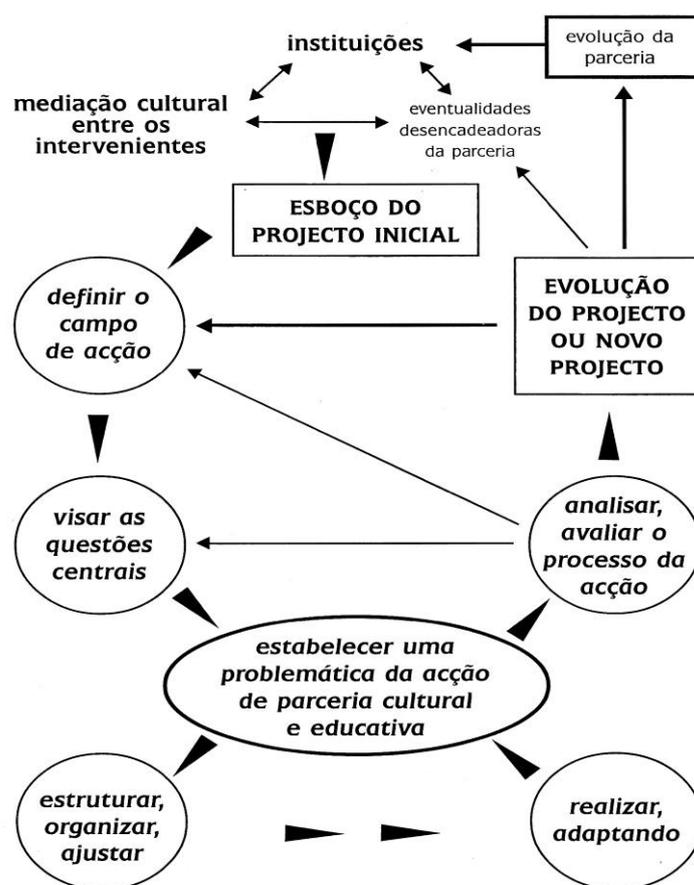


Figura 2 – Etapas teóricas da mediação didática (Fonte: Buffet, 1999:19)

Definimos a coeducação como um tipo de educação espontânea que é promovido concomitantemente por vários intervenientes num processo de mediação cultural nas diferentes relações que estabelecem, desde o contacto prévio para a realização de uma atividade até ao dia em que a mesma se realiza, com o objetivo de, em conjunto, contribuir para a criação de pontos de contacto que vão ao encontro da identidade cultural dos indivíduos, da sua responsabilidade perante a sociedade, podendo originar novas experiências e conhecimentos significativos que se prolongam no tempo. Em suma, a coeducação é um processo em que todos podem aprender se trabalharem em parceria.

A mediação cultural assume-se desta forma como um processo de comunicação entre a pessoa e a sua cultura. Pretende dar a conhecer os factos históricos, as lendas, o património material e imaterial, a arte contemporânea, a cultura de determinados povos para que assim, consciencializados da sua importância na formação da identidade e imbuídos do sentido de pertença (à comunidade e humanidade) nos possamos tornar cidadãos conscientes, críticos e interventivos na sociedade. Se conhecermos as nossas raízes, compreendermos o seu significado e nos soubermos posicionar será mais fácil proteger e afirmar a nossa identidade. Acrescentaríamos até que é um dispositivo que pretende colocar em interação diferentes estratégias e saberes no sentido de permitir o conhecimento e a proteção da memória pessoal e comunitária como explicação do presente e suporte de ação para o futuro.

Assim, a educação histórica é uma área que assume especial destaque nas estratégias de mediação cultural a serem desenvolvidas no local de estágio. Na verdade, aquilo que hoje somos é o reflexo do passado e por isso convém que tenhamos o conhecimento da nossa história. Mas sabemos também que a história tem assumidamente um traço político com consequências sociais. A interpretação dos factos históricos relativamente a um determinado momento pode não ser percebida da mesma maneira por várias pessoas. A forma como os dados mais marcantes foram selecionados pode ter por trás uma intenção. Neste sentido, devemos desenvolver a nossa literacia histórica e social, pois só assim conseguiremos adquirir competências que nos permitam ver a História para além da disciplina de história lecionada nos contextos formais de aprendizagem (Melo, 2006:2). Assim, «a História oferece as bases científicas para a formação de modelos contemporâneos de consciência histórica que, entre outros aspetos, permitam aos sujeitos a orientação no tempo, no contexto da sua vida quotidiana, e o confronto com as mudanças que o tempo cria, interpretando-as em termos históricos» (Nakou, 2007:138-139), sendo este um caminho importante para a educação ao

longo da vida, não só do(s) público(s), mas também dos profissionais dos espaços museológicos/culturais. No caso específico do nosso trabalho temos que ter presente que é necessário proceder a um registo rigoroso dos dados apurados, de modo a que o trabalho final se assuma como uma importante base de informação que possa ser utilizada na relação e mediação do MSMT com os públicos. Desta maneira, conhecendo os factos históricos, tomando conhecimento do património e das práticas culturais existentes será mais fácil desenvolver um trabalho de mediação cultural que possa despertar o sentido de pertença, de identidade e de apropriação do património, ajudando a construir novas práticas culturais. Se assim for, o nosso trabalho cumpriu os objetivos.

## **CAPÍTULO III**

### **ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO**

#### **1. Introdução**

Desde sempre que o Homem procura conhecer e compreender melhor a realidade em que vive. A curiosidade leva-o a observar e a questionar os fenómenos que vão acontecendo à sua volta, dando assim início a um processo de investigação que, na aceção de Tuckman (2000:5), não é mais do que «... uma tentativa sistemática de atribuição de respostas às questões» e que pretende «... inovar ou aumentar o conhecimento num dado domínio» (Ketele & Roegiers, 1999:104). O questionamento constante, a formulação de hipóteses e a procura de respostas fomentam o raciocínio lógico, contribuindo assim para o desenvolvimento da ciência.

Para Almeida & Freire (2008:16), a ciência «... define-se por um modo de conhecimento rigoroso, metódico e sistemático que pretende otimizar a informação disponível em torno de problemas de origem teórica e/ou prática». O conhecimento produzido cientificamente caracteriza-se assim por ser objetivo, empírico, racional, replicável, sistemático, metódico, comunicável, analítico e cumulativo (*idem*:18). Para Bauman (2007:50), os saberes produzidos pelo método científico tinham a «...ambição de conquistar a Natureza e subordiná-la às necessidades humanas». Pretendiam reduzir a complexidade do mundo, decompondo a realidade nos seus elementos mais simples para perceber melhor as relações existentes entre eles, tentando, à luz das regularidades observadas, criar leis que servissem para prever comportamentos futuros. Refere ainda (*idem*:13) que classificar é «... dar ao mundo uma estrutura: manipular as suas probabilidades, tornar alguns eventos mais prováveis do que outros, comportar-se como se os eventos não fossem casuais ou limitar ou eliminar a sua casualidade». Esta ânsia de simplificar a realidade isola os objetos do seu ambiente real (favorecendo a observação em contexto experimental), procura a objetividade e não admite contradições. Este foi um conhecimento que fez do cientista «... um ignorante especializado» e do «... cidadão comum um ignorante generalizado» (Santos, 1987:55). Morin (2001:87) refere que «a obsessão da simplicidade conduziu a aventura científica às descobertas impossíveis de conceber em termos de simplicidade». Em suma, podemos afirmar que a racionalidade e a objetividade que caracterizam o conhecimento científico, e as ciências exatas de uma maneira geral, não são suficientes para compreender a realidade. Têm que admitir o contributo de outras ciências, nomeadamente as ciências humanas e também do senso comum.

Este é o mote para que no desenvolvimento de trabalhos de investigação surjam outro tipo de metodologias – as de tipo qualitativo – que, sem pretenderem, de modo algum, substituir as metodologias quantitativas (mais associadas às ciências exatas) pretendem com elas trabalhar no sentido de contribuírem para uma compreensão mais holística da realidade<sup>42</sup>.

## **2. Os paradigmas de investigação**

Thomas Kuhn (1982:13) refere que os paradigmas são «... realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modulares para uma comunidade de praticantes de uma ciência». Qualquer trabalho de investigação, para que lhe seja conferida credibilidade científica, tem que obedecer a um conjunto de princípios, relações e ideias-chave que estão em vigor em determinado momento e que são reconhecidas pelos parceiros do meio de investigação.

Coutinho (2011) apresenta três paradigmas de investigação: o positivista; o qualitativo ou interpretativo; e o sócio crítico. O primeiro, também chamado de quantitativo, muito associado às ciências exatas, apoia-se na observação e descrição de fenómenos, na quantificação e classificação das regularidades para posterior análise de dados, recorrendo para isso a técnicas estatísticas. Tem uma componente fortemente experimental, utilizada de modo a poder explicar, verificar ou construir novas teorias que ajudem a prevenir e a controlar fenómenos, utilizando um raciocínio do tipo hipotético-dedutivo. O paradigma qualitativo ou interpretativo, pretende compreender e interpretar os fenómenos na perspetiva dos participantes. O investigador insere-se no contexto, utiliza métodos e técnicas mais flexíveis na recolha de dados, formulando teorias a partir de um raciocínio do tipo indutivo. Por fim, o modelo sócio crítico ou investigação orientada, acaba por não ter um método próprio de investigação, associando a algumas características dos dois paradigmas anteriores uma visão emancipatória que pretende operar transformação na realidade e na prática observada. Assume uma perspetiva crítica que evidencia o valor da verdade procurando acabar com interesses instalados que possam colocar em causa a investigação e os seus intervenientes.

No caso particular do nosso trabalho, o paradigma de investigação que adotámos foi o qualitativo, pois, o recurso às metodologias e técnicas de investigação que lhe estão associadas deram-nos a possibilidade de obter uma visão mais completa da realidade. Bogdan & Biklen (1994:16) referem que os dados qualitativos são «... ricos em pormenores descritivos

---

<sup>42</sup> Karl Popper (1992:17) refere a este respeito o seguinte: «considero o *conhecimento das ciências naturais* como o melhor e o mais importante que possuímos – se bem que de modo algum o único».

relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. (...) Privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação». Esta ideia é também corroborada por Almeida & Freire (2008:111), ao referirem que outro aspeto que podemos incluir na metodologia qualitativa

«... é a busca da globalidade e da compreensão dos fenómenos, ou seja, um enfoque de análise de cariz indutivo, holístico e ideográfico. Por outras palavras, estuda-se a realidade sem a fragmentar e sem a descontextualizar, ao mesmo tempo que se parte sobretudo dos próprios dados, e não de teorias prévias, para os compreender ou explicar (método indutivo) e se situa mais nas peculiaridades do que na obtenção de leis gerais».

Em suma, Bogdan & Biklen (1994:47-51) referem que este paradigma de investigação caracteriza-se por ter como fonte direta dos dados o ambiente natural, sendo o investigador o instrumento principal de recolha. É descritivo, interessa-se mais pelo processo do que pelo resultado, tende a analisar os dados de forma indutiva e preocupa-se com o significado da vida das pessoas.

Apesar de darmos ênfase ao paradigma qualitativo, na verdade somos tentados a referir que em determinadas situações utilizámos um *paradigma misto*, pois também tivemos que recolher dados quantitativos (nomeadamente dados estatísticos relativos aos públicos e atividades da instituição onde estagjámos), tendo os mesmos sido objeto de estudo e interpretação, permitindo servir de base à fundamentação/verificação de alguns dados qualitativos (*idem*). Não consideramos de modo algum esta situação como sendo um problema, mas antes um aspeto fundamental a ter em conta no processo de investigação, na medida em que a aplicação conjunta de diferentes métodos de investigação permitiu-nos obter uma visão mais completa e fiável da realidade.

### **3. O método utilizado**

O método que decidimos seguir no desenvolvimento do nosso trabalho foi o estudo de caso. Para Bogdan & Biklen (1994:89), este «... consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico». O seu campo de atuação é imenso, podendo o método ser utilizado noutros paradigmas de investigação, o que o torna «... uma modalidade de *investigação mista*» Gomez *et al.* (1994, *apud* Coutinho 2011:295). Ao estudarmos uma instituição específica durante um período de tempo perfeitamente balizado, o método enquadra-se também no «estudo de caso de

organizações numa perspetiva histórica» (Bogdan & Biklen, 1994:90,296). O nosso estudo pretendeu assim conhecer e compreender o caso na sua globalidade e no seu ambiente natural, por isso foi necessário recorrer a técnicas de investigação para registar, descrever, compreender e explicar as implicações da mediação na ação do MSMT entre 1987 e 2012.

O conhecimento obtido durante a investigação e a reflexão em torno dele, despertaram no mestrando a vontade de promover duas atividades que não estavam inicialmente contempladas no plano de estágio e que pretenderam funcionar como momentos de partilha de conhecimentos a nível individual e grupal, almejando transformação pessoal e social. Tal situação conduz a que nos atrevamos a dizer que na reta final da sua execução, o trabalho adquiriu uma nova dinâmica que o aproximou de um método mais próximo da investigação-ação. Para Ketele & Roegiers (1999:115) a «... investigação-ação tem como função essencial tornar mais fecundo o diálogo entre os atores da situação ou ajudar outros investigadores ou atores». Nesse sentido, o nosso trabalho não se limitou apenas a descrever um caso, mas procurou que alguns dos atores que utilizam o MSMT como *palco de atuação* tivessem um papel ativo na definição de uma linha de ação futura mais apropriada aos seus interesses.

#### **4. O desenvolvimento do processo de investigação**

Sabemos que a história organizacional do MSMT (como organização afeta à Administração Central do Estado) tem apenas 25 anos de existência. Também a mediação em Portugal começou a emergir há cerca de 20 anos. Os objetivos são «... imagens antecipadoras de um estado» (Barbier, 1996:145), que se pretende atingir, por isso, procurámos encontrar, com a sua definição, as linhas orientadoras do nosso plano de ação investigativa, no sentido de descobrirmos as relações existentes entre o MSMT e a mediação. Eis os nossos objetivos:

- a) objetivos gerais<sup>43</sup> - conhecer diferentes campos de intervenção/ação da mediação; determinar o papel da mediação na construção da história contemporânea do MSMT; perspetivar a ação futura da mediação na divulgação, animação e fruição do património afeto ao MSMT.
- b) objetivos específicos<sup>44</sup> - identificar tipos e práticas de mediação (implícitas ou explícitas) nos processos de trabalho do MSMT ao longo dos últimos 25 anos; aferir os conhecimentos prévios, relativamente à mediação, das pessoas que atuam no contexto

---

<sup>43</sup> Guerra (2000:163) refere que os objetivos gerais «... descrevem grandes orientações para as ações (...), descrevendo as grandes linhas de trabalho a seguir».

<sup>44</sup> Os objetivos específicos pormenorizam os objetivos gerais e por isso eles «são formulados em termos operacionais, quantitativos ou qualitativos, de forma a tornar possível analisar a sua concretização, sendo frequentemente considerados como metas» (Guerra, 2000:164).

do MSMT; construir um perfil de mediador cultural; recolher a visão de algumas pessoas que atuam em contextos culturais sobre o papel da mediação no futuro desses locais; registar a história contemporânea do MSMT.

## **5. Questões de partida**

Qual o papel desempenhado pela mediação na construção da história contemporânea do Mosteiro de S. Martinho de Tibães (1987-2012)? Esta é a nossa questão de partida principal, mas para lhe darmos resposta temos que formular ainda outras, também importantes, e que passam por saber no espaço do MSMT: Qual o conhecimento que os atores que aí atuam têm da mediação?; Que tipos e práticas de mediação estão subjacentes à atividade desenvolvida?; Qual a relação da mediação com o número de visitantes nos últimos 25 anos?; Que contributos pode dar a mediação para a fidelização e aumento de públicos?

## **6. Hipóteses**

Quivy & Campenhoudt (2008:136) referem que «uma hipótese é uma proposição que prevê uma relação entre dois termos, que, segundo os casos, podem ser conceitos ou fenómenos. (...) é, portanto, uma proposição provisória (...) que deve ser verificada». Assim, partimos da hipótese de que a mediação exercida (de forma implícita ou explícita) pelos diferentes técnicos do MSMT nas ações desenvolvidas ao longo dos últimos 25 anos se constituiu/constitui como um dos fatores que influenciou/influencia o número de visitantes que o monumento recebe. Deste modo, a nossa investigação assentou na identificação, registo e descrição de momentos em que o recurso à mediação se constituiu como estratégia, não apenas de resolução de conflitos, mas como capacidade orientada para um novo modelo de regulação e de ação promovendo assim o desenvolvimento pessoal e a construção da autonomia nas pessoas.

## **7. Calendarização das atividades**

Ao longo do período de estágio conseguimos cumprir na totalidade as atividades que nos propusemos realizar. Acontece no entanto que a investigação foi trazendo ao de cima dados cada vez mais interessantes que fizeram com que o nosso envolvimento fosse cada vez maior, de tal forma que a certa altura conseguimos desenvolver mais duas atividades que inicialmente não estavam previstas e que acabaram por conferir ao trabalho uma vertente orientada para a

ação prática dando-lhe assim visibilidade externa. No dia 25 de fevereiro de 2013 realizámos um encontro/debate cujo tema foi *Serviços Educativos em Espaços Culturais: o que procura(m) o(s) público(s)?* e nos dias 19 de maio e 30 de junho de 2013 realizámos duas caminhadas cujo título foi *Caminhadas com História: de Tibães a Rendufe – monumentos e sítios a (re)descobrir*. Estas duas atividades estão descritas mais em pormenor na análise dos dados (pp. 91-94).

Apresentamos, na tabela 2, as atividades realizadas ao longo do período de estágio.

Tabela 2 – Síntese das atividades desenvolvidas durante a realização do estágio

Atividades	Meses									
	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	
Apresentação, assinatura do protocolo de estágio e integração na instituição										
Reuniões com o acompanhante na instituição e com o professor orientador do estágio										
Reuniões de acompanhamento do trabalho com o orientador										
Análise das necessidades e recolha de documentos										
Realização e apresentação do plano de atividades de estágio										
Construção e aplicação dos instrumentos de recolha e análise de dados										
Análise do processo de aquisição do mosteiro e do período de transição entre a ocupação privada e a posse do Estado										
Análise documental desde o ano de 1987 até ao ano de 1990										
Análise documental desde o ano de 1991 até ao ano 2000										
Análise documental desde o ano 2001 até ao ano de 2012										
Realização das entrevistas										
Análise do conteúdo das entrevistas										
Realização de atividades não previstas no plano inicial										
Leituras para a revisão teórica										
Análise dos dados recolhidos										
Organização e escrita do relatório de estágio										

## 8. Descrição do processo e das técnicas de investigação utilizadas

Para dar resposta à nossa questão de partida foi necessário dividir o período de tempo que nos propusemos estudar em quatro momentos. O primeiro incidiu na análise do processo de aquisição do mosteiro e na transição entre a ocupação privada e a posse do Estado. O segundo procurou conhecer melhor o período que vai desde a tomada de posse efetiva do mosteiro por parte do Estado Português até à criação institucional do MMSMT – desde 1987 até 1990. O terceiro momento ficou balizado entre 1991 e 2000 e centrou-se na análise da ação da instituição, no seu reconhecimento e expansão institucional. Por fim, o quarto momento (2001 a 2012) procurou conhecer e compreender as circunstâncias que têm contribuído para a criação da imagem atual do MSMT perante a população da região onde se insere<sup>45</sup>. Depois de procedermos a esta divisão tivemos que elaborar uma estratégia de recolha de informações. Ketele & Roegiers (1999:17) referem que

«a recolha de informações pode (...) ser definida como o processo organizado posto em prática para obter informações junto de múltiplas fontes, com o fim de passar de um nível de conhecimento para outro nível de conhecimento ou de representação de uma dada situação, no quadro de uma ação deliberada cujos objetivos foram claramente definidos e que dá garantia de validade suficientes».

Recorrendo a técnicas de investigação como a análise documental, a entrevista e a observação, fomos criando um corpo de informações que nos permitiu construir novos conhecimentos em torno da problemática desenvolvida ajudando a dar resposta às questões de partida.

## 9. Análise documental

Segundo Albarelo *et al.* (1997:30) a pesquisa documental «..., visa o acesso às fontes pertinentes, escritas ou não, e, a esse título, faz parte integrante da heurística da investigação». Acrescentam ainda que (*idem*:18) podemos encontrar fontes não escritas (como desenhos, fotografias, gravações sonoras e relatos orais) e fontes escritas. Estas últimas podem subdividir-se em documentos oficiais (presentes em arquivos de entidades públicas ou recebidos por entidades privadas), fontes não oficiais (como por exemplo os jornais, as revistas e os livros) e fontes estatísticas (com estatísticas correntes ou análises mais completas).

<sup>45</sup> A este respeito, João Costa, aluno da Licenciatura em Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho realizou no ano letivo 2011/2012 um relatório de estágio cujo tema foi: *A visibilidade do Mosteiro de S. Martinho de Tibães em Braga*. Este trabalho consistiu na distribuição de 300 inquéritos em dois pontos da cidade de Braga, procurando aferir o conhecimento que os habitantes da cidade tinham sobre o mosteiro. O estudo foi apresentado publicamente no dia 26 de julho de 2012 e concluiu que o MSMT se encontra bem presente nas pessoas de Braga, sendo o espaço museológico/cultural mais conhecido perante os inquiridos.

Para a elaboração do nosso trabalho tivemos a necessidade de analisar em pormenor as fontes escritas oficiais presentes no arquivo do MSMT. Para cada um dos momentos de investigação descritos no ponto anterior, e tendo como horizonte encontrar relações dos acontecimentos com a mediação, fomos orientando a nossa pesquisa selecionando conjuntos de documentos para analisar. Assim, no primeiro e segundo momentos da investigação (1986 a 1990) analisamos as pastas da *correspondência expedida e recebida* e ainda da *divulgação e dinamização cultural*, pois pretendemos conhecer mais de perto os factos que conduziram à compra do mosteiro, quais os atores envolvidos, quem foram as primeiras pessoas a chegar, que problemas surgiram e quais as primeiras relações interinstitucionais. Começámos por perceber que a vertente da divulgação e dinamização cultural se destacava no volume de informação produzida, por isso, no terceiro momento de investigação (1991-2000) decidimos deixar de parte a correspondência para nos debruçarmos sobre a dinamização cultural, vertente fundamental de aproximação das pessoas ao monumento. No quarto momento de investigação (2001-2012) analisámos também as pastas referentes à *divulgação e dinamização cultural*, embora apenas estivesse tratada informação até ao ano de 2005, o que fez reorientar de novo a nossa procura de fontes, que desta vez incidiu na análise de dados estatísticos sobre o MSMT em geral, e sobre o SE, em particular. A este respeito idealizámos um esquema de caracterização dos públicos que visitam ou frequentam o espaço do MSMT (apêndice 02) que, para além de ter sido muito útil na obtenção de dados para o nosso trabalho, acabou por ser incorporado pelo MSMT no processo de obtenção e tratamento de dados estatísticos.

Criámos uma grelha de análise de documentos (apêndice 03) onde registámos pormenores importantes a ter em conta na nossa investigação. A lista completa de todas as pastas analisadas e o respetivo momento de investigação a que se referem encontra-se no apêndice 04. Os resultados de toda a análise documental também estão presentes no apêndice 05. Por razões de confidencialidade das entidades que aparecem nos documentos escritos, decidimos retirar as referências originais dos documentos, assim como alguns nomes que possam identificar pessoas e entidades para além da esfera do MSMT. A todos os documentos que nos suscitaram atenção foi atribuída uma nova codificação que teve em conta a catalogação original da pasta e o ano do documento, sendo-lhe depois atribuído um número sequencial<sup>46</sup>.

---

<sup>46</sup> A pasta com a referência DDC 01-07 a 08 A-M tem dois maços de informação que são o 07 e o 08. O 08 vai da letra A até à M porque se refere a vários assuntos/atividades, enquanto que o 07 fala apenas de um assunto. Os documentos desta pasta foram catalogados da seguinte forma: DDC 01 07 1991-01. Ficou o nome da pasta e acrescentou-se o ano do documento. O número a seguir é diferente em cada documento, sendo atribuído de forma sequencial, independentemente do ano.

As conversas informais que fomos tendo com algumas pessoas<sup>47</sup> que estiveram ligadas ao mosteiro foram importantes fontes de informação não escrita que nos ajudaram a pesquisar pormenores sobre os quais ainda pairavam dúvidas<sup>48</sup>. Cientes de que algumas dessas informações careciam de forte fundamentação e confirmação, não deixou de ser importante considerá-las, de modo a termos a certeza que não menosprezamos nenhuma pista.

## 10. Entrevista

Na investigação de tipo qualitativo, a entrevista é uma das principais técnicas utilizadas para a recolha de dados. É definida por Ketele & Roegiers (1999:22) como

«... um método de recolha de informações que consiste em conversas orais, individuais ou de grupos, com várias pessoas selecionadas cuidadosamente, a fim de obter informações sobre factos ou representações, cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisado na perspetiva dos objetivos da recolha de informações».

Assenta essencialmente no estabelecimento de um processo de comunicação entre o entrevistador e o entrevistado, sendo que o papel do entrevistador assume um carácter relevante, pois tem que saber explicar muito bem os motivos da entrevista, dar uma imagem de segurança, contornar eventuais dificuldades que possam surgir e criar um clima de confiança no processo de comunicação que permita que o entrevistado possa *abrir-se* sem receio. O momento em que a entrevista acontece deve ser aproveitado ao máximo pelo entrevistador, porque pode não ter outra oportunidade de realizar a entrevista. Deve ouvir com atenção o entrevistado, mostrando estar atento, reforçando a sua presença através de gestos e expressões faciais adequadas. Torna-se fundamental evitar que as questões colocadas afastem o entrevistado dos objetivos iniciais para os quais a entrevista foi especialmente desenvolvida, por isso tem que existir um cuidado especial na elaboração do guião de questões a colocar. Estas deverão ser objetivas, claras e com a capacidade de gerar respostas de tipo aberto, ricas em descrições e detalhes sobre factos. Em suma, «... a entrevista é utilizada para obter dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo» (Bogdan & Biklen, 1994:134).

<sup>47</sup> Como o mosteiro teve uma parte privada, outra da paróquia e agora está na posse do Estado (com algumas zonas em uso paroquial), conhecemos pessoas que lá residiram, foram caseiros, estiveram envolvidos nos serviços paroquiais ou até trabalharam nas minas de volfrâmio.

<sup>48</sup> A título de exemplo, os técnicos do MSMT referiam que a morte da última descendente da família que comprou o mosteiro no século XIX tinha sido em 1969. Na entrevista 01 foi-nos dito que ela faleceu em 1971. Perante esta indefinição fomos tentados a visitar a Secretaria do Cemitério de Braga, onde, através do nome da pessoa em causa foi possível apurar que efetivamente a Sr.<sup>a</sup> faleceu no dia 14 de março de 1971, dissipando desta forma as dúvidas e colocando em evidência a importância do rigor da investigação.

Consoante o grau de liberdade que se pretende dar ao entrevistado, existem na perspetiva de Albarello *et al.* (1997) vários tipos de entrevistas: a entrevista diretiva e a não diretiva, o relato de uma vida e a entrevista semidiretiva.

Na recolha de dados para o nosso trabalho recorreremos também à entrevista semidiretiva ou semidirigida, a qual, na perspetiva de Quivy & Campenhoudt (2008:192) «... não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas». Neste tipo de entrevista existe um conjunto de perguntas-base que o investigador deseja colocar ao entrevistado, mas que não têm a obrigatoriedade de serem feitas pela ordem que se encontram no guião. Esta técnica permite obter informações mais fidedignas da realidade que se pretende investigar, na medida em que o tipo de questões e a orientação da entrevista oferecem ao entrevistado a possibilidade de se exprimir de forma mais livre (Ketele & Roegiers, 1999).

As entrevistas que aplicámos durante a realização do nosso trabalho tiveram como base o guião que se encontra no apêndice 06. No apêndice 07 encontramos os guiões elaborados para as restantes entrevistas.

Para além da recolha dos dados biográficos genéricos dos entrevistados, as questões colocadas tiveram como dimensão privilegiada de focagem os quatro momentos da investigação já apresentados anteriormente. Decidimos partir para o campo de investigação à procura de pessoas que estiveram envolvidas de forma direta ou indireta num ou mais momentos de investigação. Neste sentido, a primeira linha de entrevistas centrou-se na recolha de informação junto de pessoas que acompanharam o processo de transição de propriedade do mosteiro – a última proprietária privada e o funcionário mais antigo do MSMT. A segunda linha centrou-se nas pessoas que estiveram ligadas à direção e coordenação do mosteiro nos últimos 25 anos – desde o primeiro responsável local até ao atual coordenador. A terceira linha procurou recolher a perceção de pessoas que ocuparam ou ocupam cargos em instituições da freguesia de Mire de Tibães e que fazem parte da teia de relações que o MSMT estabelece com a comunidade local – o Pároco e o Presidente da Junta de Freguesia. Entrevistámos ainda uma profissional de um centro de ciência, que, estando fora da zona de influência direta do MSMT (e mais ligada às ciências exatas) nos deu a sua visão sobre a mediação cultural e o papel que poderá ter no futuro do MSMT, assim como informações que nos permitiram traçar um perfil considerado ideal para o mediador a atuar em contextos museológicos/espacos culturais. A lista de entrevistados encontra-se no apêndice 08, sendo que a transcrição total das entrevistas está no apêndice 09.

De modo a garantir a confidencialidade das fontes de informação, todas as entrevistas foram codificadas e os nomes foram substituídos por duas letras<sup>49</sup>. Realizámos dez entrevistas. A primeira entrevista ficou com o código *E01*, em que *E* corresponde à palavra *Entrevista* e *01* ao número da entrevista/pessoa entrevistada. As perguntas apresentadas em cada uma das entrevistas receberam também uma codificação. Assim, por exemplo, o código *E04.2* quer dizer que estamos perante a questão *2* da entrevista *04*. Todas as questões da mesma entrevista foram numeradas sequencialmente de *1* até *n*<sup>50</sup>. As respostas das questões não receberam uma codificação própria, elas estão associadas ao código da pergunta, sendo assim mais fácil a sua localização. Os excertos das entrevistas que foram utilizados no presente relatório estão colocados em itálico e sem aspas. Esta opção foi tomada para diferenciar aquilo que foi produzido no âmbito da nossa investigação, das citações de obras produzidas por outros autores. Essas obedecem às regras normais de citação existentes para os trabalhos académicos.

No que diz respeito à aplicação desta técnica de investigação tivemos que lidar com algumas situações adversas. Para realizar a *E01* deslocamo-nos três vezes à residência da entrevistada e só à terceira vez é que ela nos concedeu a entrevista, mas sem a utilização de qualquer tecnologia de gravação de som ou imagem, apenas fomos escrevendo manualmente as suas respostas. Tivemos imensas dificuldades em realizar a *E03* pois, mesmo sabendo quem era a pessoa, não tínhamos inicialmente nenhum contacto. No caso desta entrevista e da *E10*, a distância geográfica existente entre o entrevistador e os entrevistados fez com que, após o primeiro contacto telefónico, se combinasse o envio do guião de questões da entrevista por correio eletrónico. Seguidamente remeteram-nos as respostas pelo mesmo meio, tendo existido um novo contacto telefónico da nossa parte para clarificação de dúvidas. Ao contrário das restantes entrevistas, nestas duas não tivemos a possibilidade de estar frente a frente com o entrevistado(a) o que acaba por transformá-las, no nosso entendimento, em entrevistas dirigidas, em que o(a) entrevistado(a) seguiu a ordem das perguntas feitas, deu informações mais curtas e sem grandes pormenores.

Os dados obtidos nas questões relacionadas com a história contemporânea do MSMT foram sendo incorporados nos diferentes momentos de investigação. No que toca às questões relacionadas diretamente com a mediação decidimos criar uma grelha de análise das entrevistas (apêndice 10) para: identificar conhecimentos prévios sobre a mediação; registar a definição que os entrevistados tinham sobre ela; averiguar as suas implicações na história contemporânea do

---

<sup>49</sup> Por exemplo: a primeira entrevista, no campo nome tem escrito AA e não o nome verdadeiro do(a) entrevistado(a).

<sup>50</sup> n é aqui entendido como um número variável crescente.

MSMT; identificar tipos de mediação presentes na ação do Mosteiro; construir um perfil para o mediador que atua em espaços culturais; e perspetivar o papel da mediação na ação futura do MSMT.

### **11. Observação**

O nosso trabalho apoiou-se bastante na pesquisa documental e nas entrevistas, mas acaba por ter na observação uma técnica importante para registar e compreender as práticas e as interações que os profissionais do MSMT desenvolvem no relacionamento com o público, satisfazendo assim um dos objetivos do quarto momento de investigação – a função prospetiva.

Ao estarmos inseridos num contexto de estágio, temos obrigatoriamente que observar. Observamos o que se passa à nossa volta, embora o *filtro* do nosso olhar nos oriente para aspetos mais diretamente relacionados com o nosso tema de investigação. Foi isso que fomos fazendo ao longo do estágio. Estivemos mais atentos à temática da mediação em contexto museológico e cultural, quer do ponto de vista da sua utilização teórica quer nas ações práticas em que ela esteve direta ou indiretamente implicada. Para Quivy & Campenhoudt (2008:196), «... os métodos de observação direta constituem os únicos métodos de investigação que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos, sem a mediação de um documento ou testemunho».

Não recorremos a um modo de registo organizado dessas práticas, mas fomos registando num bloco de notas tudo o que nos interessava para a elaboração do presente relatório.

## **CAPÍTULO IV**

### **APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS**

«Se um museu se dedica à sociedade na qual está inserido e, por natureza, esta sociedade se transforma, o museu tem de assimilar essas transformações sociais em sua dinâmica institucional, conteúdos e formas de comunicação. Só assim terá verdadeiro sentido a compreensão dos processos históricos por parte dos cidadãos a quem convocamos participativamente e a quem dirigimos todas as nossas tarefas e esforço, dia após dia» (Benítez, 2011:19).

#### **1. Introdução**

A nossa pergunta de partida remete-nos para a recolha e análise de informação existente entre os anos de 1987 e 2012. Temos plena consciência que 25 anos é muito tempo e por isso dividimos o nosso trabalho em quatro momentos específicos: o primeiro aborda a parte final de ocupação privada do mosteiro até este ser comprado pelo Estado; o segundo refere-se ao período de tempo que vai desde a compra do imóvel pelo Estado até à criação institucional do MMSMT; o terceiro aborda a expansão institucional; o quarto momento refere-se à consolidação institucional.

Neste trabalho tornou-se fundamental ter presente a noção de que os dados que nos aparecem podem não ser os únicos e que podem existir diferentes pontos de vista da mesma realidade (ou não estivéssemos nós a investigar adotando um paradigma qualitativo). O próprio conhecimento histórico vai sendo construído à luz da perceção de determinada cultura. Nada é neutro, por isso, um dos grandes desafios que se nos colocou foi o de nos sabermos posicionar perante os factos, não assumir posições definitivas e não emitir juízos de valor precipitados sem antes ouvir e compreender os diferentes pontos de vista dos intervenientes.

O cruzamento da informação recolhida permitiu criar um corpo de conhecimentos que ajudou a clarificar e a compreender determinadas posições que foram sendo tomadas ao longo dos anos por parte das pessoas e entidades que estiveram, ou ainda estão, ligadas ao MSMT.

#### **2. Os momentos da investigação**

##### **2.1. 1º - Da ocupação privada à propriedade estatal (... - 1986)**

###### **2.1.1. O processo de aquisição do mosteiro por parte do Estado**

A história é dinâmica! Isso está perfeitamente evidente na história contemporânea do MSMT, constatando-se que o Estado, que ordena o seu encerramento em 1834 (dando início a

partir desse ano a um lento processo descontínuo<sup>51</sup> de degradação), acaba por ser o mesmo que o vem resgatar da ruína eminente, 152 anos depois, em 1986.

As mentalidades também mudam! Tudo isto acontece, não de forma isolada, mas como consequência de um conjunto de interações políticas, económicas, religiosas e sociais que vão ter influência nas pessoas, com reflexos posteriores no seu modo de pensar, de agir e de fazer.

A consciencialização para a importância do nosso património edificado teve um período de expansão no tempo do Estado Novo, altura em que se procedeu ao restauro e reconstrução de alguns dos mais emblemáticos monumentos nacionais. Estes, pelo seu valor simbólico, apelavam ao respeito e importância da História de Portugal<sup>52</sup>, procurando, assim, transmitir ao povo o orgulho de ser português, de ter tão grande e importante património na metrópole e no ultramar. Um novo olhar que teve ainda um renovado impulso quando foi celebrada a concordata entre o Estado Português e a Santa Sé, em que se definiu a existência de um período de quatro anos (entre 1940 e 1944) em que o Estado poderia proceder à classificação dos monumentos religiosos que considerasse de importante valor histórico e arquitetónico, ficando assim responsável pela sua salvaguarda e proteção. À luz desta lei, o MSMT é classificado como imóvel de interesse público em 27 de março de 1944. Este marco importante traduz-se também na criação de estruturas que visavam a proteção e salvaguarda dos monumentos. A este respeito, um dado curioso da nossa investigação foi o facto de encontrarmos nos ficheiros da Secretaria-Geral do Ministério das Finanças<sup>53</sup> a referência à existência de um Guarda do Mosteiro de Tibães (Boaventura Ferreira Dias Coelho) e de mais dois pretendentes ao posto: Francisco Antunes<sup>54</sup> e Henrique José Marques. A existência de Guardas no mosteiro entre 1947 e 1954<sup>55</sup> foi comprovada na entrevista com a antiga proprietária do mosteiro que nos refere que *(E01.13)*

*... até veio para lá um guarda, era o Sr. Boaventura de Melhorado. Ele tomava conta da igreja, claustro e sacristia e mostrava também às pessoas que queriam visitar.*

<sup>51</sup> Consideramos um processo descontínuo porque nem sempre a ruína surgiu de forma progressiva. Houve de facto momentos em que a degradação e a ruína chegaram de forma mais rápida, como por exemplo nos trinta anos que se seguiram ao seu encerramento, 1834-1864 (Santos, 1987), em 11 de julho de 1894 (devido a um grande incêndio – Mata, 2011) e a partir dos anos setenta do século XX até dezembro de 1986. Mas houve também momentos em que o mosteiro, apesar de estar na posse de particulares, conheceu momentos de grandes obras e limpezas, não apenas no edifício, mas também na cerca. A análise de fotografias presentes no arquivo do MSMT permitiu verificar a presença de vários trabalhadores rurais que se ocupavam do cultivo das terras e do tratamento dos jardins e da mata. Por outro lado, encontramos também fotografias que nos mostram a presença de muitas pessoas de uma classe social mais elevada em atividades de recreio nos diversos espaços do mosteiro. Essas pessoas eram convidadas pelos proprietários do mosteiro e passavam por vezes algumas semanas de férias neste local. Estes factos foram corroborados pela última proprietária do mosteiro (E01) que foi, desde tenra idade, governanta da família Marques e por isso assistiu a todo este movimento de pessoas que voltou a dar vida ao local.

<sup>52</sup> Mesmo que para isso o rigor histórico-científico fosse deixado de parte.

<sup>53</sup> Secretaria-Geral do Ministério das Finanças/Fundo da Direção-Geral da Fazenda Pública/Série Processos Individuais de Funcionários (Vertente Tesouro), Cx: 3194; 3204 e 3208, disponível em [http://www.sgmf.pt/formulario/Arquivo/Newsletters/Newsletter\\_26\\_Out-Dez\\_12\\_ficheiros/DGFP/DGFP\\_TES\\_PL.pdf](http://www.sgmf.pt/formulario/Arquivo/Newsletters/Newsletter_26_Out-Dez_12_ficheiros/DGFP/DGFP_TES_PL.pdf), acedido em 18-11-2012.

<sup>54</sup> Este, segundo apuramos aquando da entrevista 01, era irmão do Sr. Padre David José Antunes, pároco de Mire de Tibães de 30-09-1947 a 17-09-1967.

<sup>55</sup> Ver anexo 02.

Na verdade, a guarda do monumento ficou-se pela parte do Estado que estava destinada ao uso paroquial pois as restantes áreas do edifício e a cerca, com as suas construções, apesar de também terem sido classificadas em 1944 e de ter sido criada uma zona especial de proteção em 18 de outubro de 1949<sup>56</sup>, continuavam a ser propriedade privada, logo o Estado não atuou aí da mesma forma.

Apesar desta importância que o Estado Novo pretendeu atribuir ao património, certo é que a maioria dos monumentos foi ficando cada vez mais degradada. Foi também o caso do MSMT, onde a degradação maior e a ruína começam a acontecer com mais intensidade a partir da morte de D.<sup>a</sup> Maria Amália Monteiro Vieira Marques de Pádua, no dia 14 de março de 1971<sup>57</sup>. D.<sup>a</sup> Maria Amália ainda tentou vender o mosteiro ao Estado em 1969, na altura por 7500 contos<sup>58</sup>, mas o negócio não se chegou a realizar e o MSMT foi deixado em testamento aos filhos da governanta. Esta tinha treze filhos e os únicos rendimentos disponíveis provinham do trabalho do marido e da parca renda de alguns caseiros que trabalhavam ainda as terras do mosteiro, situação que se verificou até 1975 (*EOI*). Sem outros rendimentos disponíveis para investir na recuperação do MSMT, que se degradava a olhos vistos, e com filhos pequenos para sustentar, as questões de sobrevivência sobrepuseram-se a todo o resto e, por isso, tiveram a necessidade, por diversas vezes, de vender património, sendo exemplo perfeitamente documentado o caso do chafariz do Jardim de S. João, a Fonte de S. Beda e alguns quadros da Sala do Capítulo<sup>59</sup>. Apesar de não ser referido expressamente na *EOI*, as notícias encontradas na imprensa relatam que, numa fase posterior, foram os próprios filhos da governanta que foram vendendo algumas peças, mesmo sem a concordância de todos os outros herdeiros<sup>60</sup>. Se algumas das peças existentes eram da época em que o MSMT foi habitado pelos monges, a grande maioria das que havia vieram para o mosteiro provenientes de outras casas de que a Família Vieira Marques era proprietária ou herdeira<sup>61</sup>. No entanto, quem estava de fora percecionava esse espólio como pertencente ao património do Mosteiro de Tibães. A este respeito diz a última proprietária privada do mosteiro (*EOI. 7*):

---

<sup>56</sup> Portaria publicada no Diário do Governo, II<sup>a</sup> Série, n.º 242, de 18 de outubro de 1949.

<sup>57</sup> Informação que consta no termo de enterramento em depósito no Cemitério Público de Monte D'Arcos, em Braga. Encontra-se sepultada na secção 12, jazigo n.º 8. No mesmo jazigo está também sepultado o seu irmão, José António Monteiro Vieira Marques, falecido no dia 12 de maio de 1965.

<sup>58</sup> Aproximadamente € 37500 (trinta e sete mil e quinhentos euros). A este respeito cf. Santos (1982 e 1987).

<sup>59</sup> Sobre o chafariz do Jardim de S. João cf. Mata *et al.*, 1995. Sobre a fonte de S. Beda e os quadros dos abades, cf. Santos, 1987 e Mata, 2011.

<sup>60</sup> Ver por exemplo *Jornal Correio do Minho* de 06-09-1985. Recorte de imprensa correspondente no anexo 03.

<sup>61</sup> Incluem-se nestes imóveis os Mosteiros de Rendufe (em Amares) e algumas habitações no centro da cidade de Braga.

*... ao contrário do que dizem, que nós (últimos moradores) roubámos tudo, isso é mentira, porque grande parte dos móveis que estavam no mosteiro tinham sido trazidos para lá pela D.<sup>a</sup> Maria Amália. Vieram do Mosteiro de Rendufe, em Amares. Ela herdou por parte do primeiro marido. Vieram também mais alguns móveis da casa de S. João do Souto. Não havia móveis do tempo dos monges porque eles não tinham deixado ficar nada.*

Estamos perante diferentes perceções de uma mesma realidade que conduziu a um sentimento de revolta e de consciencialização da sociedade civil para a perda de identidade e para o desaparecimento físico progressivo de um espaço emblemático da freguesia de Mire de Tibães, da cidade de Braga e do país, o que se traduziu por conseguinte na tomada de posição por parte da Associação Para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural e Natural (ASPA) – através da publicação de artigos que constam no apêndice 11 –, da Junta e Assembleia de Freguesia de Mire de Tibães, da Paróquia<sup>62</sup> e até da Câmara Municipal de Braga (CMB), que em 29 de junho de 1979 aprovava por unanimidade a expropriação do MSMT de modo a salvaguardar o seu património<sup>63</sup>.

São criados diversos grupos de trabalho<sup>64</sup> com a finalidade de encontrarem a melhor solução para a estagnação da ruína e ao mesmo tempo para a definição de um plano de recuperação e reutilização do imóvel e cerca, os quais, infelizmente, não passaram de intenções, complexificando de tal forma o processo que rapidamente se tornaram inoperantes.

No entanto, tal como diz o velho ditado, *água mole em pedra dura, tanto bate até que fura*, e o Estado Português acaba por dar início ao processo de aquisição do MSMT que culmina com a sua compra em 1986. Não o adquiriu em 1969 por 7500 contos e adquire-o 17 anos depois, vazio, em avançado estado de degradação, por 110000 contos<sup>65</sup>, e não incluindo na compra os campos da Ouriçosa de Cima e de Baixo. Este processo arrastou-se cerca de um ano. As negociações por parte dos privados foram lideradas por um advogado contratado pela família (E01), o qual fazia a ligação com o representante do Estado – o IPPC. Apesar de estarem conscientes da degradação em que o mosteiro se encontrava, nas palavras dos antigos

<sup>62</sup> Através do Sr. Padre Domingos Fernandes da Silva, Pároco de Mire de Tibães entre 17-09-1967 a 06-11-2001.

<sup>63</sup> A 30 de julho de 1979 a CMB requereu ao Ministério da Habitação e Obras Públicas que fosse declarada a utilidade pública, urgência de expropriação e autorizada a posse administrativa do MSMT.

<sup>64</sup> Em 9 de junho de 1980 foi enviado para publicação na IIª Série do DR um despacho conjunto das Secretarias de Estado da Cultura, do Ordenamento e Ambiente e do Turismo, nomeando uma comissão que no prazo de 30 dias deveria concluir um relatório sobre a possibilidade do aproveitamento do MSMT e respetivo enquadramento paisagístico tendo em vista uma pousada e um conjunto museológico. Este grupo propôs a criação de um novo grupo de trabalho para a apreciação dos problemas que a construção de um empreendimento turístico acarreta num imóvel como o MSMT. Em 07 de janeiro de 1981 um novo despacho conjunto das Secretarias de Estado da Cultura, do Ordenamento e Ambiente, do Turismo e das Obras Públicas criou um outro grupo de trabalho para o projeto de aproveitamento do MSMT, funcionando junto do Gabinete do Secretário de Estado do Turismo (arquivo do MSMT - pasta *Antigos Processos do Mosteiro de Tibães Trazidos de Lisboa*).

<sup>65</sup> Aproximadamente € 550000 (quinhentos e cinquenta mil euros). A avaliação realizada em 03 de fevereiro de 1986 considerou três áreas diferentes. A zona agrícola, com 351480m<sup>2</sup>, calculada a 175\$00 o m<sup>2</sup>, foi avaliada em 61509 contos (sessenta e um mil, quinhentos e nove contos). O edifício conventual, com 7500m<sup>2</sup>, calculados ao preço de 5000\$00 o m<sup>2</sup>, foi avaliado em 37500 contos (trinta e sete mil e quinhentos contos). As demais construções existentes na cerca (escadório, capela de S. Bento, lago e fontes) foram avaliadas em 6000 contos (seis mil contos). A soma destas avaliações perfaz um total de 105009 contos (cento e cinco mil e nove contos), a base de partida para o acordo final. Informação recolhida no MSMT na pasta «*Antigos processos do Mosteiro de Tibães trazidos de Lisboa*».

proprietários, as negociações foram bastante difíceis, pois, sob a ameaça da expropriação, o Estado ofereceu sempre menos do que o real valor do mosteiro, assumindo uma postura impositiva, cedendo apenas a uma das exigências dos privados e que teve a ver com a propriedade dos campos da Ouriçosa, que se manteve ainda em uso privado, o que acabou por *ferir* a unidade do conjunto monástico.

A 21 de julho de 1986, o então Presidente do IPPC emitia um louvor público a todos aqueles que estiveram envolvidos nas *longas e difíceis* negociações que decorreram durante o ano de 1986 e que culminaram com a aquisição de toda a zona do MSMT que ainda era propriedade particular. Neste processo, para além de toda a equipa jurídica, foi destacada a colaboração do Governador Civil do Distrito de Braga e do Presidente da CMB.

A escritura de compra e venda do MSMT foi realizada a 18 de agosto de 1986<sup>66</sup> e logo a partir desse momento o Estado começa a desenvolver esforços para enviar um primeiro responsável para o local, por um lado para acompanhar de perto a saída dos antigos proprietários e, por outro, para dar início ao processo de inventariação, investigação histórica e criação de infraestruturas básicas para receber os primeiros funcionários e visitantes.

### **2.1.2. Onde poderemos encontrar a mediação?**

Após uma tentativa gorada para a compra do MSMT pelo Estado em 1969, em que quem deu o primeiro passo foram os privados, a pressão exercida ao longo dos anos seguintes pela sociedade civil acaba por ser uma das principais alavancas para o (r)estabelecimento e intensificação das relações entre ambos. Desta feita, coube ao Estado, nos anos oitenta do século XX, dar o passo para o estabelecimento do diálogo, contactando os privados através de cartas, apresentando assim as suas intenções. Ambas as partes nomearam representantes legais para defenderem os seus interesses no processo de compra e venda, o que nos permite dizer que para que a transação comercial acontecesse, existiu um processo de negociação. No entanto, é também evidente que a negociação desenvolvida teve mais um cariz impositivo e ameaçador por parte de um dos intervenientes (o Estado) do que propriamente um carácter dialogante, o que deita logo por terra qualquer semelhança com um processo mediador

---

<sup>66</sup> Facto confirmado junto do arquivo do extinto 1º Cartório Notarial de Braga, que à data da realização do presente trabalho se encontrava depositado no Cartório Notarial de Aida Manuela Rocha de Sousa, em Braga. Informação disponível em <http://www.notarios.pt/OrdemNotarios/PT/PrecisoNotario/Antigos+Arquivos/>, acedida em 23-04-2013.

*O Estado, como já disse, praticamente obrigou-nos a vender. Se não fosse assim ameaçavam que expropriavam o mosteiro e a cerca. Posso dizer que houve sempre uma imposição por parte do Estado (E01.19).*

Esteve sempre na mesa a hipótese da expropriação ser colocada em prática, caso não existisse um acordo entre as partes. Tal situação conduziu a que ainda hoje se note no discurso dos antigos proprietários um certo tom de revolta e de insatisfação com o resultado da negociação

*... nós queríamos o verdadeiro valor, mas ofereceram-nos sempre muito menos do que o mosteiro valia (E01.20).*

Se tivesse existido um verdadeiro processo de mediação, em que as partes envolvidas tivessem atuado na base do diálogo, na clarificação de problemas e na busca conjunta de uma solução que fosse de encontro às suas aspirações, assumindo cada uma a sua quota de responsabilidade na solução encontrada, certamente teríamos um outro discurso na atualidade. Consideramos assim que este processo negocial não esteve enquadrado dentro de uma lógica mediadora, tendo, no entanto, momentos em que dela se terá aproximado quando houve a intervenção de elementos terceiros (casos da CMB e do Governo Civil de Braga). Estas entidades tentaram estabelecer a comunicação, criar pontes e clarificar a linguagem de forma a superar toda a dualidade, favorecendo «... a possibilidade de avançar conjuntamente e de triangular a relação comunicacional» (Torremorell, 2008:22-23). No entanto, estas intervenções enquadraram-se mais na lógica da conciliação de âmbito formal, que se centra na organização de um encontro entre as partes para que estas possam procurar em conjunto uma solução. Deste modo, na perspetiva de Bonafé-Schmitt (2009:20), «... a realização do acordo pode dar lugar à assinatura de um documento escrito que toma a forma de uma ata de conciliação ou de uma transação», o que no processo negocial em causa se traduziu na celebração de um contrato promessa de compra e venda materializado posteriormente na realização da escritura de registo de propriedade do MSMT a favor do Estado Português<sup>67</sup>.

Não podemos terminar esta primeira parte do trabalho sem antes referir que num processo de mediação devemos ouvir as partes e tentar compreender as suas motivações, os seus interesses, os seus anseios e as suas dificuldades. Não se pode culpar alguém sem antes compreender o contexto específico de cada situação. Em todo este processo de degradação do

---

<sup>67</sup> Ainda neste acordo há salientar o papel da CMB que, para facultar o processo, cedeu às pretensões dos privados concedendo-lhes um alvará de loteamento para o terreno da Ouriçosa, o que até então seria impossível, visto estar dentro da zona de proteção da cerca do mosteiro. Diário da República, IIIª Série, n.º 216 – Edital n.º 76/86, de 19 de setembro.

MSMT há um aspeto que não foi devidamente compreendido, em especial pela opinião pública e por pessoas mais ligadas ao setor cultural. Tem a ver com a condição económica e cultural da família que habitou por último o MSMT. Há que perceber que quando as necessidades básicas<sup>68</sup> não estão satisfeitas todas as outras são relegadas para segundo plano. Assim, uma família com treze filhos e com poucos rendimentos económicos vê-se na obrigação de conseguir os recursos mínimos para sobreviver. Ao longo dos anos, os privados foram sendo constantemente aliciados para a venda de património, obtendo dessa forma alguns rendimentos extra que lhes permitiam estabilizar temporariamente o orçamento familiar. Se o próprio Estado tem uma visão bastante redutora da importância do património edificado (basta consultar os orçamentos de Estado para a área da Cultura nos últimos 30 anos!), não podemos criticar os seus cidadãos que se debatem no dia a dia com imensas dificuldades para conseguirem sobreviver.

## **2.2. 2º - Da inquietação inicial ao reconhecimento institucional (1986-1990)**

O período de tempo que nos propomos estudar neste ponto foi um dos que mais expectativas criou na população em geral e na freguesia em particular, pois todos estavam ansiosos por saber o que o futuro iria reservar ao mosteiro, quer do ponto de vista da sua estrutura física, quer do ponto de vista organizacional. Quem iria coordenar o mosteiro? Que pessoas poderiam ir para lá trabalhar? O que iriam lá fazer? O que iriam restaurar e para quê?

Consideramos que este ponto deverá ser dividido em três momentos distintos: o primeiro coincide com o espaço de tempo que vai desde a realização da escritura de compra e venda do mosteiro aos privados até à posse efetiva pelo Estado, em janeiro de 1987; o segundo está relacionado com a chegada dos primeiros trabalhadores – o responsável local pelo mosteiro e a equipa de vigilantes<sup>69</sup> – e a realização dos trabalhos conducentes à criação das condições mínimas de funcionamento; por fim, o terceiro momento, compreende o período de tempo que vai da entrada em funções da segunda responsável local pelo mosteiro até ao reconhecimento institucional do MSMT, em setembro de 1990. Em cada um destes momentos procuraremos também recolher informações que nos possam evidenciar de que forma a mediação poderá ou não ter estado relacionada com os factos apurados e com as decisões tomadas.

---

<sup>68</sup> A este respeito recordar a pirâmide das necessidades de Maslow. Disponível em <http://www.mundoeducacao.com/psicologia/maslow-as-necessidades-humanas.htm>, acedido em 25-05-2013.

<sup>69</sup> Decidimos neste trabalho adotar a palavra *vigilantes* para identificar os trabalhadores que tratam da vigilância do imóvel, da receção de visitantes e que prestam informações gerais sobre a história do MSMT no âmbito das suas capacidades e conhecimentos. Inicialmente pertenceram à carreira de guarda de museu, mas as sucessivas reestruturações da Função Pública vieram dar-lhes outros nomes, tais como: Vigilantes-rececionistas e, mais recentemente, Assistentes Técnicos (ao abrigo da Lei 12-A/2008, de 27 de fevereiro).

### **2.2.1. O período de transição entre a ocupação privada e a posse do mosteiro por parte do Estado (18-08-1986 a 01-01-1987)**

No ato da celebração da escritura de compra e venda do mosteiro, o Estado ficou imediatamente com a posse jurídica e material da sala do capítulo, da cerca e suas construções. No que concerne às restantes áreas do edifício afetas ao uso privado, o Estado ficou apenas com a sua posse jurídica, efetivando a posse material a 01 de janeiro de 1987. Os antigos proprietários tiveram que deixar estas áreas totalmente livres de pessoas e bens até às 24:00 horas do dia 31 de dezembro de 1986, pois, em caso de incumprimento, estariam obrigados a pagar ao Estado uma indemnização diária de 300000\$00 (trezentos mil escudos/mil e quinhentos euros), situação que não se veio a verificar (E01).

Este período de quatro meses foi uma corrida contra o tempo, por um lado por parte dos privados que tinham que deixar o mosteiro o mais rapidamente possível e por outro, por parte do Estado que teve que organizar-se de modo a recrutar pessoal que fosse capaz de acompanhar este processo de transição, conhecendo, inventariando, estudando e guardando o pouco espólio restante, de modo a evitar mais desaparecimentos.

Foi um período de tensão constante pois o mosteiro, até então habitado pelo Pároco e pelos privados, vê-se *invadido* por uma terceira entidade – o Estado<sup>70</sup> – que, pelo peso institucional que possui, vem confirmar perante os privados a crença de que é uma instituição que apenas impõe e nada cede. Por um lado podemos considerar que os privados poderão ter perdido parte da sua privacidade ao verem constantemente alguns dos espaços, outrora fechados ao público, serem visitados por dezenas de pessoas que estavam ansiosas por conhecer o mosteiro. Por outro lado, também há que entender a posição do Estado que pretendeu salvaguardar o pouco espólio que restou, colocando de imediato no mosteiro uma equipa de vigilantes. O sentimento de insatisfação presente no seio dos privados, acabou por vezes por ser exteriorizado junto dos vigilantes e até dos visitantes, tal como comprova o testemunho recolhido junto do primeiro vigilante que chegou ao mosteiro (E02.9)...

*Quando chegamos ao mosteiro alguns dos herdeiros não compreenderam muito bem a nossa função e o nosso papel e começaram a partir para comentários menos agradáveis. Nunca existiu um conflito físico, mas houve alguns momentos de conflito verbal, onde diziam que o espaço ainda era deles e que não tínhamos nada que levar pessoas a visitar.*

---

<sup>70</sup> Estado que pretendeu dar visibilidade nacional imediata à compra do MSMT, fazendo com que um mês após a sua compra, na primeira *Presidência Aberta* do Dr. Mário Soares (realizada a partir de Guimarães, entre 16 e 25 de setembro de 1986), fosse assinado no MSMT pelo próprio Presidente da República o Protocolo Intermunicipal de Desenvolvimento Cultural. Disponível em: [http://www.fmsoares.pt/mario\\_soares/presidencias\\_abertas.php](http://www.fmsoares.pt/mario_soares/presidencias_abertas.php), acedido em 12-08-2013.

A escritura de compra e venda do mosteiro define claramente a utilização dos espaços por parte do Estado e pelos Privados durante o período de transição. Estes conflitos, que foram surgindo de forma esporádica, foram encetados por elementos da família menos informados. Sentindo que não estariam preparados para esta nova fase da sua vida, acabaram por exteriorizar, à sua maneira, a insatisfação pela forma como o processo de aquisição foi desenvolvido e pelo resultado final alcançado. Nesta fase o papel dos vigilantes foi muito importante, na medida em que foram estabelecendo um processo de comunicação com a outra parte que procurou explicar as funções que estavam a desempenhar, promovendo ainda o esclarecimento de dúvidas que foram surgindo. Este foi um trabalho importante que evitou que os pequenos conflitos tomassem maiores proporções. Pese embora estes acontecimentos, os antigos proprietários acabam por referir que neste processo

*... todos ganharam. O Estado ganhou porque ficou com a maior parte, podendo depois fazer obras para mostrar o mosteiro a quem quisesse, por isso ganharam também as pessoas. Nós também ganhámos porque recebemos uma quantia em dinheiro e os terrenos da Ouriçosa (E01.22).*

### **2.2.2. A primeira equipa de trabalho e a criação das condições básicas de funcionamento**

A CMB teve um papel muito importante nesta fase pois foi a responsável pelo destacamento da primeira equipa de três vigilantes, assegurando também o pagamento dos respetivos vencimentos<sup>71</sup>. Esta equipa entrou ao serviço no dia 15 de setembro de 1986, tendo sido reforçada por mais dois elementos, um a 27 de outubro e outro no decorrer do mês de novembro. A CMB assegurou ainda a coordenação da equipa de trabalho até à chegada do primeiro representante local<sup>72</sup> do MSMT, um técnico superior pertencente aos quadros de pessoal do IPPC, destacado para exercer uma comissão de serviço de seis meses – de 01 de dezembro de 1986 a 31 de maio de 1987.

Enquanto a equipa de vigilantes teve como principal missão dar início a uma campanha de limpeza dos espaços, assegurar a vigilância, receber os visitantes e realizar pequenas visitas guiadas à sala do capítulo e à cerca, o responsável local nomeado ficou incumbido de: promover a articulação institucional entre o IPPC, o Governo Civil de Braga, a CMB e outras entidades interessadas no futuro aproveitamento do mosteiro; apoiar a Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) no que respeitasse às obras a realizar; acompanhar a saída do

<sup>71</sup> Sendo posteriormente ressarcida por parte do IPPC.

<sup>72</sup> O primeiro representante local do MSMT foi nomeado pelo Presidente do IPPC através de um despacho de 03 de novembro de 1986 (SA-E/CE 1986-01).

mosteiro dos antigos proprietários; inventariar os bens do mosteiro antes e depois da saída dos privados; proceder ao acompanhamento dos trabalhos de limpeza da cerca; orientar o Serviço de Guardaria (vigilantes); colaborar com entidades locais; realizar investigação em bibliotecas e arquivos de modo a conseguir reunir informações importantes sobre a história do mosteiro e o seu espólio; e ainda, enviar relatórios mensais à chefia, dando conta dos trabalhos desenvolvidos<sup>73</sup>. A análise da correspondência expedida e recebida dá-nos a informação de outros trabalhos que foram sendo feitos nos seis meses em que este responsável pelo mosteiro esteve a exercer funções. Foi neste período que se procedeu à limpeza da cerca, com a colaboração do Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG) e do Regimento de Cavalaria N.º 6 (RC6), foram realizados levantamentos topográficos da cerca e do edifício, foi colocada uma divisão entre o terreno pertencente ao Estado e a Quinta da Ouriçosa, foi feita alguma investigação histórica que permitiu criar um primeiro conjunto de informações para serem transmitidas ao visitante. Criou ainda as condições básicas de segurança e higiene nos circuitos provisórios de visita, quer no edifício, quer na cerca, permitindo assim a rápida fruição do mosteiro por parte do público. Numa outra vertente, assistiu-se à apresentação formal do responsável do mosteiro às entidades civis e religiosas da freguesia, notando-se também um cuidado extremo no estabelecimento de relações com outras instituições locais, assim como com os antigos proprietários do mosteiro (E03). Com estes últimos a relação era bastante complicada, nomeadamente no que se refere à utilização da água e limitação de terras. Na E03.7 é referido que

*... a água era também um foco de tensões, visto que foi necessário encontrar um modus vivendi entre o mosteiro e os vizinhos da Ouriçosa, que permitisse a estes uma utilização da água em moldes perfeitamente claros, bem definidos e balizados, para evitar choques entre as partes. Mesmo assim houve alguns abusos que tiveram de ser corrigidos. Foi essa uma das razões que me levaram a erguer uma vedação entre os dois domínios: o que também não foi totalmente pacífico porque surgiram dúvidas sobre o exato percurso da linha divisória definida na planta cadastral.*

O primeiro responsável pelo MSMT dá-se a conhecer, criando desta forma canais de comunicação que permitiram o estabelecimento das primeiras relações institucionais, servindo ainda de elo de ligação entre o mosteiro e a sua tutela. O próprio ratifica esta informação dizendo-nos que (E03.5)

*... devia funcionar como mediador, ou facilitador, entre o IPPC e as diversas entidades envolvidas. Designadamente: CMB, antigos proprietários, DGEMN, Serviço de Parques, Exército, beneditinos de*

---

<sup>73</sup> Informação recolhida na pasta *Antigos processos sobre o Mosteiro de Tibães trazidos de Lisboa.*

*Singeverga, etc. Devia ainda garantir a segurança do edifício e criar condições para o acesso do público (acesso que na altura era apenas informal, mas que tinha algum significado na medida em que a compra pelo Estado tinha tido bastante eco na comunicação social, sendo por isso normal o interesse do público).*

No que concerne ao relacionamento com a equipa de trabalho, o mesmo refere que

*foi sempre muito bom; e é bom lembrar que foi necessário estabelecer um regime de turnos, para que a guardaria funcionasse 24 horas por dia, o que até então não acontecia. Claro que isso implicou que por vezes as pessoas tivessem de entrar ao serviço a horas bastante desconfortáveis; mas nunca observei resistência (E03.19).*

Pela leitura de alguns ofícios e notas de serviço interno podemos concluir que a sua intervenção teve um papel mediador e de prevenção de conflitos, procurando a clarificação dos assuntos entre as partes, ajudando assim a criar um clima de confiança que lhe permitiu tomar determinadas decisões sem observar resistência.

Se o primeiro responsável local pelo mosteiro, estando apenas seis meses no cargo, passou quase despercebido perante a freguesia, o mesmo não se pode dizer dos vigilantes. Foram eles o primeiro rosto da instituição, quer junto dos antigos proprietários, quer junto dos visitantes e das pessoas da zona circundante do mosteiro. Para além dos constrangimentos gerados com os antigos proprietários, também com as pessoas da freguesia os primeiros tempos não foram os melhores. Na *E02.18* é referido que

*No início começaram a olhar para nós de uma maneira muito esquisita, como estranhos que tinham chegado a um local. Notou-se muita desconfiança e parecia que ia ser difícil sermos aceites. Olhavam para nós com desconfiança e ignoravam maior parte das vezes a nossa presença e as nossas informações.*

A primeira equipa de vigilantes não tinha ninguém que pertencesse à freguesia de Mire de Tibães, o que poderá também estar na base de um certo desconforto inicial no relacionamento com as pessoas da terra. Por um lado poderia ser importante para o Estado transmitir uma ideia de autoridade, pois ninguém conhecia essas pessoas, não existiam relações de confiança, não existiam *vícios* e portanto, como agentes do Estado, havia que acatar as suas orientações. Por outro, sabemos que em meios populacionais pequenos, com traços de ruralidade como era ainda o caso, as pessoas da freguesia conhecem-se quase todas e por isso, se lá tivesse estado desde o início uma equipa de pessoas de Mire de Tibães ou de freguesias limítrofes, *onde todos se tratam por alcunhas*, certamente não se teria verificado um afastamento inicial, pautado pelo estabelecimento de relações tão ténues... Na verdade, a

imagem dos primeiros vigilantes não era a melhor perante a freguesia e essa desconfiança inicial – baseada em intuições e observações incompletas de algumas ações –, acaba por ser, em parte, confirmada por pequenas ações suspeitas desenvolvidas por alguns elementos da equipa de vigilantes, quer no interior do mosteiro, no âmbito das suas atividades laborais, quer no exterior. Salientamos a notícia presente no anexo 04 cujo título é o seguinte: *Vigilante de mosteiro “visita” escola primária*<sup>74</sup>. Ser encontrado pela Polícia no interior de um estabelecimento de ensino numa hora em que este estava encerrado, sem dúvida que é uma ação suspeita. Mas, um ato isolado de um vigilante, fora do local e do horário de trabalho, acaba por ser aproveitado de forma sensacionalista pelo jornalista que escreveu a notícia. Ao jogar com as palavras, na tentativa de criar certamente um título apelativo, o jornalista acabou por brincar com o facto de um vigilante estar a fazer o seu trabalho num outro local para o qual não estava destacado, envolvendo de seguida o nome da instituição onde o sujeito efetivamente trabalhava. Uma notícia destas, sobre um ato puramente individual, acaba por deitar por terra os esforços que estavam a ser feitos pela equipa do MSMT no sentido de desenvolver um trabalho contínuo que pretendia instaurar uma imagem de credibilidade institucional na comunidade onde se inseria. Conquistar a confiança das pessoas foi um processo demorado, com muitas desconfianças iniciais, mas que começou a resultar ao fim de alguns anos...

### **2.2.3. A chegada da 2ª responsável local pelo mosteiro e a ampliação da equipa de trabalho**

Terminada a comissão de serviço do primeiro responsável local do mosteiro é nomeada no dia 09 de junho de 1987 uma nova responsável, a qual entra de imediato em funções (SA-E/CR 01 1987-04). Desempenhou esse cargo até ao dia 28 de setembro de 1990, data da criação do MMSMT, sendo nessa altura nomeada para Diretora dessa nova instituição. O período inicial não foi fácil. Existiam muito problemas (*E04.9*)...

*...um edifício esburacado por toda a parte (coberturas, soalhos, paredes...), sem eletricidade, cheio de lixo e espoliado de todo o seu recheio; uma cerca enorme, inundada de águas que se perdiam do circuito hidráulico monástico que se encontrava muito danificado, escondida por infestantes e silvas, degradada por anos de abandono que a deixaram praticamente irreconhecível; um contacto de conflito com alguns dos antigos proprietários, que, apesar de terem deixado o edifício em 31 de dezembro de 1986, continuaram a viver no interior da cerca do mosteiro, na Quinta da Ouriçosa, que ficou na sua posse em virtude do acordo de compra e venda do mosteiro; um serviço de guardaria montado pela CMB, composto por cinco elementos, sem formação adequada à função.*

<sup>74</sup> Esta notícia pode ser lida no *Jornal Correio do Minho* de 09-02-1988.

A linha de atuação da nova responsável, num primeiro momento, não foi muito diferente da do seu antecessor. Começando por conhecer o espaço onde iria trabalhar, desenvolveu esforços para continuar a criar as estruturas mínimas necessárias ao funcionamento do mosteiro, nomeadamente a instalação de eletricidade, telefone e de um bloco de casas de banho para apoio aos trabalhadores e visitantes. Para assegurar a vigilância do imóvel, fazer o acompanhamento do visitante e desenvolver trabalhos de limpeza nos jardins, campos e mata foi necessário proceder ao recrutamento de mais trabalhadores, tendo por isso solicitado à tutela a contratação de pessoal<sup>75</sup>. Esse reforço vai acontecendo aos poucos, destacando-se, por exemplo, a chegada em finais de 1987 de uma arquiteta paisagista para projetar, planear e executar os trabalhos de recuperação da cerca<sup>76</sup>. Para a execução desses trabalhos, são estabelecidos contactos com pessoas locais, conhecedoras da agricultura e da morfologia da região. São elas que ajudam a localizar as minas, indicam nomes de novos trabalhadores para os trabalhos de recuperação de todo o circuito hidráulico, desbravam terrenos, erguem muros, consertam latadas e plantam as videiras. São inclusivamente celebrados contratos de comodato<sup>77</sup> em finais de 1988 com dois agricultores locais que ficam com a responsabilidade de cultivar os campos das Hortas. Este conhecimento prático, complementado pelo conhecimento técnico de uma arquiteta paisagista, acaba por ser uma mais-valia para a recuperação do património paisagístico do mosteiro dentro e fora dos muros da cerca<sup>78</sup>.

São desenvolvidos pela responsável local do mosteiro diversos contactos com o Pelouro da Cultura e Ambiente da CMB no sentido de obter os contactos de várias instituições do concelho, de modo a dar a conhecer um novo espaço cultural e promover o relacionamento e colaboração institucionais (SA-E/CE 01 1988-17). Paralelamente, começam a realizar-se atividades, sendo que algumas estiveram mais orientadas para a reflexão em torno do futuro do mosteiro<sup>79</sup> e preocupadas com a chamada de público(s). Emerge neste contexto a forte aposta no setor educativo, tal como se constata no documento SA-E/CE 01 1988-15, onde pode ler-se:

---

<sup>75</sup> Conferir no apêndice 05 o documento SA-E/CE 01 1987-11.

<sup>76</sup> A sua chegada aconteceu ao abrigo de um protocolo existente entre o IPPC e a Associação Portuguesa de Arquitetos Paisagistas (APAP) para a recuperação de jardins históricos, no qual a cerca do Mosteiro de Tibães estava incluída.

<sup>77</sup> O contrato de comodato encontra-se definido no artigo 1129.º do Código Civil como sendo um contrato gratuito pelo qual uma das partes (comodante) proporciona à outra (comodatário), mediante entrega, o gozo temporário de uma coisa (móvel ou imóvel), com a obrigação de a restituir. No caso dos contratos celebrados, os agricultores têm que manter os campos cultivados e apresentáveis, não exigindo o Estado nenhuma contribuição pelo uso da terra. Disponível em <http://info.portaldasfinancas.gov.pt/NR/rdonlyres/504C21C6-C8D6-4D2D-A341-EFCEA1DA774B/0/inf-vinculativa%20-cat%20B-comodato%20e%20leasing.pdf>, acedido em 24-06-2013.

<sup>78</sup> No exterior do mosteiro, do lado poente, existe a mina da Cabrita, a qual continua ainda hoje a fornecer água para animar os escadórios do mosteiro. O aqueduto aéreo que transportava a água estava em ruínas e a água andava perdida. O projeto de recuperação do aqueduto data de junho de 1989 e foi elaborado pelo arquiteto Alcino Soutinho, tendo sido executado entre dezembro de 1991 e janeiro de 1992.

<sup>79</sup> Caso do ciclo de conferências *Tibães: o seu passado e que futuro?*, promovidas pelo MSMT, Centro de Ciências Históricas e Sociais da Universidade do Minho e Museu Nogueira da Silva. As conferências foram realizadas entre 20 de novembro de 1987 e 22 de janeiro de 1988 no Museu Nogueira da Silva, em Braga.

«... e porque pensamos que, independentemente, da reutilização futura do Mosteiro de Tibães, este, pode, desde já, recomençar a desempenhar o seu papel de polo dinamizador de Cultura e converter-se num ponto de referência obrigatório da atividade de estudo, divulgação e propaganda, começamos a trabalhar a Área dos Serviços Educativos».

O dia 01 de junho de 1988, Dia Mundial da Criança, foi um dos primeiros exemplos do trabalho de parceria institucional, tendo sido realizada uma ação conjunta<sup>80</sup> entre o MSMT e a Associação de Fotografia e Cinema Amador de Braga (AFCA), que teve como público-alvo as crianças das escolas do 1º ciclo de Mire de Tibães. A comemoração deste dia continuou nos anos seguintes, procurando estabelecer uma maior relação entre a Escola e o Mosteiro, uma relação dialógica que foi sendo mediada pela colaboração de outras instituições como por exemplo o RC6 e o PNPG. O estabelecimento de uma parceria entre o MSMT, a Casa da Cultura da CMB e a Companhia de Teatro Infantil de Adaúfe – Eira Velha 2, permitiu que, a partir do teatro, fosse possível alargar a oferta de atividades educativas ao público infantil, criando assim estratégias de transmissão da mensagem histórica do mosteiro através de uma forma lúdica. Concomitantemente, no dia 20 de abril de 1989, pela primeira vez, foram apresentados às escolas do ensino secundário dois diaporamas versando os temas *O Barroco na cidade de Braga e em Tibães* e ainda, a *Vida quotidiana em Braga, no século XVIII*.

A abertura do mosteiro ao visitante *comum*, às visitas escolares e à realização de outros eventos culturais, onde se destacam os *Encontros da Imagem de Braga*<sup>81</sup> e a exposição *Portugal na Abertura do Mundo*<sup>82</sup>, contribuíram para que entre 1987 e 1990, o MSMT fosse visitado por 48389 pessoas. Neste período de tempo o MSMT realizou três exposições, um ciclo de conferências, comemorou cinco dias específicos e foi palco (no verão de 1987) das gravações de algumas cenas do filme *O Desejado ou as Montanhas da Lua*, do realizador Paulo Rocha.

Apesar desta crescente atividade, a indefinição quanto ao futuro do espaço foi permanecendo no ar. São prova disso a correspondência trocada com a ENATUR/Pousadas de Portugal, no sentido de averiguar a possibilidade de construção de uma pousada como forma de reabilitar totalmente o mosteiro (SA-E/CE 03 1990-04) ou com o Conselho Cultural da

---

<sup>80</sup> Realização de uma projeção de slides sobre o mosteiro e um concurso fotográfico.

<sup>81</sup> Esta exposição de fotografia chega ao MSMT pela primeira vez em 1989, aquando da sua terceira edição, estando patente ao público entre 14 de abril e 01 de maio. Apesar de existirem diferentes espaços de exposição espalhados um pouco por toda a cidade de Braga, o mosteiro passou a ser o núcleo principal nas edições seguintes.

<sup>82</sup> Esta exposição foi inaugurada no dia 10 de junho de 1990, Dia de Portugal, Camões e das Comunidades Portuguesas. A exposição foi da responsabilidade da Comissão Nacional dos Descobrimientos Portugueses, sendo inaugurada pelo Senhor Presidente da República, Dr. Mário Soares. Esta foi a primeira grande exposição realizada no mosteiro e contou com a presença das principais figuras do Estado, pois as comemorações do Dia 10 de junho decorreram em Braga, logo, quer o Presidente da República, o Primeiro-Ministro (Professor Aníbal Cavaco Silva) e restantes membros do Governo estiveram presentes. A exposição esteve patente ao público de 10 de junho a 15 de agosto.

Universidade do Minho (UM), no sentido de aferir a possibilidade de colocar em funcionamento um Centro de Educação, Formação e Animação Cultural, este ligado à criação de um Centro de Estudos Históricos (SA-E/CE 03 1990-05). No entanto, surge também correspondência trocada com o Sr. Arcebispo de Braga, no sentido de dar início às conversações para a troca de espaços no mosteiro que se encontravam em uso paroquial, mas que se revestiam da maior importância para o projeto que o IPPC dizia ter para o imóvel. Um sinal de que o projeto final poderia ter outro fim que não o da pousada e que acaba, de certa forma, por ser reforçado quando se dá a criação institucional do Museu através do Decreto-Lei n.º 307/90, de 28 de setembro.

#### **2.2.4. A presença da mediação...**

Pela análise dos factos apurados na investigação realizada neste período de tempo específico, podemos referir que a ação do MSMT, ainda como instituição sem personalidade jurídica própria, centrou-se em dois polos distintos: um interno e outro externo.

No que toca ao polo interno podemos incluir, em primeiro lugar, as relações estabelecidas com os antigos proprietários, relações essas que se pautaram pela existência sistemática de um clima tenso que despoletou o surgimento de pequenos conflitos, ainda antes da sua saída definitiva do mosteiro. Depois de abandonarem o mosteiro outros conflitos foram surgindo, nomeadamente relacionados com a utilização das águas, com os limites dos terrenos e com a prática da caça dentro dos terrenos da cerca do mosteiro afetos ao Estado, não obstante a proibição de caçar, sem consentimento de quem de direito, aplicada pela Direção Regional de Agricultura de Entre Douro e Minho (DRAEDM). Estes conflitos pontuais tiveram a mediação do(a) responsável local do mosteiro e da sua equipa de trabalho, procurando estabelecer processos de diálogo assentes na clarificação dos problemas e na procura de uma solução que fosse reconhecida por ambas as partes. No caso da prática de caça, esse consenso nunca foi conseguido porque a parte infratora nunca quis encetar um processo de diálogo sobre o assunto, tendo por vezes sido necessário recorrer às forças de segurança para fazer cumprir a lei. Em segundo lugar, é obrigatório referir as relações estabelecidas com a Paróquia, nomeadamente na criação das regras gerais de utilização dos espaços comuns, sendo mais uma vez importante o papel mediador do(a) responsável local do mosteiro, como elo de ligação (a ponte) entre o MSMT, a Paróquia e o IPPC. Nesta fase não há registos de conflitos com a Paróquia, pelo que poderemos afirmar que o papel da mediação foi no sentido da prevenção de conflitos, procurando estabelecer um processo de comunicação que fosse capaz de explicar o

papel do MSMT como novo espaço cultural, quais os seus objetivos, que espaços comuns pretendiam utilizar e que outros espaços lhe estavam totalmente afetos. Deste modo, foi possível estabelecer uma relação de confiança entre as partes, criando um conjunto de regras informais que foram capazes de definir formalmente a utilização conjunta dos diferentes espaços. Por outro lado, esta relação estabelecida inicialmente com o Pároco, tendo-o como conhecedor dos objetivos do MSMT, foi o ponto de partida para o início de um trabalho mais difícil que consistiu na aproximação da comunidade local ao Mosteiro. O Pároco, para além de ser o mediador entre a Paróquia e o MSMT, passa a ser um mediador entre o MSMT e os paroquianos.

Por fim, consideramos importante referir as relações internas desenvolvidas com a equipa de trabalho, quer com os vigilantes, quer com os trabalhadores da cerca. A equipa de vigilantes foi aquela que de início acarretou mais problemas a nível do funcionamento institucional

*as situações criadas por alguns dos referidos elementos (roubos, faltas sucessivas ao trabalho...) teriam conduzido de imediato ao despedimento desses trabalhadores (E04.23).*

No entanto, a postura de diálogo assumida, preocupada com as questões sociais e humanas que estariam relacionadas com um eventual despedimento fizeram com que fossem sendo dadas sucessivas oportunidades aos envolvidos, até que a rutura aconteceu. Tal como nos processos de mediação de conflitos, em que pretendemos ajudar na criação de um melhor caminho, construindo novas oportunidades, se uma das partes acaba por adular as regras e criar atalhos, então os novos caminhos têm que ser encerrados.

No que toca ao polo de mediação externa do MSMT, podemos afirmar que inicialmente o papel mediador dos responsáveis locais esteve centrado no estabelecimento de relações interinstitucionais com a Arquidiocese de Braga/Pároco, Estado/Paróquia, Estado/Enatur, Estado/Arquidiocese, Estado/Câmara (E05.24.1), não esquecendo ainda o PNPG, a DRAEDM, a AFCA, a UM, o Mosteiro de Singeverga, os museus de Braga e a ASPA. O contacto com instituições educativas começa por ser feito com a comunidade escolar na área de abrangência do antigo Couto de Tibães, mas depressa se alarga a outros concelhos como atestam os pedidos de realização de visitas recebidos neste período. O contacto com instituições de diferentes áreas do saber permitiu a realização de atividades diversas e orientadas para vários tipos de público, conseguindo assim contribuir para um processo em que todos ganharam: o MSMT porque recebeu novos públicos e viu aumentada a sua oferta cultural e educativa e as instituições

parceiras porque deram visibilidade externa ao seu trabalho, aproveitando o espaço do mosteiro como local emergente de novas oportunidades.

### **2.3. 3ª - A expansão institucional (28-09-1990 a 2000)**

A criação institucional do MMSMT<sup>83</sup> foi um marco muito importante na sua *nova* história. Por um lado, foi o reconhecimento oficial da importância histórica e cultural deste imóvel, por outro foi o ponto de partida para a criação das condições legais que permitiram desenvolver a sua missão, muito centrada na ampliação do conhecimento do Mosteiro de Tibães, da Ordem Beneditina e no estabelecimento de relações com a região onde se insere.

No panorama político nacional da época, estávamos na *plena juventude* de uma democracia que continuava o seu processo de consolidação, sendo desenvolvidos esforços na criação de melhores condições de educação, de saúde, de vias de comunicação e de transportes. Com o dinheiro que *fluía* de Bruxelas, foi possível começar a olhar para outros setores, emergindo neste contexto o cultural. Começa a surgir uma nova corrente de pensamento que perspetiva a recuperação patrimonial como uma forma de gerar receita, nomeadamente no turismo e por isso dá-se início a uma grande campanha de recuperação, restauro e reabilitação de imóveis, sendo que alguns acabam por ser transformados em pousadas. A ideia da construção de uma pousada em Tibães foi sendo progressivamente colocada de parte, pois uma solução do género, para ser minimamente rentável, teria que ocupar quase todo o monumento, acabando por limitar muito os locais disponíveis para o circuito de visita. Começam a ser desenvolvidas escavações arqueológicas e a investigação documental realizada essencialmente nas bibliotecas e Arquivos de Braga e Porto vão agregando muita informação sobre o MSMT, ganhando consistência a ideia de criação de um Centro de Estudos. Aos poucos, o circuito de visita vai sendo progressivamente definido apresentando também uma novidade: a cerca torna-se parte integrante do circuito museológico, sendo aí inaugurados os primeiros percursos orientados no dia 20 de março de 1992. Começam a ser realizadas negociações entre o IPPC e a Paróquia, no sentido de se proceder a uma troca de espaços para a implementação do percurso museológico final. Esta negociação teve o seu final com a assinatura de um protocolo de cedência e troca de espaços entre a Paróquia de Mire de

---

<sup>83</sup> De 28-09-1990 a 16-05-1997 a designação que a instituição possuía era a de *Museu do Mosteiro de S. Martinho de Tibães* (MMSMT). Antes e depois do intervalo de tempo anteriormente referido, a designação utilizada foi *Mosteiro de S. Martinho de Tibães* (MSMT). De modo a evitar futuras confusões relativas à designação da instituição, doravante decidimos adotar apenas o acrónimo MSMT.

Tibães/Diocese de Braga e o IPPAR, por altura de realização do Dia de Reflexão sobre Tibães, no dia 27 de setembro de 1995<sup>84</sup>.

Criadas as condições mínimas de segurança para o visitante, realizadas as limpezas gerais dos espaços, instalada a eletricidade e o telefone, iniciados pequenos trabalhos de recuperação e restauro, o MSMT vê aos poucos sendo definidos o seu projeto de ocupação, objetivos e utilização do mosteiro, começando assim a ter a possibilidade de acolher e contactar com mais pessoas. Neste período de tempo, consideramos que a missão desenvolvida pelo MSMT assentou essencialmente no(a)<sup>85</sup>: a) reforço da equipa de pessoal; b) investigação; c) implementação do Serviço Educativo; d) instalação do Centro de Conservação e Restauro de Tibães (CCRT); e) crescente oferta cultural; f) início das grandes obras de restauro e reabilitação.

### **2.3.1. Reforço da equipa de pessoal**

A formação da equipa de trabalhadores do MSMT não foi fácil. Os trabalhos urgentes, a vigilância, o atendimento ao público e os trabalhos na cerca foram sendo feitos recorrendo inicialmente a trabalhadores tarefeiros, com recibos verdes, ou com contratos de trabalho temporários. A criação do MSMT trouxe inerentemente a possibilidade de formação de um quadro de pessoal, o qual tinha um total de 41 lugares. Esse número nunca chegou a ser atingido. Foram sendo abertos concursos com vista à ocupação de alguns dos lugares, tendo sido aproveitada essa oportunidade para tentar regularizar situações de trabalho precárias. Existem duas fases distintas de incorporação de trabalhadores no quadro de pessoal. A primeira vai desde 1991 a 1994. Nesta fase entraram trabalhadores para ocuparem os lugares de guarda de museu, de técnico de museografia e de técnico superior. A equipa de jardineiros foi sendo também reforçada, mas ainda através de vínculos laborais precários. Salienta-se no entanto a entrada de pessoal natural de Mire de Tibães e de freguesias vizinhas para os postos de trabalho de guardas de museu e de jardineiros, o que trouxe alguns aspetos positivos. Por um lado, a criação de emprego na região em áreas de atividade alternativas à indústria têxtil, que ocupava ainda uma posição dominante na indústria local. Por outro lado, a perceção das pessoas da região de que a Cultura era um setor que poderia levar à criação de emprego. Por fim, mas não menos importante, a criação de relações de confiança entre a população, os novos

---

<sup>84</sup> A residência paroquial ocupava o antigo coristado, aposentos do Abade Geral, hospedaria dos peregrinos, cavalariças e jardim do Jericó, espaços fundamentais para a implementação do circuito museológico. Com a assinatura do protocolo e a troca de espaços, o IPPAR ficou com a responsabilidade de construir uma nova residência paroquial e respetivos acessos no espaço do antigo capítulo das culpas. A Residência foi oficialmente entregue à Paróquia no dia 16 de novembro de 1996.

<sup>85</sup> A ordem de apresentação destas alíneas foi determinada pela ordem cronológica dos assuntos que cada uma delas retrata.

trabalhadores (seus conhecidos) e o MSMT. Na verdade, ao serem incorporados trabalhadores da região no quadro de pessoal, dá-se uma espécie de *cooptação informal*<sup>86</sup>, não entendida neste caso como uma ação pejorativa, mas sim como um ato que trouxe implicações educativas e sociais positivas, fazendo emergir o sentido de corresponsabilização. Isto é, alguns dos novos trabalhadores, ao pertencerem à freguesia e à Paróquia, acabaram por ficar com uma dupla responsabilidade. Por um lado, como paroquianos, não queriam afetar as suas relações como o Pároco. Por outro, tinham que cumprir e fazer cumprir as normas emanadas pela sua entidade patronal (IPPC/Estado). Sendo conhecedores de aspetos relacionados com a vivência da comunidade local, aprendizes de uma nova profissão e conscientes das suas responsabilidades laborais, acabam por ser, de forma implícita, elementos fundamentais no equilíbrio das relações interinstitucionais presentes no espaço do MSMT. Esses aspetos foram mais evidentes junto de duas categorias de trabalhadores: dos jardineiros, porque foram explicando aos seus colegas de trabalho locais o seu conteúdo funcional, as tarefas que iam desempenhando e os novos ensinamentos que iam recebendo por parte de técnicos especializados em trabalhos relacionados com a agricultura, ambiente e geologia; e dos vigilantes, porque, sendo os responsáveis pela vigilância dos espaços, pelo atendimento ao público e pela realização de visitas guiadas, funcionaram como a primeira imagem do MSMT, sendo os elos de ligação entre o visitante e o monumento. Acabaram por se transformar, numa primeira fase, nos principais mediadores culturais da instituição.

Existiu uma segunda fase de incorporação de trabalhadores no quadro de pessoal, esta já em 1999, sendo feita com autorização governamental no sentido de regularizar todas as situações de contratos de trabalho precários que ainda existiam, permitindo assim a entrada efetiva de trabalhadores para cumprir necessidades permanentes do serviço. Digamos que nesta fase o MSMT acaba por ficar com a definição da equipa mínima de trabalho necessária à prossecução da sua missão podendo, a partir desse momento, redefinir tarefas e projetar melhor o trabalho a desenvolver no milénio seguinte.

### **2.3.2. Investigação**

A investigação em torno do MSMT conhece neste período um desenvolvimento espantoso. O reforço da equipa de trabalho, tal como vimos anteriormente, trouxe também para

---

<sup>86</sup> Philip Selznick (1978:93) define a cooptação «... como o processo de absorção de novos elementos na liderança ou estrutura de decisões políticas de uma organização como meio de evitar ameaças à sua estabilidade ou existência». Define ainda a cooptação informal como a necessidade de ajustamento às pressões de centros específicos de poder na sociedade.

o mosteiro, a título permanente, mais três técnicos superiores, que, em colaboração com a diretora e a arquiteta paisagista, contribuíram para a construção de um corpo de conhecimento único relativo ao conjunto monástico, mas de forma geral, em torno da Ordem Beneditina, dos Jardins e Sítios Históricos. De mãos dadas com a investigação histórica surge a investigação arqueológica, desenvolvida pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Segundo Fontes (2005:47) «entre os anos de 1992 e 2001, abrangendo praticamente todas as zonas do mosteiro, foram escavadas mais de setenta valas, numa área total superior a 2000 m<sup>2</sup>». Os registos fotográficos, epigráficos, fotogramétricos e os desenhos técnicos, ajudaram a conhecer melhor o MSMT e as suas características físicas, tornando-se ferramentas essenciais para a construção de conhecimento, mas, acima de tudo para a preparação de uma operação integrada de restauro, recuperação e reabilitação, devidamente pensada, estruturada e fundamentada do ponto de vista técnico e científico. Ainda segundo Fontes (*idem*:15-16), de todos estes trabalhos

«... resultou um vasto acervo documental, que é também já património a conservar e que incorpora mais de cinco mil fotografias (diapositivos e negativos), cerca de seiscentos desenhos de pormenor com registo de vestígios de construções e de mais de dois mil contextos estratigráficos. Recolheu-se diverso espólio, em que se destacam algumas peças cerâmicas completas e mais de vinte mil fragmentos de cerâmica de diversas produções, desde o século XI ao século XX».

Tal quantidade de informação e de materiais produzidos justificaria a implementação do Centro de Estudos Históricos, projeto inserido no programa de reuso do mosteiro, mas que nunca chegou a ser colocado em prática.

### **2.3.3. Implementação do Serviço Educativo**

Apesar de ter sido assumida desde cedo a importância de desenvolver um trabalho de educação muito apoiado na ação do Serviço Educativo (SE) do MSMT, constata-se que entre 1987 e 1991, a ação educativa centrou-se essencialmente na comemoração de dias específicos, tais como o Dia Mundial da Criança e o Dia Internacional dos Museus. Efetivamente, a partir de setembro de 1992, com a entrada ao serviço de mais um técnico superior que ficou com a tarefa de desenvolver a atividade do SE, verifica-se que o número de atividades educativas vai aumentando gradualmente. Continuam a ser celebrados os dias especiais, mas acresce a realização de visitas guiadas gerais (adaptadas à idade dos participantes) e específicas sobre o quotidiano monástico, o barroco, o azulejo, a talha e a cerca (adaptadas ao nível de escolaridade). É dada especial importância à exploração pedagógica de exposições, criando

atividades que ajudaram a transmitir a mensagem, procurando tornar as aprendizagens significativas, sendo um dos primeiros exemplos disso a exploração da exposição *A botica nos séculos XVIII e XVIII*, realizada entre 27-10-1992 e 17-01-1993. O contacto com as escolas da zona de influência do antigo Couto de Tibães passa a ter um novo interlocutor, privilegiando-se assim uma relação de proximidade com professores e alunos de diferentes níveis de ensino. Paralelamente vão surgindo novas possibilidades de trabalho educativo no espaço museológico, como foi o caso da parceria estabelecida no ano letivo de 1996/1997 com a Escola Secundária D. Luís de Castro (Braga), no âmbito da qual a escola trouxe para o MSMT, em contexto de estágio, os alunos do Curso de Animação Sociocultural fornecendo-lhes materiais e apoio científico na área específica de formação. Por sua vez, o MSMT deu-lhes formação histórica, colaborou nos projetos e apoiou a sua execução, resultando como trabalho final uma encenação que pretendeu retratar um pouco do quotidiano beneditino em espaços do mosteiro e da cerca.

Precisamente a partir de 1997 assiste-se a uma linha de pensamento e de ação que vê no estabelecimento de parcerias uma hipótese cada vez mais viável para contornar a excessiva burocracia a que as instituições estavam (e cada vez mais continuam a estar) sujeitas, mas, acima de tudo como uma possibilidade infindável de criação de atividades inovadoras, capazes de contrariar uma certa apatia e repetibilidade das ações desenvolvidas pelos museus e espaços culturais. O MSMT adere ao *Projeto Museu/Escola/Comunidade*, desenvolvido pelo Instituto de Estudos da Criança (IEC) da UM em colaboração com a Fundação Calouste de Gulbenkian e dirigido aos museus e escolas do norte de Portugal. Começando pela realização de um primeiro workshop nos dias 28, 29 e 30 de abril de 1997 – onde foi intenção colocar em contacto profissionais dos museus e da educação com vista à ampliação e aprofundamento da articulação entre o Museu, a Escola e a Comunidade – este projeto tinha também como objetivos fundamentais proceder a um levantamento de recursos existentes nas escolas e nos museus (por forma a potenciar a sua utilização em prol do fortalecimento desta relação) e ainda promover a formação de profissionais destes dois setores (Fontes, 1997 e 1999). A participação neste projeto implicou a visita ao MSMT, não apenas das escolas, mas de toda a comunidade escolar, com especial destaque para as famílias. Buffet (1999:08) refere que a Escola e o Museu

«... afirmaram ao longo dos anos, três vontades comuns que podem fundamentar uma parceria educativa e cultural: - a vontade de adaptação aos novos contextos sociais e culturais; - a vontade de revalorizar os recursos humanos em sistemas marcados pela tecnocracia; - a vontade de participar na recomposição de uma sociedade fragmentada, tanto de um ponto de vista económico como cultural, mas com o desejo de fazer evoluir a democracia».

Este tipo de projeto conseguiu que, através das crianças, fosse possível envolver os seus familiares e amigos na realização de diversas atividades, aproximando-as aos poucos do espaço monástico de Tibães. Um verdadeiro projeto de mediação, termo que aparece pela primeira vez de forma explícita no seio do MSMT. Foi o ponto de partida para a tomada de consciência de que o SE vai muito para além da preparação e execução de atividades específicas para o público escolar. Ele é o principal elo de ligação entre a Escola e a Comunidade. Esta interiorização de um novo sentido, permitiu também a alteração dos discursos produzidos, sendo exemplo disso o texto que Oliveira (1997) produziu e que a seguir transcrevemos<sup>87</sup>:

«Foi por este Mosteiro acarinhada a ideia de criação de uma atividade que pretendeu envolver não só a Escola docente e discente, mas também a comunidade, nomeadamente os pais das crianças, elementos fundamentais para uma educação mais completa dos nossos jovens. A interação da Escola com as Famílias deve ser explorada e aprofundada. Da mesma forma a relação Museu/Escola/Comunidade deve também ser alvo de um mais próximo contacto, de forma a que esta instituição seja um membro ativo na formação dos nossos cidadãos, quer dos mais jovens, quer dos adultos. Para além da formação, os nossos concidadãos devem também ser ajudados na perspetiva de que a cultura e o património devem ser vistos cada vez mais como componentes essenciais da vida de cada ser humano e que os museus podem ser elementos válidos na criação de uma cidadania cada vez mais participada. Daí a aproximação e a realização de atividades que envolvam não apenas uma elite cultural, mas toda a comunidade».

Como fruto deste trabalho e da importante relação de cumplicidade que é estabelecida entre o MSMT e a comunidade local, aquando da criação dos agrupamentos escolares, um deles, situado dentro dos limites do antigo couto de Tibães, adota a designação de *Agrupamento de Escolas Mosteiro e Cávado*, destacando assim a importância do património (ambiental e edificado) na identidade da sua comunidade escolar, procurando desta forma dar um contributo para a construção de novas práticas sociais em que o património cultural possa estar envolvido.

Importa ainda referir que, a partir de Janeiro de 1993, os dados estatísticos relativos às entradas de visitantes começam a ter também um tratamento diferenciado, ou seja, no total de entradas no MSMT é feita uma separação entre os visitantes ditos comuns e os visitantes do SE, permitindo assim recolher dados que ajudaram a refletir sobre o trabalho desenvolvido, reorientando as práticas e diversificando a oferta educativa ao longo dos anos que se seguiram. Apresentamos na tabela 3 os dados estatísticos relativos aos visitantes do MSMT no período que neste momento nos encontramos a investigar.

---

<sup>87</sup> Este texto faz parte do *Relatório da Comemoração do Dia Mundial da Criança de 1997* presente no arquivo do MSMT.

Tabela 3 – Comparação anual entre visitantes do Serviço Educativo e Outros Visitantes (1990-2000)

<b>Comparação anual entre visitantes do Serviço Educativo e Outros Visitantes (1990-2000)</b>			
<b>Ano</b>	<b>Serviço Educativo</b>	<b>Outros Visitantes</b>	<b>Totais parciais</b>
1990	0	18938	18938
1991	0	11024	11024
1992	0	14111	14111
1993	3126	11500	14626
1994	3837	10590	14427
1995	2940	11123	14063
1996	4777	10419	15196
1997	7420	12439	19859
1998	5840	12196	18036
1999	2704	6888	9592
2000	3584	5836	9420
<b>Total</b>	<b>34228</b>	<b>125064</b>	<b>159292</b>

Os dados revelam-nos que 78,5% (125064) de visitantes vieram visitar o mosteiro, a cerca e/ou as exposições, sendo por isso enquadrados na tipologia *Outros Visitantes*. Podemos também constatar que no período em estudo, 21,5% (34228) dos visitantes do MSMT participaram em atividades promovidas pelo SE, o que começa já a ser uma percentagem significativa, facto que nos leva a reorientar o nosso trabalho e a optarmos por analisar mais em pormenor a atividade deste serviço no próximo período de estudo. O reconhecimento da importância da ação do SE na continuação da missão do MSMT conduziu a que em agosto de 2000 a sua equipa de trabalho fosse reforçada com mais dois técnicos que estavam afetos anteriormente ao serviço de vigilância e que foram reclassificados profissionalmente. Não desprezando nenhum dos outros setores de atividade do MSMT, parece-nos interessante debruçarmo-nos mais em pormenor sobre esta centralidade que o SE começa a adquirir no contexto da ação geral do MSMT.

#### **2.3.4. Instalação do Centro de Conservação e Restauo de Tibães**

O MSMT foi, ao longo dos tempos, uma verdadeira escola de artes e ofícios, um estaleiro onde trabalharam alguns dos principais mestres: Frei José Vilaça; André Soares; Frei Cipriano da Cruz; José Álvares de Araújo; António Fernandes Palmeira; Manuel Álvares; Agostinho Marques; Pascoal Parente; Manuel Fernandes da Silva; entre muitos outros. Entalhadores, pedreiros, arquitetos, carpinteiros, ferreiros e pintores, todos foram contribuindo para a transformação geral do espaço num local de referência religiosa, histórica e artística. Mas todo o património que nos

foi deixado precisa de ser conhecido, protegido e restaurado, não só o do MSMT como todo o restante património nacional e mundial. O decreto-lei que extingue o IPPC e cria o IPPAR<sup>88</sup> vem, através do seu artigo 18º, criar nesse momento uma rede de Centros de Conservação e Restauro (CCR) afetos aos serviços centrais (caso do CCR de Viseu) e às suas Direções Regionais do Porto (funcionando no MSMT), de Coimbra e de Évora. Procurou-se assim descentralizar serviços na área da conservação e restauro de bens móveis<sup>89</sup>, criando estruturas de proximidade que tinham como função realizar diagnósticos de situação e elaborar propostas de intervenção, prestar apoio técnico e executar trabalhos de conservação e restauro de urgência em determinadas áreas específicas.

O Centro de Conservação e Restauro de Tibães (CCRT)<sup>90</sup> foi criado no dia 15 de outubro de 1993, tendo sido oficialmente inaugurado no dia 12 de janeiro de 1994 pelo Secretário de Estado da Cultura. Tinha como principal objetivo a defesa e salvaguarda do património móvel, apoiando-se no desenvolvimento das áreas da formação, investigação científica e divulgação. Abrangendo os distritos de Braga, Bragança, Porto, Viana do Castelo e Vila Real, a área de atuação do CCRT ficou ainda adstrita a alguns concelhos dos distritos de Aveiro, Guarda e Viseu.

A falta de técnicos especializados nas principais áreas de conservação e restauro conduziram a que o CCRT, com o apoio do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), promovesse dois cursos de conservação e restauro, um na área do azulejo e outro na área da talha. Funcionando entre 1995 e 1998, estes dois cursos habilitaram para o mercado de trabalho 20 técnicos (10 em cada área), voltando a fazer de Tibães uma *nova escola* de artistas, desta vez não produtores de novas obras, mas responsáveis pela conservação das existentes. Durante o período de funcionamento do CCRT, o MSMT acabou por ganhar uma *nova vida*. O fluxo de pessoas aumentou consideravelmente. Eram várias as pessoas que vinham solicitar informações sobre os processos de restauro que estavam a ser tratados ou empresas interessadas em levantar processos para concorrerem à execução de trabalhos. A realização dos cursos de conservação e restauro criou também um movimento diário de pessoas bastante significativo. Durante três anos, foram cerca de 35 pessoas (entre formandos, formadores e pessoal técnico) que passaram a estar todos os dias no MSMT, acarretando consigo importantes

---

<sup>88</sup> Decreto-lei n.º 106-F/92, de 01 de junho.

<sup>89</sup> Até então o trabalho de conservação e restauro em Portugal era desempenhado a nível nacional unicamente por uma instituição, o Instituto José de Figueiredo, em Lisboa.

<sup>90</sup> O CCRT começou a funcionar em instalações provisórias existentes na galeria dos gerais (ala norte) e na hospedaria (ala poente) do MSMT. Estava prevista a construção de instalações definitivas na zona das antigas cortes (ala poente) que iriam constar de oficinas e laboratórios (no r/c) e de instalações técnicas e administrativas (no 1º andar). Apesar das obras terem sido iniciadas em 1994, certo é que nunca chegaram a ser concluídas, tendo mesmo o CCRT sido transferido para a Delegação Regional do Porto do IPPAR, na Casa de Ramalde, durante o ano de 2000.

benefícios para a economia local. A instalação do CCRT foi, de uma maneira geral, um excelente meio para a divulgação da ação do MSMT, mas, muito em particular, para colocar o nome de Tibães na rota e nos discursos produzidos pela comunidade técnica e científica associada à conservação e restauro do património em Portugal.

### **2.3.5. Crescente oferta cultural**

A afirmação institucional do MSMT com a criação do MMSMT acabou por ser o catalisador para a realização de diversos eventos culturais no seu espaço, catapultando Tibães no panorama cultural da região. No período compreendido entre os anos de 1991<sup>91</sup> a 2000 contabilizámos 104 atividades culturais, destacando-se entre estas a realização de 31 exposições, 24 comemorações de dias específicos, 12 conferências, oito concertos e a representação de cinco peças de teatro. Gostaríamos de salientar que houve uma aposta muito forte na realização de exposições. *Tibães no rasto de uma história*<sup>92</sup> foi a primeira grande exposição depois da criação do museu. Tendo um cariz iconográfico-documental sobre o MSMT e a Ordem Beneditina, tentou juntar espólio do mosteiro que se encontrava disperso, procurando enviar um sinal de alerta para a sociedade no sentido de esta tentar reconhecer e localizar património do mosteiro, para depois desenvolver estratégias que pudessem promover o seu regresso ao local de origem. Seguiu-se a exposição *A Botica – Séculos XVII e XVIII* (já anteriormente referida) e *Uma memória rural no Couto de Tibães*, realizada de 17 de julho de 1993 a 08 de janeiro de 1994. Esta última exposição procurou recolher memórias de um quotidiano rural que estava a desaparecer de forma muito rápida, pretendendo assim *ressuscitar* a valorização das raízes de uma comunidade, da sua identidade e das suas tradições. O Pároco de Mire de Tibães (pessoa muito importante neste processo) lançou o pedido de colaboração, a equipa de trabalho do MSMT – dos jardineiros aos técnicos superiores – desdobrou-se em contactos e, aos poucos, as peças foram chegando. Ao fim de meia dúzia de anos, as palavras deram frutos e a população começava agora a voltar-se para o mosteiro, sinal de que a mensagem estava a ser escutada, descodificada e compreendida. Pela ação do MSMT, o desinteresse, a destruição e o abandono do património rural começam a dar lugar à valorização, apreço e ao amor pelas coisas antigas da terra. A exposição, aqui utilizada como uma importante estratégia de mediação, permitiu que todos saíssem a ganhar: a população, porque

---

<sup>91</sup> No ponto 2 deste capítulo optámos por recolher dados estatísticos desde 1986 até ao final do ano de 1990, por isso neste 3º ponto assumimos os dados estatísticos de 01 de janeiro de 1991 a 31 de dezembro de 2000.

<sup>92</sup> Realizada de 25 de março a 05 de maio de 1991.

viu divulgado o seu trabalho, as suas estórias, as suas vivências e preservada a sua memória; o MSMT, porque conseguiu cativar a confiança das pessoas que cederam as peças, de tal maneira que algumas das peças foram oferecidas para fazerem parte do acervo permanente do museu; e por fim, ganhou também a memória coletiva de toda a população que ficou assim registada. A utilização das exposições como estratégia capaz de criar laços e relações fortes com a comunidade local, teve mais dois momentos altos: a exposição *Tibães convento e movimento*<sup>93</sup>, que associou aos brinquedos do arquiteto Virgínio Moutinho um núcleo relativo ao presépio movimentado de Mire de Tibães; e *O Cerco, memórias e olhares da festa*, exposição sobre a festa de S. Sebastião, realizada em colaboração com a *Comissão de Festas em Honra de S. Sebastião – o Cerco*, de 09 de agosto a 05 de outubro de 1997.

Ao mesmo tempo que se reforçavam laços com a população mais próxima do mosteiro, procurando atraí-la e fidelizá-la, o trabalho do MSMT nesta década passou pela abertura do monumento à realização de várias exposições e outros eventos culturais com uma amplitude geográfica mais alargada, conseguindo inclusivamente atrair público e artistas estrangeiros. A título de exemplo, registamos o concerto do Grupo de Música Reservata (28 de junho de 1991), o concerto pela Orquestra de Câmara de Vestefália (07 de setembro de 1991) e a realização do Encontro Internacional de Jardins Históricos<sup>94</sup>, nos dias 30 de junho, 1 e 2 de julho de 1995. Segundo o texto de apresentação<sup>95</sup>, este encontro teve como objetivo

«... juntar Arquitetos Paisagistas, Arquitetos, Historiadores, Arqueólogos, Engenheiros, Proprietários e Gestores de Jardins Históricos para discutir a filosofia de conservação nas suas várias vertentes, divulgar o conhecimento construído e esforços desenvolvidos nesta área de intervenção, promover a interdisciplinaridade na abordagem do jardim histórico, confrontar experiências em ações de recuperação, gestão de jardins e formação de técnicos para os jardins históricos, estabelecer uma rede de trabalho entre profissionais e sensibilizar para o valor do património dos jardins e para a cultura dos povos».

Foi durante a realização deste encontro que se consumou o regresso – ao seu local de origem – do chafariz do Jardim de S. João, que durante 16 anos esteve colocado no centro de Braga, em frente à Arcada. Ainda dentro da temática deste encontro (e, podemos afirmar, como consequência), no dia 09 de maio de 1998, a cerca do MSMT recebe em Treviso – Itália, o

<sup>93</sup> Esta exposição esteve patente de 15 de dezembro de 1996 a 02 de março de 1997.

<sup>94</sup> Estiveram presentes alguns dos principais especialistas nacionais e internacionais. Ilídio de Araújo; Robert de Jong; Teresa Portela Marques; Charles A. Birnbaum; Edgar Fontes; Carmen Añon Feliú; Peter Goodchild; Margarida Coelho; Teresa Almeida D'Eça; Maria João Dias Costa; Teresa Andersen; David Lawson Jacques; Mário Fortes; Aida Mata; Gonçalo Ribeiro Teles; Mariachiara Pozzana; E. Elzenga; Paulo Farinha Marques; Eduardo Pires de Oliveira.

<sup>95</sup> Excerto de texto encontrado em alguns documentos não publicados presentes no arquivo do MSMT nas pastas DDC 01 14 A e B.

Prémio Internacional Carlo Scarpa para os Jardins, atribuído pela Fondazione Benetton Studi Ricerche<sup>96</sup>. Este prémio foi assim o reconhecimento internacional de uma década de trabalho.

A finalidade deste prémio é a de contribuir para a divulgação da importância da gestão da paisagem, destacando anualmente um local a nível mundial particularmente importante no que toca ao respeito pela proteção da natureza e da memória (Mata & Costa, 1998). O MSMT,

*... enquanto agente cultural, deve procurar estabelecer meios de atingir os seus fins de salvaguarda e promoção patrimonial; por outro lado, deve conseguir atingir objetivos de programação que consigam afirmá-lo como entidade de dinamização cultural e de desenvolvimento da cidadania. As responsabilidades crescem enquanto bem público ao serviço da cultura e do património. Deve constituir um exemplo para as populações e para isso tem que trabalhar afincadamente (E06.26).*

### **2.3.6. Início das grandes obras de restauro, recuperação e reabilitação**

Passadas as obras de salvação deu-se início a uma campanha de restauro, recuperação e reabilitação que, no período que estamos a investigar esteve orientada para a produção de uma solução global que permitisse a utilização e fruição do mosteiro. Entre 1993 e 1994 foi recuperada a capelinha de S. Bento. De 1994 a 1995, para além da construção da residência paroquial, foram recuperados os tetos da portaria da Sr.<sup>a</sup> do Pilar e do salão da ouvidoria. Ainda em 1995 foram recuperados os corredores da hospedaria poente e a sala do capítulo. Em 1997 foi executada a obra de acumulação e distribuição de água pelas redes de incêndio e para consumo, assim como foi criado o sistema de esgotos, tendo sido construída na cerca uma estação de tratamento de águas residuais (Pereira, 1997). Entre 1997 e 1999 deu-se início a uma obra de grande envergadura que incidiu na recuperação e reabilitação de toda a ala norte do mosteiro. Foi instalada, na sala do recibo, a receção de apoio ao visitante e a sala de exposições temporárias. A cavaliçã foi transformada em sala polivalente, foram feitos novos sanitários públicos, um posto de transformação de eletricidade e procedeu-se ainda à recuperação de todas as coberturas do edifício. Este programa de obras, financiado maioritariamente pelo *II Quadro Comunitário de Apoio*, dotou o mosteiro das condições básicas necessárias ao desenvolvimento da sua ação, ficando assim com a capacidade de receber, com qualidade, mais atividades culturais e, inerentemente, mais público.

<sup>96</sup> Mais informações em [http://www.fbsr.it/fbsr.php/il\\_paesaggio/Premio\\_Carlo\\_Scarpa/Premio\\_Internazionale\\_Carlo\\_Scarpa\\_per\\_il\\_Giardino](http://www.fbsr.it/fbsr.php/il_paesaggio/Premio_Carlo_Scarpa/Premio_Internazionale_Carlo_Scarpa_per_il_Giardino), acedido em 22-07-2013.

### 2.3.7. Que relações entre os pontos anteriores e a mediação?

Uma das perguntas que se nos pode apresentar de imediato é saber qual a relação das alíneas anteriores com a temática deste trabalho. Pois bem, para que exista mediação é necessário que sejam criadas uma série de condições. Na verdade foi isso que foi acontecendo nesta década no MSMT. Começando pelas pessoas, porque sem elas nenhuma instituição vive, o MSMT foi construindo uma equipa de trabalho em áreas prioritárias como a vigilância e a jardinagem. Sabiamente, ao contratar pessoas da comunidade local permitiu que, implicitamente, fossem sendo desenvolvidas ações de mediação preventiva entre a comunidade, o MSMT e a Paróquia. Mas essa mediação passou para um nível superior, na medida em que da mediação local eles passaram para uma mediação *glocal*<sup>97</sup>. Ou seja, para além de constantemente terem que mediar assuntos de carácter local, ao receberem visitantes de todo o lado (nacionais e estrangeiros), tiveram que criar estratégias que os ajudassem a transmitir a mensagem e a encurtar a distância entre o visitante e o local de visita. Por sua vez, os jardineiros estabeleceram, a nosso ver, um outro tipo de mediação. Partindo também de uma mediação de carácter local, onde foram elucidando as pessoas da comunidade sobre os trabalhos que estavam a desenvolver dentro e fora do mosteiro, passaram a exercer uma mediação mais complexa, esta centrada na clarificação de tomadas de posição relativamente à proteção de espécies de animais e plantas e de preservação de antigas técnicas de cultivo e irrigação. Para além de protegerem a natureza, tornaram-se mediadores do património ambiental e rural, o que acabou por trazer reflexos na paisagem envolvente do MSMT.

Mas todo este trabalho não seria possível se a investigação estivesse parada, por isso, há que conhecer *o antes* e *o agora*, para preparar convenientemente *o depois*. Tal e qual como na mediação, em que temos que conhecer bem as duas partes para depois podermos intervir. A investigação foi o suporte científico para a criação da informação básica a fornecer aos visitantes comuns e responsável pelo desenvolvimento de suportes informativos mais elaborados, aptos a satisfazerem as necessidades de públicos mais exigentes e especialistas em determinadas áreas. Foi um pilar fundamental para a criação de um corpo de conhecimentos capaz de fundamentar teoricamente as diversas atividades culturais que foram sendo realizadas ao longo dos tempos no MSMT.

---

<sup>97</sup> Este termo foi defendido pelo sociólogo Roland Robertson, representando a fusão dos termos globalização e localização. Nenhum destes conceitos sobrevive sem o outro, uma vez que a globalização, para atingir determinados locais, tem que se adaptar a certas especificidades. Santos (2002:63) reforça esta ideia ao afirmar que «(...) não existe condição global para a qual não consigamos encontrar uma raiz local, real ou imaginada, uma inserção cultural específica».

A criação do SE foi o reconhecimento institucional de que a Educação é a chave para a criação das estruturas básicas no cidadão e na sociedade no que toca à proteção, valorização e dinamização cultural. A educação patrimonial desenvolvida pelos museus/espços culturais é a base da consciencialização das pessoas para a importância do património, permitindo operar transformação social, nomeadamente no que toca ao saber estar e ao saber ver. Esse trabalho de consciencialização começou essencialmente pela preparação de discursos adaptáveis às especificidades do público em idade escolar, mas aos poucos foi atingindo toda a comunidade escolar, sendo um bom exemplo de como a estratégia de mediação cultural operada em crianças pode atrair ao museu/espço cultural (e fidelizar) o público adulto. O SE começa neste período a destacar-se como a estrutura a partir da qual se fixou uma base capaz de produzir ligações com múltiplas áreas do saber, constituindo-se como um polo dinamizador, dando um forte contributo para o aumento das atividades produzidas e para o conseqüente aumento do número de visitantes recebidos.

O papel do CCRT acaba também por ser o de catalisador do nome Tibães, uma vez que, utilizando o edifício como ponto de encontro, coloca em contacto proprietários de património a conservar/restaurar/classificar com técnicos e empresas especializadas na área. Diferentes visões que, com a ajuda da capacidade técnica e científica da equipa de trabalho do CCRT, acabaram por tentar encontrar a solução mais apropriada para o seu problema.

As obras realizadas criaram as condições físicas e os recursos técnicos necessários ao bom desempenho do MSMT na aproximação do monumento ao público. Se numa primeira fase as ações culturais foram mais direcionadas para a comunidade local e região de Braga, incidindo no conhecimento do mosteiro, na sua história, no seu espólio e na sua ligação com a região onde se insere, a partir do momento em que as obras criaram e recuperaram espços, dotando-os de boas condições de receção e de exposição, o MSMT passou a ser capaz de receber com maior regularidade e qualidade eventos culturais provenientes de diferentes pontos geográficos. No entanto, a realização de obras em espços de utilização partilhada obrigou a um cuidado redobrado no que toca à forma como as informações relativas aos trabalhos foram transmitidas procurando sempre clarificar o mais possível a mensagem de modo a evitar o surgimento de conflitos, tendo sido prova disso mesmo as constantes reuniões de obra que foram realizadas com a presença de todas as entidades que coabitam no mosteiro.

Em 1997 dá-se a alteração do logótipo do MSMT. O inicial representava o passadiço, primeira imagem que o visitante observa se entrar no mosteiro pela porta dos carros. O segundo

representa o jardim de S. João (ver ambos no anexo 05). A escolha das imagens não foi feita pensando no conceito de mediação, mas sim na procura de uma imagem forte que pudesse identificar rapidamente o MSMT. O primeiro logótipo – que representa uma passagem – foi utilizado entre 1990 e 1997, precisamente num período em que o MSMT começou a abrir-se à comunidade e a estabelecer ligações que pretendiam aproximar as pessoas do património. O segundo é adotado a seguir a uma nova lei orgânica do IPPAR que altera o nome institucional do Mosteiro e, coincidentemente, no momento em que se fala pela primeira vez do conceito de mediação no MSMT. A sua forma octogonal, com abertura na parte central superior e inferior, com um núcleo central mais escuro, à volta do qual gravitam oito figuras geométricas, pode perfeitamente simbolizar a base a partir da qual o MSMT estabelece ligações com os mais diferentes setores da sociedade, estando aberto para receber novos públicos, ajustar-se às suas especificidades, transformando-se assim num verdadeiro espaço de mediação cultural.

A conjugação dos aspetos anteriormente salientados foi fundamental para a preparação e criação das bases de trabalho de mediação necessárias para a sedimentação da ação cultural e educativa do MSMT.

#### **2.4. 4ª - A consolidação institucional (2001 a 2012)**

O último período de tempo que nos propomos analisar no nosso trabalho leva-nos a centrar o olhar em várias vertentes, das quais destacamos: a continuação da criação das condições necessárias à missão e objetivos do MSMT; a crescente oferta de atividades educativas e culturais; e a análise de dados estatísticos relativos à ação desenvolvida pelo MSMT, com particular incidência no que diz respeito ao SE. Pretendemos ainda proceder à análise dos dados obtidos nas entrevistas realizadas, nomeadamente no que toca às questões diretamente ligadas à temática da mediação e ao seu papel na história contemporânea do MSMT, não esquecendo porém de perspetivar qual o seu contributo na ação futura do MSMT.

##### **2.4.1. A continuação das obras, as novas tecnologias e a crescente oferta de atividades**

Com as principais linhas de ação do mosteiro já perfeitamente definidas e beneficiando do apoio conferido através de programas comunitários, as obras<sup>98</sup> vão atingindo progressivamente várias áreas do mosteiro. Entre 2001 e 2002 são recuperados, restaurados e

---

<sup>98</sup> Para informações mais pormenorizadas sobre as obras cf. Santos, 2013.

reabilitados o claustro do cemitério e o coristado (ocupado entre 1834 e 1996 pela residência paroquial). De 2006 a 2009 procede-se à recuperação e reabilitação do noviciado, ala sul e claustro do refeitório, instalando-se aí uma comunidade religiosa no dia 11 de novembro de 2009, com a responsabilidade da gestão de uma hospedaria com nove quartos e um restaurante. Em outubro de 2011 têm início as obras de reordenamento do terreiro do mosteiro realizadas pela Junta de Freguesia de Mire de Tibães e CMB, obedecendo ao projeto da Arquiteta Paisagista Maria João Dias Costa (DRCN/MSMT). Ainda neste período de 12 anos não podemos deixar de referir o restauro e recuperação dos aposentos do Abade Geral e de três das celas da galeria dos gerais, entre novembro de 2007 e 16 de janeiro de 2008. Esses espaços foram utilizados nos dias 18 e 19 de janeiro de 2008, durante a realização da XXIII Cimeira Luso-Espanhola, presidida pelo então Primeiro-Ministro do Governo português, José Sócrates e, pelo Presidente do Governo espanhol, José Luís Rodríguez Zapatero<sup>99</sup>.

A esta melhoria das condições físicas associa-se a chegada de novas tecnologias no campo informático, com as quais foi possível criar com maior facilidade cartazes, desdobráveis e até folhetos de divulgação das atividades. A título de exemplo, para a divulgação das suas atividades a equipa do SE desenvolveu e distribuiu pela primeira vez em 2004 um folheto impresso com a apresentação das suas atividades. Este tipo de suporte foi usado até ao ano letivo 2009/2010 uma vez que, devido aos constrangimentos orçamentais, a impressão dos folhetos foi suspensa, sendo o seu conteúdo na mesma divulgado através de outros meios.

Com a chegada da internet foi possível desenvolver esforços no sentido de criar novas formas de comunicação que, para além do tradicional envio de convites e cartas por correio, notas de imprensa, afixação de cartazes e distribuição de folhetos, tornassem mais rápida a circulação de informação. Em 1999 surge a primeira página da internet do MSMT, associada ao *Projeto Geira*, um projeto que pretendia colocar em rede os museus do norte de Portugal e da Galiza<sup>100</sup>. Este tipo de página tinha um administrador externo ao MSMT, verificando-se que, na maior parte dos casos, a atualização de conteúdos e a divulgação de atividades não eram realizadas atempadamente. Eis que emergem os blogues, aplicações que conferem mais autonomia e facilidade de partilha de comunicação. De acordo com Carvalho (2008:04), o MSMT foi o primeiro museu/espço cultural em Portugal a ter em funcionamento um blogue,

---

<sup>99</sup> Informação disponível em <http://www.gpp.pt/RI/InstrumentosBilaterais/Docs/Espanha/ConclusoesXXIIICimeiraLusoEspanhola.pdf>, acedida em 21-08-2013.

<sup>100</sup> Pode ser consultada no seguinte link: <http://www.geira.pt/msmtibaes/>, acedido em 23-08-2013.

sendo o primeiro *post* aí colocado no dia 28 de julho de 2003<sup>101</sup>. Em 2006 surge um novo site dedicado exclusivamente ao acompanhamento da obra que então começava<sup>102</sup>. Este acabou por ser reconvertido no final da obra em página oficial do MSMT<sup>103</sup>, sendo aquele que, neste momento, em parceria com a página do Facebook<sup>104</sup>, partilha virtualmente grande parte da informação sobre o MSMT. O uso do correio eletrónico foi sendo cada vez mais uma prática corrente. Até ao final do nosso período de estágio verificamos que todos os técnicos superiores e assistentes técnicos do MSMT tinham o seu próprio endereço eletrónico institucional<sup>105</sup>, sendo este um passo importante para a redução de custos com a impressão, para a proteção do ambiente, mas, acima de tudo um passo fundamental para a facilidade e rapidez de comunicação entre todos.

A partir do ano de 2001, com a sala do recibo transformada em sala de exposições temporárias, o MSMT ficou com um espaço devidamente equipado para acolher e expor, nas melhores condições, diversos tipos de arte. A abertura da renovada sala coube à exposição de fotografia *Sabor Transmontano*<sup>106</sup>, do biólogo José Alves Teixeira. Das dezenas de exposições realizadas entre 2001 e 2012, *O Mosteiro e a Escola 2000-2002* (de 15 de junho a 15 de setembro de 2002) e *Sanctus Benedictus – São Bentinho* (de 21 de março a 15 de agosto de 2004), são exemplos que, à luz do nosso trabalho, merecem alguma atenção. A primeira foi o resultado visível do projeto educativo de dois anos letivos do Agrupamento Mosteiro, que, sob o tema *A Religiosidade*, pretendeu aproximar as crianças das suas raízes, contando para isso com a colaboração dos pais, dos avós e dos vizinhos que foram importantes para: indicar a localização de capelas e alminhas; fazer opas; cantar os reis; comer o *pão bento* e contar lendas de santos. Mais do que uma simples recolha e mostra de trabalhos, as maquetes realizadas, os desenhos, as fotografias, os vídeos, as esculturas em barro, os presépios, as procissões representadas, as árvores e os produtos da horta, serviram para reforçar os laços existentes entre o MSMT, a Escola e a Comunidade. Foi um trabalho que procurou consciencializar os intervenientes para a importância das referências do passado, fundamentais para a construção da nossa identidade presente e a base da preparação conveniente do futuro individual e

---

<sup>101</sup> A este respeito cf. o seguinte link: <http://www.mosteirodetibaes.blogspot.pt/search?updated-min=2003-01-01T00:00:00%2B01:00&updated-max=2004-01-01T00:00:00%2B01:00&max-results=1>, acedido em 26-08-2013.

<sup>102</sup> Recuperação e reabilitação do noviciado, ala sul e claustro do refeitório.

<sup>103</sup> <http://www.mosteirodetibaes.org>, acedido em 20-08-2013.

<sup>104</sup> A adesão do MSMT ao Facebook aconteceu no dia 16 de agosto de 2011. <https://pt-pt.facebook.com/mosteirodetibaes>, acedido em 20-08-2013.

<sup>105</sup> No que diz respeito à existência de pontos de acesso ao e-mail, todos os técnicos superiores têm um computador pessoal instalado no seu gabinete, sendo que da equipa de nove assistentes técnicos, apenas quatro têm computadores pessoais e cinco têm um ponto comum de acesso à internet.

<sup>106</sup> Patente de 21 de julho a 04 de novembro de 2001.

coletivo. Nesta atividade, o MSMT e os seus técnicos foram os mediadores entre a Escola e a Comunidade. Foram a plataforma de encontro de diferentes gerações, potenciando assim a partilha de vivências e experiências, dando a conhecer o património da região onde se inserem. Este tipo de parceria ficou de tal forma enraizado no Agrupamento de Escolas que, a partir desta experiência, todos os anos têm procurado o MSMT para a realização de uma ação conjunta.

No caso da segunda exposição, ela pretendeu revelar e interpretar a vida e obra de S. Bento, partindo também à descoberta da sua influência em Portugal no que toca aos lugares, aos rios, aos ribeiros e romarias que lhe são dedicados<sup>107</sup>. Esta foi uma exposição itinerante que, a partir da centralidade cultural que o MSMT foi conquistando na região onde se insere, pretendeu irradiar conhecimento sobre a vida e obra do Santo Patriarca dos Monges Beneditinos, ligando *velhos e novos* lugares de culto espalhados pelo Minho.

*Vertigens do Barroco em Jerónimo Baía e na Atualidade* (24 de março a 2 de setembro de 2007) merece também o nosso destaque porque, a partir da temática do Barroco e do poeta beneditino Jerónimo Baía foi possível refletir em torno deste importante estilo arquitetónico dos séculos XVII e XVIII, encontrando pontos de contacto com as novas formas de *barroco atual*, muito associado aos hábitos excessivos de consumo de uma sociedade em constante mutação, onde o exagero das formas se confunde com a incerteza do amanhã. Um novo mundo que começa a não conseguir distinguir o real do virtual, tal é a rápida evolução e cumplicidade entre homens e máquinas. Nesta exposição estiveram em contacto peças de arte sacra do século XVIII com invenções contemporâneas<sup>108</sup>, o que exigiu aos técnicos que realizaram as visitas à exposição a utilização de técnicas de mediação (embora de forma implícita) e a adoção de um perfil de mediador, no sentido de conseguirem transmitir e ajudar a descodificar a mensagem de uma exposição que tentava ligar o mesmo conceito em dois períodos de tempo perfeitamente distintos. Esta exposição fez do espaço monástico

*... um moderador, principalmente aberto a outras formas de estar e de ensinar, pondo em contacto diferentes pessoas, que o utilizam como ponto de encontro e de abertura ao mundo (E05.33).*

A recuperação da ala norte do mosteiro permitiu ainda a reabilitação da cavaliariça, transformando-a numa sala polivalente sendo aí possível realizar, a partir de 2001, conferências, encontros, apresentações de livros, peças de teatro e ateliers diversos.

<sup>107</sup> Para informações mais detalhadas pode ser consultado o catálogo da exposição.

<sup>108</sup> Como por exemplo uma moto Harley Davidson.

O SE conta a partir de então com um importante espaço de apoio às suas atividades e por isso começou a idealizar estratégias que lhe permitiram atrair outros públicos. Aos poucos vai sendo alargada a oferta de atividades. Para além da visita de carácter geral, são criados percursos de visita no edifício com vista a ser possível realizar atividades específicas sobre a talha, o azulejo, a escultura, a pintura, a música, o quotidiano monástico, os artistas e os santos. Paralelamente, na cerca, também foi possível preparar e realizar visitas e atividades temáticas<sup>109</sup> sobre a biodiversidade, as aves, os anfíbios, os répteis, os cogumelos, a água, as minas, a desfolhada, a vindima e a horta, sendo que estas últimas três incidiram fundamentalmente na oportunidade de conjugar o trabalho prático com a possibilidade de exaltar os cinco sentidos no contacto direto com a terra.

Em 2004, numa parceria entre o SE do MSMT e a Companhia de Teatro e Marionetas de Mandrágora (CTMM) surge a primeira peça de teatro de marionetas inteiramente dedicada ao MSMT. O guião foi construído a partir do livro *Uma viagem no tempo ao Mosteiro de Tibães* (Amaral, 1992), pretendendo atingir especificamente as crianças entre os três e os 10 anos de idade. O projeto *Hmmm!... Há marionetas no mosteiro!* teve três atividades distintas: a construção de uma peça de teatro de marionetas sobre o mosteiro<sup>110</sup> que pudesse ser representada por elementos da equipa do SE<sup>111</sup>; um atelier de construção de marionetas para crianças<sup>112</sup>; e um curso intensivo de construção e manipulação de marionetas<sup>113</sup>, destinado a educadores, formadores e professores. Podemos afirmar que este foi um projeto de mediação cultural que, a partir das potencialidades lúdicas e pedagógicas que o teatro de marionetas encerra, tentou aproximar rapidamente do MSMT as crianças e os professores/educadores. Foi possível desenvolver uma estratégia inovadora construindo uma peça que ainda perdura no tempo, e que vai fazendo a aproximação entre um público específico (crianças entre os três e os 10 anos de idade) e o mosteiro, dando-lhes a conhecer de uma forma atrativa a sua vivência quotidiana, sem fugir ao rigor histórico. Há uma partilha de conhecimentos entre os parceiros: os técnicos do MSMT aprenderam técnicas e métodos de representação e manipulação de marionetas e os atores da CTMM ficaram a conhecer melhor o MSMT, o que lhes permitiu

---

<sup>109</sup> Muito contribuíram para este trabalho as parcerias estabelecidas com o Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto; Instituto Superior de Engenharia do Porto, Departamento de Engenharia Geotécnica; Associação Micológica Marifusa.

<sup>110</sup> Surgiu a peça *Hmmm!... Há monges no mosteiro!*, que estreou no dia 01 de junho de 2004 e que ainda se encontra em cena na primeira e segunda quarta-feira dos meses de janeiro e fevereiro.

<sup>111</sup> A peça foi representada por dois elementos da equipa de trabalho do SE do MSMT que receberam por parte da CTMM formação intensiva específica sobre representação e manipulação de marionetas.

<sup>112</sup> Foi designado por *Hmmm!... Há marionetas no mosteiro!*

<sup>113</sup> Denominado *Marionetas, aprender e crescer!*

proceder a correções importantes no guião da peça. Esta estratégia<sup>114</sup> foi bem recebida pelo público-alvo, de tal forma que o MSMT fez um esforço para colocar em cena mais duas peças: *Alice no mosteiro das maravilhas de Tibães* (estreia a 25 de setembro de 2005) e *S. Martinho, o cavaleiro do Sol!*, (estreia a 9 de novembro de 2008). A inovação<sup>115</sup> e a elevada qualidade da primeira peça, conduziram a que o SE fosse convidado a participar no *Ponto Pequeno – 1º Festival Internacional de Marionetas de Vila do Conde*<sup>116</sup>. Este facto não passou despercebido na instituição, levando o responsável pela equipa do SE a escrever (DDC 01 27 2004-01):

«Informam-se todos os trabalhadores do Mosteiro de São Martinho de Tibães de que o nosso Serviço Educativo foi convidado pela Companhia de Teatro e Marionetas de Mandrágora, de Vila do Conde, a participar no Ponto Pequeno, 1º Encontro Internacional de Marionetas de Vila do Conde, que irá decorrer entre 4 e 14 de Novembro. Para além de Companhias portuguesas irão estar representadas Companhias brasileiras e francesas, o que torna este convite altamente elogioso para o trabalho desenvolvido pelo Serviço Educativo deste Mosteiro e muito gratificante para o trabalho dos nossos colegas que apresentam o espetáculo de marionetas. (...) Teremos assim a possibilidade de efetuar a divulgação perante potenciais novos públicos, de quem somos e aquilo que fazemos em prol do Mosteiro de São Martinho de Tibães».

Com a melhoria em quantidade e qualidade da oferta educativa para as crianças a partir dos três anos de idade, o desafio centrou-se de seguida na continuação da captação de outros tipos de público ainda dentro da esfera das instituições de educação formal e não-formal. Em 2004 foram criadas duas atividades específicas para o público sénior: *A música no Mosteiro de Tibães* (uma visita guiada com dramatização e animação musical em espaços em que há aspetos relacionados com a música) e *Contadores de histórias* – percurso que passa por alguns dos principais espaços do mosteiro, onde se conta a sua história e se ouvem as estórias que os participantes têm para contar, quer sejam sobre a sua profissão ou sobre lendas de santos que foram vendo no mosteiro ao longo da visita.

Naturalmente que o MSMT não vive apenas do público que o visita através da escola ou de qualquer outra instituição de educação não-formal. Tem que contar com o público em geral e, de uma maneira muito especial, com aqueles que vivem na comunidade em que se insere. Nesse sentido, foi possível apurar que a partir do ano de 2001 se realiza anualmente, num sábado à tarde, uma desfolhada<sup>117</sup> nos campos do mosteiro, aberta a toda a população, a qual

<sup>114</sup> À semelhança do MSMT outras instituições museológicas e culturais da região desenvolveram mais tarde processos semelhantes, aproveitando assim as potencialidades educativas que as marionetas oferecem. Ver por exemplo: [http://masampaio.imc-ip.pt/pt-PT/proeducativos/prog\\_educacao\\_escolas/esc\\_vanimad/ContentList.aspx](http://masampaio.imc-ip.pt/pt-PT/proeducativos/prog_educacao_escolas/esc_vanimad/ContentList.aspx), acedido em 29-08-2013.

<sup>115</sup> O MSMT foi o primeiro espaço cultural da rede de monumentos e museus do IPPAR e do IPM com a possibilidade de ter em cena uma peça de teatro de marionetas representada por técnicos da sua equipa de trabalho.

<sup>116</sup> Este festival decorreu entre 4 e 14 de novembro de 2004. Mais informações disponíveis em <http://www.marionetasmandragora.com/index.php?hidLink=dwn>, acedido em 28-08-2013.

<sup>117</sup> A primeira desfolhada foi realizada no dia 27 de outubro de 2001.

atrai em média cerca de 300 pessoas. A comemoração do S. Martinho<sup>118</sup>, padroeiro da freguesia de Mire de Tibães, assim como o dia de S. Bento<sup>119</sup>, merecem também uma atenção especial, sendo desenvolvidos programas específicos para estes dias através do trabalho conjunto do MSMT, da Junta de Freguesia e da Paróquia de Mire de Tibães.

A preocupação de tornar o MSMT um espaço museológico/cultural vivo, dinâmico e interativo com a região em que se insere, conduz a que haja a tentativa de criar relações com as mais variadas pessoas e instituições. Nesse sentido, no ano letivo 2010/2011, Rocha *et al* (2011), alunos<sup>120</sup> da Universidade do Minho, desenvolveram um dispositivo de mediação cultural entre o MSMT, uma turma de 25 crianças com cinco anos de idade de um jardim de infância do concelho de Braga e as famílias dessas crianças. De forma explícita, esta é a segunda vez que a mediação aparece associada a um projeto de ação desenvolvido no MSMT. Foi objetivo desse dispositivo desenvolver um trabalho de mediação que, a partir das crianças que durante a semana visitavam o monumento, fosse possível atrair ao MSMT os seus familiares ao fim de semana, promovendo, por um lado, o contacto intergeracional, mas, fundamentalmente, envolver todos os participantes num vasto processo partilhado de edificação de novas experiências e saberes em torno do património, procurando definir o contributo de cada um no que diz respeito à sua proteção e valorização. Ao longo do ano letivo, tendo como suporte as educadoras e o jardim de infância, os mediadores participaram em reuniões de pais e aferiram os seus conhecimentos prévios sobre o MSMT. De seguida, levaram-nos a conhecer o MSMT e a participar em atividades organizadas para comemorar o Dia do Pai, o Dia Mundial da Árvore, praticar Yoga e até conhecer a alimentação dos monges beneditinos. Tendo como ponto de partida o MSMT, o dispositivo pretendeu criar pontos de ligação com a temática a desenvolver procurando despertar o interesse dos participantes.

Um novo trabalho de mediação foi desenvolvido no ano letivo 2011/2012. O dispositivo denominado *Integrar Olhares para Educar e Formar*, desenvolvido por Gomes *et al* (2012)<sup>121</sup>, pretendeu promover no MSMT a educação cultural inclusiva de populações especiais, potencializando assim a oferta educativa da instituição museológica direcionada especificamente ao público com Necessidades Educativas Especiais (NEE). O dispositivo elaborado foi colocado

---

<sup>118</sup> Consultar <http://mosteirodetibaes.blogspot.pt/search?q=s.+martinho#!/2008/10/comemoraes-do-dia-de-so-martinho.html>, acedido em 29-08-2013.

<sup>119</sup> Consultar <http://mosteirodetibaes.blogspot.pt/search?q=s.+bento#!/2011/06/mes-de-sao-bento-no-mosteiro-de-tibaes.html>, acedido em 29-08-2013.

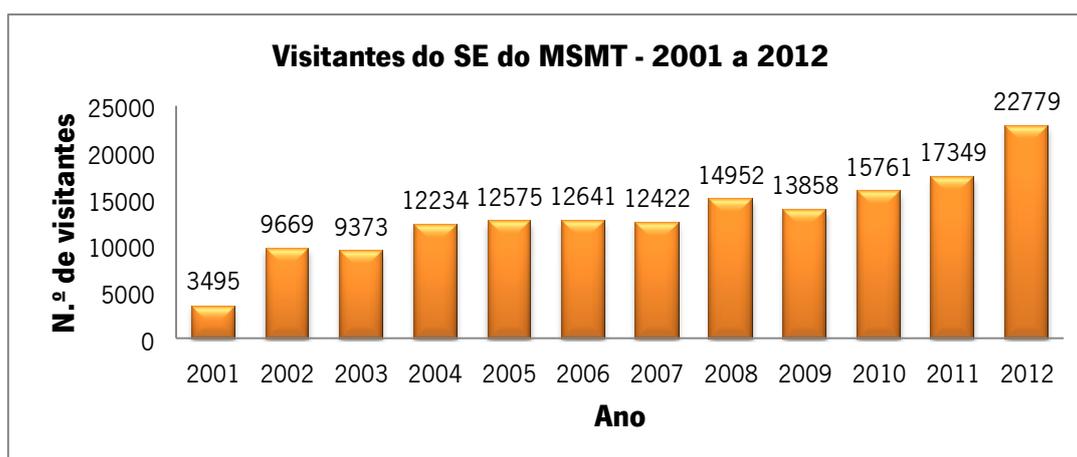
<sup>120</sup> Alunos do 3º ano da Licenciatura em Educação da Universidade do Minho a frequentarem a Unidade Curricular de Projeto e Seminário I e II – Dispositivos e Metodologias da Formação e Mediação.

<sup>121</sup> Alunos do 1º ano do Mestrado em Educação da Universidade do Minho – área de especialização em Mediação Educacional e Supervisão da Formação.

em prática e fomentou a comunicação dialógica entre duas instituições (MSMT e uma instituição de Braga com jovens/adultos com NEE), ambicionando ainda promover o desenvolvimento profissional, pessoal e social dos técnicos intervenientes. Na verdade, nem os técnicos do MSMT estavam preparados para trabalhar com pessoas com NEE, nem os técnicos da outra instituição conheciam o MSMT. Assim, feitas as reuniões prévias entre as equipas de trabalho, foram selecionados sete jovens/adultos com NEE's para participarem num conjunto de atividades que foram idealizadas e que passaram por uma visita de conhecimento do local, visita específica sobre a biodiversidade, observação de pormenores na igreja com ajuda de um guião específico, aula de yoga e desfolhada. As atividades foram sendo adaptadas tendo em conta os comentários e as observações diretas dos participantes, na tentativa de ajustar o mais possível o seu conteúdo às especificidades do grupo. O pequeno grupo de sete elementos despertou de tal forma a curiosidade dos restantes colegas da instituição que no final do ano letivo em questão existe a referência de que todos os utentes vieram fazer uma visita ao MSMT e a direção da instituição pediu a continuação do dispositivo nos anos letivos seguintes (o que verificamos estar a acontecer durante a realização do nosso estágio).

Encontramos assim uma dinâmica crescente que procura incluir e integrar cada vez mais público nas atividades do MSMT. Disso faz prova o gráfico 1, o qual nos indica a evolução do número de visitantes que participaram em atividades do SE entre os anos de 2001 a 2012.

Gráfico 1 – N.º de visitantes do SE do MSMT entre os anos de 2001 a 2012



Uma análise mais cuidada dos dados recorda-nos que o ano de 2001 foi ainda um período de obras que condicionou a realização de atividades, mas que coincide com o reforço da equipa, com a entrada de mais dois técnicos. Os anos de 2002 e 2003 representam já uma

subida muito significativa do número de visitantes que participou em atividades do SE (o aumento rondou os 170%! ). A partir do ano de 2004 – fruto de uma maior divulgação das atividades e da abertura definitiva ao público de novos espaços entretanto recuperados<sup>122</sup> –, verificamos um novo aumento de visitantes, variando estes entre 12234 e 12641. De 2007 a 2012, com uma ligeira quebra em 2009, a tendência foi de subida constante, atingindo em 2012 o máximo de 22779 visitantes. Tal aumento também está associado aos critérios de recolha e registo final de dados que foram sendo adotados. Assim, até ao ano de 2007 apenas eram registadas no SE as visitas e atividades orientadas por técnicos do MSMT e que normalmente estavam associadas a grupos de educação formal e não-formal.

A partir de 2008 entram nas contas do SE todas as visitas e atividades culturais desenvolvidas pelos técnicos do MSMT, mas também aquelas que, apesar de serem realizadas por técnicos de outras entidades externas, contribuíram para a divulgação, valorização e proteção do MSMT, trazendo assim mais público ao monumento, alargando a sua oferta. Existe, a partir deste momento, a consciência de que todas as iniciativas que são feitas para valorizar o MSMT acabam por estar ligadas à Educação, pois, ao atraírem público, incutem-lhe o saber-estar, o saber-ver e o saber valorizar o monumento, o espaço envolvente e, naturalmente, outros tipos de património. As aulas de yoga lembram o silêncio que os monges estavam obrigados a respeitar, o atelier de confeção de doces recorda a doçaria conventual, ressuscitando assim os Sabores Beneditinos<sup>123</sup>, e os concertos exaltam a paixão que os monges tinham pela música.

Olhando para os dados que apurámos podemos constatar que em 2004, ano em que pela primeira vez aparece um tratamento de dados relativamente às atividades, o SE apresentava 11 atividades pertencentes ao seu programa e um *item outros*, onde estavam incluídas atividades que foram surgindo ao longo do ano, como por exemplo a desfolhada (apêndice 12). Se observarmos os dados de 2012 presentes no apêndice 01, podemos verificar que foram realizadas um total de 117 atividades diferentes, o que se traduziu num conjunto de 928 sessões realizadas. Vejamos um breve resumo dos dados do SE em 2012.

Assim, no total de 36831 visitantes que o MSMT recebeu, o SE trabalhou com 22779 pessoas (61,8%), as quais enquadrámos nas tipologias institucionais descritas na tabela 4.

---

<sup>122</sup> 2004 foi mesmo um ano de viragem. O MSMT *começa a dar nas vistas* e a ser procurado para outro tipo de atividades. De 26 de janeiro a 02 de fevereiro realizaram-se filmagens para o filme francês *Julie, Chevalier de Maupin* (realizado por Charlotte Brändström) e no dia 16-09-2004 filmaram cenas para a novela brasileira da TV Globo *Como uma Onda*, que contou com a participação do ator português Ricardo Pereira.

<sup>123</sup> No dia 08 de fevereiro de 2013, foi aprovada pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial a marca *Sabores Beneditinos*. O MSMT e a DRCN pretendem, através desta marca, promover algumas das iguarias confeccionadas nos mosteiros beneditinos dos séculos XVII e XVIII, destacando-se por exemplo, os ladrilhos de marmelada e a compota de cidrão.

Tabela 4 – Enquadramento institucional dos visitantes do SE no ano de 2012

<b>Enquadramento dos visitantes do SE 2012</b>		
	<b>Número</b>	<b>%</b>
Instituições de Educação Formal	8800	38,63
Instituições de Educação Não-Formal	4082	17,92
Participantes individuais em atividades educativas e culturais	9897	43,45
<b>Total</b>	<b>22779</b>	<b>100,00</b>

Destaca-se o aumento muito significativo dos participantes individuais nas ações do SE, atingindo 43,4% do seu total de visitantes. Esta participação individual acarreta consigo uma outra problemática que tem a ver com a origem geográfica dos visitantes do SE. Assim, em 2012, conseguimos apurar que 31,3% dos visitantes foram do concelho de Braga, 24,9% de outros concelhos, havendo 43,6% cuja origem não conseguimos definir.

No que diz respeito aos visitantes que vieram através de instituições de educação formal, a sua distribuição por graus de ensino é aquela que se pode ver na tabela seguinte.

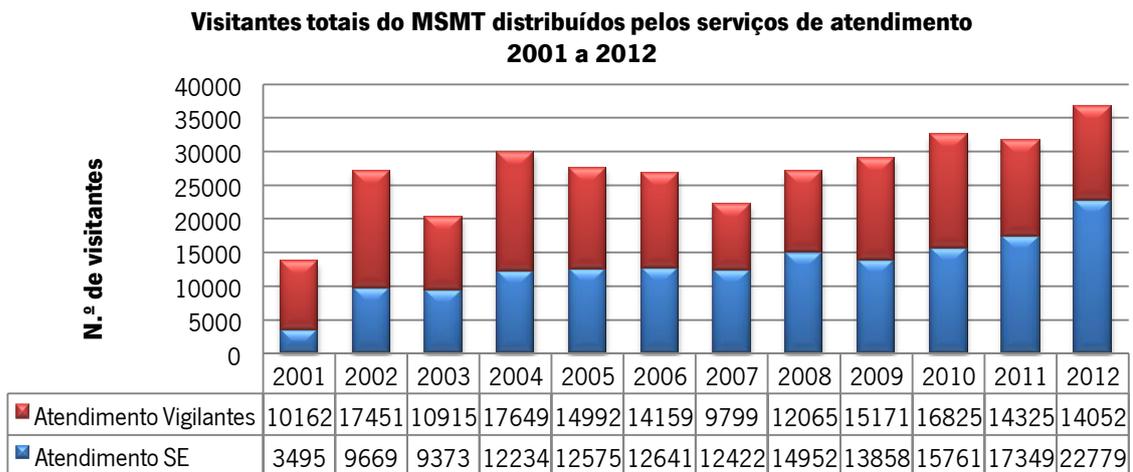
Tabela 5 – Visitantes do SE 2012 distribuídos por graus de ensino

<b>Visitantes do SE distribuídos por graus de ensino – 2012</b>		
<b>Grau de ensino</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
Pré-escolar	<b>2193</b>	<b>22,08</b>
1º Ciclo do Ensino Básico	1744	17,56
2º Ciclo do Ensino Básico	<b>2826</b>	<b>28,45</b>
3º Ciclo do Ensino Básico	1615	16,26
Secundário	747	7,52
Técnico Profissional	373	3,75
Universitário	436	4,39
<b>Totais</b>	<b>9934</b>	<b>100,00</b>

O 2º ciclo do ensino básico foi aquele que trouxe mais alunos (28,4%), seguido do ensino pré-escolar com 22,0% e do primeiro ciclo do ensino básico com 17,5%. Reflexo de uma oferta educativa mais abundante para estes grupos etários, mas que de facto é necessária, uma vez que a educação patrimonial tem que começar o mais cedo possível, no sentido de conseguirmos alterar mentalidades e comportamentos, com vista a operar transformação social.

Atente-se agora no gráfico 2.

Gráfico 2 – Evolução comparativa do n.º de visitantes atendidos pelo SE e pelos Vigilantes entre 2001 e 2012



O aumento da oferta de atividades é evidente<sup>124</sup> e a quantidade de público que tem um atendimento diferenciado através da ação do SE começa a destacar-se relativamente ao visitante indiferenciado. Nota-se que há um trabalho cada vez maior no sentido de conseguir envolver todos os públicos, um trabalho de mediação que pretende então aproximar o público do MSMT e fidelizá-lo. Será praticamente impossível envolver todos os visitantes em atividades diferenciadas, quer devido às limitações de recursos humanos que o MSMT se depara, quer pela possibilidade de escolha que o visitante também tem. Importa salientar, da leitura deste gráfico, que o visitante é a razão de ser da existência do MSMT e, por isso, a sua função como entidade museológica/cultural é potenciar a criação de novas vivências que permitam a possibilidade de escolha por parte do visitante, tornando assim o MSMT um local inclusivo. A integração pode não significar inclusão, mas o que se pretende é que as pessoas que vão ao museu/espaco cultural se sintam identificadas com a atividade em que participam e sejam, na verdade, participantes ativos. Ao tentar trazer diferentes tipos de público, o MSMT tem que ter em atenção as especificidades de cada um e não cair na tentação de impor ou homogeneizar comportamentos. O MSMT deverá de facto continuar a integrar diferentes públicos nas suas ações, mas deve ter o cuidado de os incluir verdadeiramente. Nota-se por exemplo esse cuidado no próprio programa de atividades do SE onde no ponto *Outros projetos/parcerias*<sup>125</sup> se pode ler: «para além das atividades apresentadas, o Serviço de Educação e Comunicação está aberto a sugestões, ao acompanhamento de outros projetos e a possíveis trabalhos de colaboração com

<sup>124</sup> Durante o nosso trabalho fomos recolhendo dados sobre as atividades realizadas no MSMT. De 1987 até 2004 elaboramos um documento de registo presente no apêndice 13. A partir do ano de 2005 não registamos esses dados no documento criado porque os mesmos podem ser acedidos a qualquer momento em <http://www.mosteirodetibaes.blogspot.pt/> ou em <https://pt-pt.facebook.com/mosteirodetibaes>. O Blogue e o Facebook do MSMT entraram em funcionamento, respetivamente, em 28-07-2003 e 16-08-2011.

<sup>125</sup> Disponível em [http://www.mosteirodetibaes.org/multimedia/Media/SERVIÇO\\_EDUCATIVO\\_Tibaes%202012-13.pdf](http://www.mosteirodetibaes.org/multimedia/Media/SERVIÇO_EDUCATIVO_Tibaes%202012-13.pdf), acedido em 30-08-2013.

outras instituições». Um sinal de abertura a novas experiências que possam estar o mais adequadas possível ao público que nelas vai participar.

#### 2.4.2. Onde está a mão da mediação?

Podemos dizer que sem mediação não teria sido possível ao MSMT desenvolver as atividades que identificámos na nossa investigação. Ou seja, ao desenvolver atividades há todo um trabalho de preparação que implica o contacto e a troca de impressões com outros agentes culturais. A criação de momentos de partilha de experiências, a negociação e os acordos que se realizam, traduzem-se num produto final a apresentar ao público. A maneira como a mensagem é recebida e entendida vai influenciar a maior ou menor afluência de público. O que se constata é que o número de visitantes tem aumentado de forma gradual, apresentando um crescimento sustentado, sem subidas muito bruscas, o que pode traduzir a fidelização progressiva de público e a atração de novos visitantes. Tudo isso tem como base um processo de comunicação estabelecido a partir do MSMT, que, tendo como suporte o trabalho desenvolvido pelos seus técnicos (desde o assistente operacional ao técnico superior), estabelece ligações diretas com diferentes instituições, tendo como finalidade encurtar a distância entre os públicos e o seu espaço, tornando-se uma plataforma de encontro, de comunicação e de partilha de experiências culturais capazes de promoverem transformação nas relações sociais (ver resumo na figura 3).



Figura 3 – A comunicação como elemento fundamental do processo de mediação no MSMT

Urge ainda sobre esta matéria apresentar os resultados das nossas entrevistas<sup>126</sup>.

<sup>126</sup> Ver mais em pormenor a grelha de análise das entrevistas no que toca a questões relacionadas com a mediação – apêndice 10.

Começámos por perguntar aos inquiridos se já tinham ouvido falar do termo mediação. Dos dez entrevistados, todos disseram que sim, mas apenas um (E01) disse que, apesar de ouvir falar, não sabia o que queria dizer, não respondendo de seguida a todas as questões que estavam relacionadas com a temática. Foi também importante para nós recolher a imagem que cada um dos entrevistados tinha sobre a mediação de modo a podermos encontrar uma definição relacionada com o meio em que desenvolvemos o nosso trabalho. Assim, na aceção dos inquiridos, a mediação é:

*... aquela que está mais associada à prevenção e resolução de conflitos (E03); um processo em que existe um intermediário entre algo (E02); fazer a ponte entre duas posições (E04); o que proporciona que duas pessoas distintas consigam o mesmo objetivo e se revejam nele (E05); algo relacionado com interpretação; a capacidade de tornar perceptível informação que à partida as pessoas não têm capacidade ou informação suficiente para descodificar (E07); um processo que tem como objetivo gerir a qualidade da comunicação entre os intervenientes e a resolução de problemas, apoiando-se na procura de uma solução conjunta (E08); algo que facilita as condições para que a relação aconteça; um processo que faz apelo aos sentidos para potenciar transformação na pessoa; uma forma de ajudar a ver melhor as coisas de modo a que a qualquer momento se opere a transformação (09).*

À luz do entendimento que cada um dos inquiridos apresentou sobre a mediação, questionámo-los sobre a perceção que têm da mediação na construção da história contemporânea do MSMT. Os sete inquiridos que responderam consideraram que

*a mediação nem sempre foi fácil, mas aos poucos tornou-se mais notória, fruto da massa crítica existente por parte dos mediadores (E08). Ela tem, sem dúvida, um papel muito importante (E04) entre o visitante e o museu/espço cultural; na comunicação dentro do museu; na criação de uma noção de unidade; na capacitação dos diversos atores para a intercomunicação; no espaço em si e com todos os que o visitam, dele usufruem e que idealmente nele possam intervir (E10). É uma mais-valia porque ajuda a estabelecer contactos com instituições, a falar com todos e a criar pontes, mesmo dentro das organizações (E07).*

No caso específico do MSMT,

*a mediação tem dado os seus frutos através da ação do Serviço Educativo, o que tem ajudado à criação de uma ideia coerente de mediação (E05). O trabalho desenvolvido pela equipa do MSMT tem ajudado à criação de um vasto programa de atividades, chamando o público a viver e a vir ver o mosteiro (E09).*

Em suma, podemos afirmar que no MSMT a mediação é

*tudo aquilo que tem sido feito ao longo do tempo: atrair a Escola e a Comunidade; estabelecer pontes e parcerias com instituições locais e regionais; encetar diálogo com entidades externas para acolher novas iniciativas; desenvolver a cultura e a cidadania (E06),*

não esquecendo porém a mediação que obrigatoriamente tem que ser desenvolvida com a tutela e com os diferentes elementos que compõem a equipa de trabalho, de modo a conseguir encontrar o melhor caminho para a concretização da ação que pretende desenvolver, num clima de harmonia e interação entre todos os intervenientes.

Na verdade, a mediação não se faz sem a intervenção humana e os profissionais que operam nesta área específica devem estar munidos de um conjunto de competências que lhes permitam saber lidar com as situações com que se deparam no dia a dia. Infelizmente, esta é mais uma área em que a precaridade laboral impera, o que em diversos casos acaba por interferir na qualidade e nos resultados do trabalho. Mas, deixando para trás essa questão, interrogamo-nos sobre qual seria o perfil do mediador cultural. Na opinião dos inquiridos, o mediador que exerce a sua atividade num espaço como o MSMT tem de ser alguém que:

*conheça muito bem o local; tenha facilidade de relacionamento; saiba ouvir a opinião do outro; não pense só para si (E02); saiba quem é; sabe o que quer; seja capaz de se deixar transformar pelo espaço, obras e pelas pessoas; seja flexível; seja capaz de saber gerir o tempo; consiga adaptar a sua linguagem; que saiba ver e ler o grupo (E09).*

Por outro lado deve:

*estar consciente da sua função e acima de tudo acreditar; saber ler a realidade; saber ouvir os atores em presença; saber comunicar; ser persistente; ter estratégia com vista à união das partes e não à sua cisão; ser humilde; saber que não é o único detentor do saber (E04).*

Deve ainda:

*ter um conhecimento profundo dos objetivos do mosteiro; ter um conhecimento do projeto que vai mediar; ser um dos participantes no projeto; ter um carácter diplomático; ser sereno; ter boa capacidade de raciocínio e entendimento do que não é dito; ter alguma experiência de moderação e aprendizagem sobre técnicas de moderação (E05); estar associado ao conhecimento; saber interagir com sucesso com os públicos que tem que trabalhar (07); ter disponibilidade para facilitar a relação entre o público, o espaço, a coleção, os artistas e os módulos interativos, em qualquer área de intervenção; estar disposto a absorver e a experienciar para poder partilhar, sem preconceitos, com entusiasmo e dedicação (E10); ter conhecimento do que é o Mosteiro e do que representa a sua missão enquanto espaço cultural (E06).*

As opiniões recolhidas confirmam-nos que apesar de sabermos que a mediação ainda ... *é um termo novo (E04)* no campo cultural, efetivamente ela tem sido utilizada pelos diferentes atores, embora de forma inconsciente. É no entanto interessante verificar que – embora ainda

esteja perfeitamente enraizada a ideia de que *a mediação, num sentido corrente, é aquela que está mais associada à prevenção e resolução de conflitos (E03)* – a maioria dos inquiridos apresentou definições muito válidas para o contexto em que desenvolvemos o nosso trabalho. Aliás, juntando o contributo de todos, foi possível encontrar um perfil de mediador cultural que na realidade se enquadra perfeitamente no tipo de profissionais que trabalham no MSMT. As observações diretas que realizámos ajudaram-nos também a criar o nosso perfil de mediador. No caso dos vigilantes-rececionistas (que realizam visitas ao público em geral) ou dos técnicos que desenvolvem atividades específicas, há todo um conjunto de características pessoais e profissionais que têm que ter, no sentido de conseguirem ajudar da melhor forma a encurtar a distância entre o público e o monumento. Acima de tudo encontramos na capacidade de comunicar uma das principais características do mediador cultural. Ele tem que compreender muito bem a mensagem original para depois conseguir descodificá-la perante o público que tem perante si. Tem que procurar constantemente obter informações atualizadas, reciclar conhecimentos e ter uma postura autodidata (na perspetiva de procurar constantemente coisas novas e não estar à espera que elas venham até si). Deve ter a capacidade de ouvir (bons e maus comentários), colocar-se no papel do outro e ser assertivo, firme nas suas afirmações, dando assim um sinal de confiança perante o público que tem à sua frente.

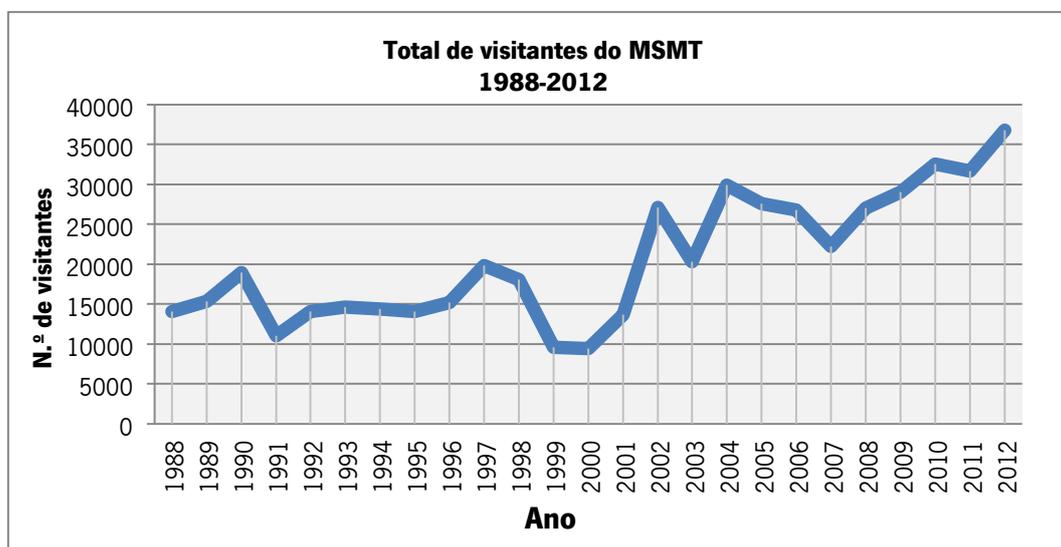
Podemos afirmar que, embora os inquiridos não utilizem efetivamente o termo mediação, acabam por estar conscientes do seu significado e do seu papel na construção da história contemporânea do MSMT, ao ponto de referirem que *se não existisse a mediação o Mosteiro não teria os resultados que tem tido (E02)*.

### **3. O papel da mediação na ação futura do MSMT**

A mediação tem sido um dos principais pilares da ação do MSMT, mas cremos que tem pela frente um grande desafio. Terá que continuar a ajudar a: *conseguir boas atividades sem afastar os proponentes; melhorar as propostas e adequá-las à missão (E06)*. Uma tarefa bastante complexa, em parte, devido ao tempo de incerteza em que vivemos e à conjuntura económica que atravessamos. Como neste trabalho já referimos, exigem-se rapidamente resultados, existindo neste momento um novo fascínio no que toca à utilização e valorização das ciências exatas. Mas o trabalho educativo realizado em museus e outros espaços culturais não pode ser visto por esse prisma. Naturalmente que se exigem resultados e que também se deseja que eles sejam conseguidos o mais rapidamente possível, mas o trabalho educativo é uma

incerteza. É quase equiparado ao trabalho de um agricultor que deseja realizar uma sementeira. Tem que amanhar a terra, selecionar as sementes, deitá-las à terra, vê-las germinar e estar constantemente de vigia para retirar as ervas daninhas, controlar as pragas de insetos e arranjar estratégias para proteger ao máximo a cultura de possíveis agressões climáticas que possam destruir rapidamente o esforço de um ano de trabalho. Se assim fizer, colherá os frutos. No caso do MSMT, o processo assemelha-se à parábola anterior. Houve a preparação do terreno com a apresentação dos responsáveis locais a toda a comunidade, selecionaram-se as pessoas que fizeram parte da equipa de trabalho e que ajudaram a lançar as primeiras sementes à terra, através da abertura do monumento ao público e da realização das primeiras atividades. Alguns problemas foram surgindo (as ervas daninhas), quer no relacionamento interno, quer externo, mas através do diálogo, da partilha de conhecimentos e de pontos de vista (onde inserimos o trabalho de mediação) foi possível colher cada vez mais frutos, o que se reflete no reconhecimento que obteve perante a sociedade através dos prémios que tem recebido (ver lista completa no apêndice 14) e num aumento constante do número de visitantes ao longo dos últimos 25 anos<sup>127</sup>, tal como se pode constatar no gráfico 3.

Gráfico 3 – Total anual de visitantes do MSMT de 1988 a 2012



Assim, o papel da mediação no futuro do MSMT será sempre muito importante.

<sup>127</sup> Exceto no período compreendido entre os anos de 1999 a 2001, anos em que o MSMT teve inúmeros espaços encerrados para obras o que se traduziu na quebra do número de visitantes. Também o ano de 1991 é um dos que tem menos visitantes (11024). Curiosamente a partir do início do mês de junho de 1991, as entradas no MSMT começaram a ser pagas. Desde 1987 até este período, as entradas foram gratuitas, sendo uma estratégia utilizada para a aproximação do público ao monumento.

*Terá como desafio ajudar a encontrar um caminho: que possa ir ao encontro da rentabilização económica do espaço sem esquecer a sua identidade; que seja capaz de saber selecionar as propostas que cabem ou não dentro do edifício, de modo a que a sua identidade não fique abalada (E09)*

e evite conflitos com as entidades que o habitam – Paróquia e Comunidade Religiosa.

*Por outro lado, a mediação não poderá esquecer que deverá: continuar a ser uma atividade consequente e interventiva; ter total abertura às propostas que surjam; interagir com as múltiplas sensibilidades, adequando-as aos anseios e motivações dos públicos; atrair parceiros para consolidar e promover a consciência social e a cidadania ativa (E06).*

Em suma, consideramos que a mediação

*será o garante do cumprimento da missão do mosteiro. Terá que ser assim, caso contrário, perde-se todo o trabalho anterior (E04).*

#### **4. Atividades não previstas e realizadas**

Foi preocupação do nosso trabalho não centrar apenas a investigação nos processos de mediação que foram acontecendo no MSMT ao longo dos últimos 25 anos, mas deixar a *porta aberta* para possíveis momentos de ação prática. A partir das experiências observadas, das opiniões recolhidas e das evidências documentais encontradas, lançámos uma reflexão interna na instituição que pretendeu questionar as práticas e as teorias que se foram desenvolvendo ao longo dos anos no contacto com os diferentes tipos de público, de modo a poder obter dados que pudessem ajudar o MSMT na sua forma futura de agir. Encetámos implicitamente um processo de supervisão que pretendeu promover a reflexão individual e entre pares, fundamental para a melhoria contínua da ação desenvolvida e para reorientação de práticas conducentes à criação de outras atividades inovadoras e atrativas do ponto de vista educativo e cultural. Como refere Sá-Chaves (2009:53)

*«..., a supervisão é, ela mesma, a mediação entre duas (ou mais) pessoas que, numa certa situação, aceitam como premissa a possibilidade da relação fraterna, da ação solidária e da comunicação autêntica como fator decisivo do seu próprio *crecimento* pessoal e profissional numa perspetiva de desenvolvimento humano integral e inacabado. Processo que, sendo da ordem do coletivo, transcende e transfigura as dimensões individuais através das quais se estabelece e institui, relevando a fundamentalidade da reflexão partilhada e da ação conjugada».*

Esta atitude ativa conduziu à realização de atividades que não estavam inicialmente previstas, mas que foram muito importantes para o reforço da imagem do MSMT junto da

comunidade, dando ainda a conhecer a importância da mediação em contexto cultural. Apresentamos de seguida pormenores das duas atividades que foram realizadas: um encontro/debate no dia 25 de fevereiro de 2013, destinado a professores, formadores, educadores, animadores e outros agentes culturais de instituições públicas e privadas; e um programa de caminhadas que fizeram a ponte entre dois concelhos e dois mosteiros beneditinos.

#### **4.1. Encontro/debate – Serviços Educativos em Espaços Culturais: o que procura(m) o(s) público(s)?**

Lançar uma reflexão mais profunda sobre as múltiplas ofertas educativas que os Serviços de Educação – não apenas do MSMT, mas de diversos espaços culturais – produzem, questionando a adequação dessa oferta ao tipo de público que os visita foi o objetivo principal do encontro/debate *Serviços Educativos em Espaços Culturais: o que procura(m) o(s) público(s)?*

Seguindo um modelo que tem sido adotado pelo MSMT desde outubro de 2012, em que, na tarde da última segunda-feira de cada mês, se convidam técnicos de museus e de outros espaços culturais para debaterem problemáticas<sup>128</sup> associadas a esta atividade específica, decidimos inovar um pouco mais, deixando desta vez os profissionais dos espaços culturais na plateia, dando voz *ao lado de lá*, ou seja, ao lado do público, convidando-o a partilhar connosco as preocupações que tem quando marca uma visita, o que procura, que dificuldades encontra, que objetivos traça à partida... Procurámos assim auscultar aquele que é o principal alvo do trabalho do MSMT – o público –, com o intuito de promover a reflexão e o debate sobre as práticas educativas exercidas quotidianamente pelos técnicos culturais, procurando desta forma perspetivar um novo modelo de atuação no futuro.

##### **4.1.1. Sobre o encontro/debate**

O programa elaborado (e que se encontra no apêndice 15) foi estruturado por forma a ter a primeira parte preenchida com cinco intervenções de outras tantas instituições que procuram complementar os seus projetos educativos, sempre que possível, com a visita regular ao MSMT e a outros espaços culturais. Tentámos abarcar diferentes graus de ensino, desde o

<sup>128</sup> 22 de outubro de 2012: Registo e análise de públicos em museus e monumentos; 26 de novembro de 2012: Gestão de parcerias na cultura; 28 de janeiro de 2013: Redes sociais em museus; 25 de fevereiro de 2013: Serviços educativos em espaços culturais – o que procura(m) o(s) público(s)?; 25 de março de 2013: Serviços educativos em espaços culturais – que colaboração?; 29 de abril de 2013: Conservação em museus – estado da arte; 27 de maio de 2013: Marketing e fidelização de públicos em museus; 25 de junho de 2013: Comunicação gráfica e museus.

pré-escolar ao secundário, passando ainda pelo conhecimento das experiências e opiniões de instituições de educação não-formal. Fizeram-se representar um jardim de infância, uma escola básica com 2º e 3º ciclos, uma escola secundária, uma instituição de ensino especial e ainda um centro social que lida exclusivamente com idosos<sup>129</sup>. As apresentações tiveram a duração máxima de 10 a 15 minutos cada e estiveram centradas na partilha de experiências de visitas, de organização de atividades de forma individual e em parceria, sendo ainda reservado um momento para a apresentação de sugestões.

A segunda parte do encontro esteve destinada ao debate, o qual, para além dos cinco intervenientes na primeira parte, contou com a presença de mais 50 pessoas. No total estiveram presentes 55 pessoas, 14 a nível individual e 41 pessoas que vieram em representação de cinco câmaras municipais, duas empresas, quatro escolas, 10 museus/outros espaços culturais e outras quatro instituições de âmbito não-formal.

As principais conclusões a reter deste encontro referem que cada vez mais se pretende propiciar ao aluno uma educação holística, complementando a sua formação em sala de aula com a possibilidade de partir para contextos reais onde possa aprofundar e colocar em prática conhecimentos adquiridos. São locais que têm que fazer um esforço constante no sentido de criarem as condições institucionais e pedagógicas que permitam atrair público(s), sendo por isso fundamental elaborar uma estratégia de comunicação que consiga passar a mensagem daquilo que se faz, como é feito, por quem e quando.

Devem assim os museus/espacos culturais ter a noção de adequarem os percursos e o tempo de visita ao tipo de visitantes que recebem, estando também atentos a uma possível limitação do número de participantes por grupo, de modo a fomentar uma aprendizagem mais individualizada, com qualidade e portanto mais significativa. Claro que tudo isto só será possível através de um processo de comunicação estabelecido previamente entre as instituições, procurando assim juntar sinergias na concretização de uma experiência única que desenvolva no visitante sentimentos de afeto, identidade, apropriação e pertença em relação a todo o ambiente que o rodeia.

Foram ainda apresentados alguns exemplos de boas práticas, mas também casos de visitas e outras atividades que não correram tão bem. Tal insucesso pode estar ligado a

---

<sup>129</sup> Infelizmente não responderam ao convite que lhes foi formulado: um centro escolar novo da rede pública (aberto em setembro de 2012), com as valências de jardim de infância e primeiro ciclo do ensino básico; e uma instituição privada que possui crianças a frequentar a creche, o ensino pré-escolar, o ensino básico (ao nível do 1º e 2º ciclos), tendo ainda a funcionar outras valências como o apoio domiciliário, um lar para crianças e jovens e um minilar e centro de dia para idosos. Com a participação destas duas instituições teríamos um conhecimento mais holístico da realidade.

situações como: a falha de comunicação desde o primeiro contacto com o museu/espaco cultural; visitas e atividades demasiado prolongadas no tempo e com explicações muito exaustivas; pouca capacidade de adaptação dos guias/monitores da visita/atividade ao grupo que orientam.

Este encontro/debate foi muito importante pois permitiu perceber se o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido pelas instituições museológicas e culturais segue no bom sentido, lançando por um lado um debate interno<sup>130</sup> dentro destas instituições sobre possibilidades de trabalho conjunto que possa amenizar os problemas detetados e inovar na relação escola/museu/comunidade. Por outro lado, deu origem a um desafio que foi o de pensar numa colaboração que, de uma forma visível e continuada, pudesse criar ligações mais próximas das pessoas com o património. Surgiu-nos a ideia de dar um novo sentido a uma atividade que estava a ser desenvolvida pelo MSMT, mas que estava a ser realizada unicamente dentro dos limites do antigo couto de Tibães. Decidimos (re)criar as *Caminhadas com História*, mas agora com ligação do MSMT a outros mosteiros, começando pelo de Rendufe, outrora pertencente à Congregação Beneditina Portuguesa.

#### **4.2. Caminhadas com história... Uma ligação do presente ao nosso passado, com perspetiva de futuro**

Já por diversas vezes referimos que é necessário ajustarmo-nos às transformações da sociedade. Hoje assiste-se ao aumento de doenças cardiovasculares, o que leva a que inúmeras pessoas se vejam na necessidade de praticarem desporto, sendo as caminhadas um dos que tem ganho mais adeptos. A necessidade de caminhar obriga à escolha de um percurso e à reserva de um período de tempo para essa atividade. Do ponto de vista social, esta atividade potencia o (r)estabelecimento de relações interpessoais através da criação de pequenos grupos de amigos que aproveitam para caminhar. Ora, foi pensando em todos estes aspetos que decidimos *juntar o útil ao agradável* e desenvolver esta nova oferta educativa que, a partir do exercício físico, pretendeu dar a conhecer o nosso património ambiental, histórico e etnográfico, transformando-se assim num contributo mediador, entre os cidadãos, o património e a cultura da região em que se inserem. Não caminhamos com o objetivo de chegar o mais depressa possível ao local de destino. Caminhamos pelo prazer de sentir a paisagem, a história e as

---

<sup>130</sup> No caso do MSMT gerou a organização de um novo debate, agora numa escola secundária do concelho de Braga, no dia 25 de março de 2013. Desta vez os participantes debateram o tipo de colaboração que poderá ser desenvolvida a nível institucional no sentido de potenciar e fortalecer a relação com o(s) público(s), nomeadamente oriundo(s) de instituições de educação formal e não-formal.

estórias dos locais por onde passamos, deixando sempre no ar a vontade de conhecer ainda mais. Este tipo de atividades acaba por ter um objetivo implícito, que é o de atrair ao espaço museológico/cultural um tipo de público que, de outra forma, não estaria tentado a visitá-lo. Se ajudarmos a conhecer o nosso património, ficaremos certamente mais conscientes da nossa responsabilidade na tomada de posição quanto à sua defesa e preservação.

Depois de selecionada uma rota, realizámos uma viagem de reconhecimento do terreno para determinarmos o percurso final. No trabalho de preparação registámos os locais importantes a ter em conta para efetuar breves explicações, as dificuldades encontradas, a distância percorrida e o tempo gasto. Só assim foi possível ter a base para desenvolver da melhor maneira (e com qualidade) o nosso trabalho. A primeira caminhada teve a extensão de 16 Km e fez a ligação do Mosteiro de Tibães ao Mosteiro de Rendufe, em Amares. A sua preparação levou ao estabelecimento de contactos com diversas instituições no sentido de criar as condições de segurança e conforto a todos os participantes durante o percurso. Desde a realização de um seguro de acidentes pessoais, ao contacto com uma câmara municipal para nos ceder transporte de regresso ao local de partida, até à escolha e autorização de permanência num local para almoçar, tudo teve por base um processo comunicacional que nos colocou no centro, tornando-nos os mediadores entre o MSMT, as instituições que nos facultaram o apoio logístico e os participantes na atividade. Criámos uma rede de contactos que permitiu o estabelecimento de parcerias diretas. Mas o efeito multiplicou-se e indiretamente outras pessoas ficaram envolvidas, como foi o caso de uma empresa de produtos regionais que fez uma apresentação dos seus produtos e acabou por vender alguns aos participantes na caminhada. O efeito multiplicador da mediação onde todos devem sair a ganhar!

A opinião dos participantes na atividade foi muito positiva e os parceiros nesta iniciativa pediram-nos para fazermos uma segunda edição da caminhada, o que veio a acontecer no dia 30 de junho de 2013<sup>131</sup>. Entretanto o modelo está a ter algum sucesso, tendo sido solicitados mais dois percursos novos. Um, com a extensão de 12 Km com a ligação entre o Mosteiro de Tibães e o de Vilar de Frades, em Barcelos<sup>132</sup> e outro ligando o Mosteiro de Rendufe ao Mosteiro de Santa Maria de Bouro, ambos em Amares<sup>133</sup>, numa extensão de 19 Km.

---

<sup>131</sup> Na caminhada do Mosteiro de Tibães ao Mosteiro de Rendufe, no dia 19 de maio de 2013 participaram 58 pessoas. Na repetição da caminhada, no dia 30 de junho de 2013, foram registados 21 participantes. Mais pormenores no apêndice 16.

<sup>132</sup> Realizado no dia 22 de setembro de 2013. Participaram 58 pessoas.

<sup>133</sup> Realizado no dia 06 de outubro de 2013. Participaram 55 pessoas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do nosso trabalho procurou aferir até que ponto a mediação, nas suas várias vertentes, poderá ter estado (ou não) implicada na construção da história contemporânea do MSMT no período compreendido entre 1987 e 2012.

Adotando uma metodologia de investigação apoiada em métodos qualitativos de análise, procurámos registar um conjunto de factos e acontecimentos que marcaram a contemporaneidade do MSMT ao nível do seu funcionamento interno, do relacionamento interinstitucional e das relações específicas que foi desenvolvendo com os diferentes tipos de público que conseguiu atrair ao seu espaço. Ao mesmo tempo que ajudamos a construir a cronologia histórica contemporânea<sup>134</sup> procuramos encontrar situações em que, à luz da nossa definição, a mediação esteve direta ou indiretamente presente, traçando assim um percurso que mostra a evolução deste conceito no seio dos espaços museológicos/culturais.

A investigação realizada mostra que apesar do termo mediação não ser estranho aos profissionais do setor cultural, a verdade é que estes ainda o associam a outras esferas de ação que não o campo museológico/cultural. Ao longo dos últimos 25 anos, o termo apenas aparece referido de forma explícita em três momentos onde foram realizados projetos em que estiveram envolvidos o MSMT e a UMinho (1998, 2011 e 2012). Este facto não é de espantar no contexto museológico/cultural português, pois, através de uma simples pesquisa na internet, apenas nos aparece um museu em Portugal que tem a mediação incorporada no seu organograma<sup>135</sup>.

Com exceção do período anterior à compra do MSMT por parte do Estado, em que existiu um processo de negociação *puro* que terminou com uma troca comercial, podemos afirmar que a mediação esteve sempre implicitamente presente nas ações do MSMT. Numa primeira fase, prevaleceu essencialmente uma mediação de diferendos (Silva & Moreira, 2009) que procurou ajudar a solucionar conflitos entre o Estado e os Privados, estes relacionados com as águas e limites de propriedade. Nesta fase privilegiou-se o estabelecimento de comunicação entre todas as pessoas que coabitavam o espaço do MSMT (proprietários privados, Paróquia e Estado), atuando assim de forma preventiva, evitando o surgimento de novos conflitos. Emerge posteriormente um outro tipo de mediação – a mediação de diferenças (*idem*), com uma atuação mais voltada para o exterior procurando operar transformações a nível social e cultural.

<sup>134</sup> A este respeito consultar o apêndice 17, onde encontramos um enquadramento do MSMT no contexto político, religioso e organizacional desde 1987 até 2012.

<sup>135</sup> Museu Nacional do Traje com o seu Setor de Educação e Mediação – disponível em <http://www.museudotraje.pt/pt-PT/Actividades/ContentList.aspx>, acedido em 28-09-2013.

Um tipo de mediação em que o MSMT se dá a conhecer, contacta as instituições locais e regionais e abre as suas portas ao público, procurando atrair a atenção da população local que estava de *costas voltadas*. Surgem várias parcerias que ajudam a dinamizar os primeiros tempos do MSMT. Instituído formalmente vai desenvolvendo um trabalho cada vez mais centrado na comunidade local. Utiliza as exposições como forma de chamar as pessoas ao mosteiro, convidando-as inclusivamente a emprestar as suas peças e a partilhar as suas histórias. Deram-se assim os primeiros passos da mediação cultural no seio do MSMT, um tipo de mediação que procurou reduzir a distância entre a população e o mosteiro, criando sinergias que permitiram dar nova vida aos seus diferentes espaços.

A consciencialização da importância da Educação no campo museológico, cultural e patrimonial e a consequente criação do SE foi *o passo de gigante* para o desenvolvimento de estratégias de mediação que procuraram envolver o museu, a escola e a comunidade. O teatro de marionetas, as visitas à horta, a desfolhada, a visita ao interior do mosteiro, a observação de anfíbios, a música, a vindima, as caminhadas ou as exposições são estratégias de mediação que procuram atrair público e que apresentam uma mensagem que o pretende consciencializar para as temáticas do património e da cultura, criando laços que se pretendem que perdurem no tempo. Um processo que exige dos mediadores culturais um esforço permanente no sentido de se reinventarem constantemente, de se fazerem notar perante o público, encontrando novas formas de comunicação e de ação que ajudem a vi(r)ver o património, a conhecer a nossa cultura e a nossa história de uma maneira mais atrativa. Este é o nosso entendimento da mediação cultural exercida no MSMT: ajudar o visitante a compreender o mosteiro, a sua vivência e as suas relações com o meio em que se insere para que depois ele próprio se sinta envolvido e responsabilizado com a valorização, proteção e salvaguarda patrimonial.

A tríade institucional Mosteiro/Escola/Comunidade, identificada na nossa investigação, foi o alicerce a partir do qual se começaram a erigir as colunas de suporte de uma ligação cada vez mais larga e sólida entre o MSMT, a comunidade local e regional, atingindo hoje alguma projeção nacional, tal a quantidade de atividades que se vão realizando no seu espaço. Este fator é muito importante e deve ser referido porque, apesar da mediação pressupor o estabelecimento de múltiplas relações individuais e institucionais, não deve esquecer as bases em que se fundou. Pensamos que quanto mais se alarga o raio de atuação da mediação e quanto maior é o envolvimento com outras instituições (mais distantes do centro de mediação inicial), maior é o perigo de ficarmos sem relação com as instituições mais próximas de nós (ver figura 4).



Figura 4 – Diferentes níveis de atuação da mediação no contexto do MSMT

Propomos que a mediação desenvolvida pelo MSMT (e dos museus/espços culturais em particular) continue a alargar o seu raio de ação (o que certamente será benéfico pelas experiências que poderá proporcionar), mas que não se esqueça de manter a relação com as instituições que ajudaram localmente à sua afirmação, sob o risco de a qualquer momento *estar a alimentar diretamente as folhas da árvore e esquecer-se de regar a raiz*. A mediação adequada à atividade deste tipo de espaço cultural deve ser transversal, de tipo helicoidal, em que qualquer que seja o sentido da rotação que se pretende imprimir, existe sempre um ponto de contacto entre a base, o centro e a periferia das relações, o que implica o envolvimento de todos na tomada de decisão e na conseqüente orientação para a ação (ver figura 5).



Figura 5 – Proposta de modelo de mediação para o MSMT: mediação transversal de tipo helicoidal

Respondendo agora à nossa principal questão de partida, que pretendia saber qual o papel desempenhado pela mediação na construção da história contemporânea do Mosteiro de S. Martinho de Tibães (1987-2012), podemos referir que a mediação desde sempre existiu e que teve um papel muito importante na modelagem da história recente da instituição. Inicialmente muito associada à resolução de pequenos conflitos vai-se apoderando de outras esferas de intervenção, nomeadamente no campo socioeducativo, onde emerge uma importante ação mediadora de âmbito cultural. No entanto, os atores que a ela recorreram fizeram-no em grande parte de forma implícita, uma vez que desconheciam a amplitude do conceito no setor cultural. A sua evolução no MSMT assemelha-se à emergência do conceito a nível nacional. Aliás, a determinação dos momentos da nossa investigação não foi ingénuo, esteve associada às fases da mediação em Portugal defendidas por Correia & Caramelo (2010:23-24), as quais consideramos terem existido na história do MSMT (ainda que com pequenos desfasamentos temporais). O primeiro e segundo momentos da nossa investigação têm relação com o primeiro período defendido por Correia & Caramelo – o da emergência –, preocupado em aproximar instituições e cidadãos. O terceiro momento da investigação relaciona-se com o segundo período – o da expansão – que se refere ao surgimento de outros tipos de mediação mais voltados para o campo social, educativo e cultural, tendente a operar transformações na sociedade. Por fim, o quarto momento da investigação tem relação com o terceiro período, o da afirmação da mediação, consolidado pela produção legislativa em torno da mediação em Portugal e que no caso do MSMT, se resume a uma produção intensa de atividades que se afiguram como importantes estratégias de mediação, que foram capazes de atrair cada vez mais público e que o continuam a fidelizar. Assiste-se ainda neste momento da nossa investigação à utilização explícita do termo mediação em algumas ações desenvolvidas pelo SE.

O trabalho que aqui desenvolvemos tem uma vertente inovadora ao estabelecer uma relação entre a história contemporânea do MSMT, a história da mediação em Portugal e a sua importância em contextos museológicos/culturais. Ajudamos a amenizar um dos constrangimentos da instituição e, com o nosso contributo, abrimos as portas para uma multiplicidade de hipóteses de novos trabalhos que poderão ser desenvolvidos em áreas tão distintas como a História, a Educação ou a Sociologia, onde seria por exemplo interessante averiguar, ao fim destes 25 anos, qual a imagem que atualmente as pessoas têm do MSMT.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS****Bibliografia referenciada**

- ALBARELLO, Luc *et al.* (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- ALMEIDA, Leandro & FREIRE, Teresa (2008). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Edições Psiquilibrios.
- AMARAL, Adriana Jorge Ferreira (1992). *Viagem no Tempo ao Mosteiro de Tibães*. Mire de Tibães: Museu do Mosteiro de S. Martinho de Tibães.
- BARBIER, Jean-Marie (1996). *Elaboração de Projetos de Ação e Planificação*. Porto: Porto Editora.
- BAUMAN, Zygmunt (2007). *Modernidade e Ambivalência*. Lisboa: Relógio D'Água.
- BEILLEROT, Jacky (2000). *Médiation. Dictionnaire encyclopédique de l'éducation et de la formation*. Paris: Éditions Nathan.
- BENÍTEZ, Daniel Castro (2011). O novo Museu da Independência da Colômbia. In *Revista Humboldt*, n.º 156 – Tema: Mediação Artística. München: Secretário-geral do Goethe-Institut.
- BENTO, São (1992). *Regra do Patriarca S. Bento*. Santo Tirso: Mosteiro de Singeverga, Edições «Ora et Labora».
- BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- BONAFÉ-SCHMITT, Jean-Pierre (2009). Mediação, conciliação, arbitragem: técnicas ou um novo modelo de regulação social? In Ana Maria Costa e Silva & Maria Alfredo Moreira (Orgs.). *Formação e Mediação Socioeducativa: perspectivas teóricas e práticas*. Porto: Areal Editores, pp. 15-46.
- BONAFÉ-SCHMITT, Jean-Pierre (2010). Da mediação de bairro à mediação escolar: a outra mediação social. In José Alberto Correia & Ana Maria Costa e Silva (Orgs.). *Mediação: (D)Os Contextos e (D)Os Atores*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 45-58.
- BUFFET, Françoise (1999). O Museu e a Escola: parceiros educativos para uma problemática da coeducação cultural. In Patrícia Joyce Fontes (Coord.); Ana Paula Proença Macedo & Luís Manuel Mateus (Orgs.). *Cadernos Encontros 2: O Museu, a Escola e a Comunidade. VII<sup>es</sup>*

- Jornadas sobre a função social do museu*. Braga: Centro de Estudos da Criança/Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho, pp. 07-26.
- CAMACHO, Clara Frayão (2007). Serviços Educativos na Rede Portuguesa de Museus: panorâmica e perspetivas. In Sara Barriga e Susana Gomes da Silva (Orgs.). *Serviços Educativos na Cultura* – Coleção Públicos, n.º 2. Porto: Setepés, pp. 26-41.
- CARVALHO, Ana (2008). Os blogues como instrumentos de trabalho para a museologia. In Maria Vlachou. *Informação Icom.pt*, Série II n.º 1. Lisboa: ICOM, pp. 03-07.
- CORREIA, José Alberto & CAMELO, João (2010). A construção social e legislativa da mediação: figuras e políticas. In José Alberto Correia & Ana Maria Costa e Silva (Orgs.). *Mediação: (D)Os Contextos e (D)Os Atores*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 13-32.
- COSTA, João Manuel Martins (2012). *A visibilidade do Mosteiro de S. Martinho de Tibães em Braga*. Braga: Instituto de Ciências Sociais, relatório de estágio da licenciatura em Sociologia (não publicado).
- COUTINHO, Clara Pereira (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas*. Coimbra: Edições Almedina.
- DAVALLON, Jean (1997). O papel e a missão de um centro de estudos sobre os utilizadores de museus e a interpretação do património cultural. In Patrícia Joyce Fontes (Org.). *O Museu, a Escola e a Comunidade. Cadernos Encontro*. Braga: CESC – Centro de Estudos da Criança do Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, pp. 07-14.
- DELORS, Jacques *et al.* (1996). *Educação: Um tesouro a descobrir*. Porto: Edições ASA;
- DEMAZIÈRE, Didier (2010). A mediação social, um trabalho de terreno. In José Alberto Correia & Ana Maria Costa e Silva (Orgs.). *Mediação: (D)Os Contextos e (D)Os Atores*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 103-117.
- DIAS, Geraldo José Amadeu Coelho (2005). Glossário Monástico-Beneditino: Em torno dos espaços religiosos – monásticos e eclesiásticos. In *Livro de Actas de Conferência Nacional – Repositorium Aberto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Instituto de História Moderna, pp. 193-207.
- DIAS, José Ribeiro (2009). *Educação – O Caminho da Nova Humanidade: das Coisas às Pessoas e aos Valores*. Porto: Papiro Editora.
- EÇA, Teresa Almeida D' (1997). O museu e a escola: os novos rumos. In Patrícia Joyce Fontes (Coord.). *O Museu, a Escola e a Comunidade. Cadernos Encontros*. Braga: CESC – Centro

- de Estudos da Criança do Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, pp. 21-30.
- FONTES, Luís (2005), *São Martinho de Tibães, um sítio onde se fez um mosteiro. Ensaio sobre Arqueologia da Paisagem e da Arquitectura*. Lisboa: IPPAR, Departamento de Estudos.
- FREIRE, Isabel (2009). Mediação e formação: em busca de novas profissionalidades e de novos perfis profissionais. In Ana Maria Costa e Silva & Maria Alfredo Moreira (Orgs.). *Formação e Mediação Socioeducativa: perspectivas teóricas e práticas*. Porto: Areal Editores, pp. 41-46.
- FREIRE, Paulo (1979). *Conscientização: Teoria e Prática da Libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes.
- FRITZ, Jan Marie (2004). Derrière la magie: Modèles, approches et théories de médiation. In *Esprit Critique – Revue internationale de sociologie et de sciences sociales* Vol. 6, n.º 3, Été 2004. Dossier thématique – La Médiation Sociale: Résolution alternative des conflits et reconstruction des liens sociaux. Paris: pp. 09-16.
- GIDDENS, Anthony (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP.
- GOMES, Ângela Cristela Campinho da Costa; LOUREIRO, Joaquim Fernandes; CUNHA, Marisa Filipa Fernandes da & MAGALHÃES, Patricia Andreia Costa (2012). *Integrar Olhares para Educar e Formar*. Braga: Universidade do Minho (não editado).
- GUERRA, Isabel Carvalho (2000). *Fundamentos e Princípios de uma Sociologia da Ação. O Planeamento em Ciências Sociais*. Cascais: Principia.
- JARES, Xesús R. (2002). *Educação e conflito. Guia de educação para a convivência*. Porto: Edições Asa.
- KETELE, Jean-Marie & ROEGIERS, Xavier (1999). *Metodologia da recolha de dados. Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- KUHN, Thomas (1982). *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- LIMA, Licínio Carlos (1994). Modernização, Racionalização e Otimização. Perspetivas Neo-Taylorianas na Organização e Administração da Educação. *Cadernos de Ciências Sociais*, n.º 14. Porto: Faculdade de Economia, pp. 119-139.
- MATA, Aida *et al* (1995). *O chafariz do terreiro de S. João do Mosteiro de S. Martinho de Tibães*. Folheto editado por ocasião da entrega do chafariz do Terreiro de S. João por parte da

- Câmara Municipal de Braga ao Museu do Mosteiro de S. Martinho de Tibães. Braga: C. M. de Braga e Museu do Mosteiro de S. Martinho de Tibães.
- MATA, Aida Maria Reis & COSTA, Maria João Dias (1998). *Prémio Internacional Carlo Scarpa para o Jardim*. Lisboa: IPPAR e Fondazione Benetton Studi Ricerche.
- MATA, Aida Maria Reis (1996). *A Residência Paroquial*. Folheto editado por ocasião da inauguração da Nova Residência Paroquial de Mire de Tibães. Braga: IPPAR.
- MATA, Aida Maria Reis (2011). Vidas na Vida de um Mosteiro. In *Misericórdia de Braga, Revista da Santa Casa da Misericórdia de Braga*, n.º 7, Dezembro de 2011. Braga: Santa Casa da Misericórdia, pp. 87-168.
- MELO, Maria do Céu (2006). A Expressão Dramática e o conhecimento tácito: da criação artística à compreensão histórica de problemas sociais. In *Atas do VII Colóquio sobre Questões Curriculares. Globalização e (des)igualdades: os desafios curriculares*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia (CIEd), pp. 1106-1118.
- MORIN, Edgar (2001). *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- NAKOU, Irene (2007). Educação histórica: o uso de ferramentas culturais relacionadas com a diversidade de experiências e atitudes dos estudantes. *Currículo sem Fronteiras*, Vol. 7, n.º 1. Tessália: Universidade de Tessália – Grécia, pp. 127-159.
- NUNES, Ana Catarina Coelho (2010). *Novos desafios, novas conquistas: renovação do Serviço Educativo do Museu Marítimo de Ílhavo*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património.
- OLIVEIRA, Paulo João da Cunha & MATA, Aida Maria Reis (S/d). *Estados de Tibães 1813-1816*. Braga: Arquivo Distrital de Braga – Universidade do Minho, Pasta 113, fls. 15-15 v.
- OLIVEIRA, Paulo João da Cunha (1997). *Relatório da Comemoração do Dia Mundial da Criança – 1997*. Mire de Tibães: texto não publicado.
- OLIVEIRA, Paulo João da Cunha (2005). *A Congregação Beneditina Portuguesa no percurso para a extinção (1800-1834)*. Viseu: Palimage Editores.
- PARDAL, Adriana de Freitas (2008). *Os discursos museológicos: Arte e Públicos*. Aveiro: Universidade de Aveiro / Departamento de Comunicação e Arte.
- PEREIRA, Paulo (1997). *Intervenções no Património 1995-2000: Nova Política*. Lisboa: Ministério da Cultura/IPPAR.
- POPPER, Karl (1992). *Em busca de um mundo melhor*. Lisboa: Editorial Fragmentos.

- QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Luc Van (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- ROCHA, Elisabete Ferreira; LOUREIRO, Joaquim Fernandes & REBELO, Maria Lúcia Carvalho (2011). *Portefólio/Dossier da Unidade Curricular de Projeto e Seminário I e II – Dispositivos e Metodologias de Formação e Mediação*. Braga: Universidade do Minho (não editado).
- SÁ-CHAVES, Idália (2009). Supervisão, Complexidade e Mediação. In Ana Maria Costa e Silva & Maria Alfredo Moreira (Orgs.). *Formação e Mediação Socioeducativa: perspectivas teóricas e práticas*. Porto: Areal Editores, pp. 47-53.
- SANTOS, Ademar Ferreira (1982). Mosteiro de Tibães: qualquer dia já não há mais nada para vender. In *Jornal Expresso*, de 10-12-1982. Lisboa: Expresso, p. 37-R.
- SANTOS, Ademar Ferreira (1987). *Mosteiro de Tibães (1834-1864): Trinta anos para perder o rasto a uma memória de séculos*. Braga: Gráfica de S. Vicente.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (1987). *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento.
- SANTOS, Boaventura de Sousa, Org. (2002). *A Globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez Editora.
- SANTOS, João Carlos dos (2013). *Mosteiro de São Martinho de Tibães. Projeto e compromisso*. Lisboa: UZINA Books.
- SÃO TOMÁS, Frei Leão (1974). *Beneditina Lusitana*, Vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- SELZNICK, Philip (1978). Cooptação: Um mecanismo para a estabilidade organizacional. E. Campos (Org.). *Sociologia da Burocracia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, pp. 93-100.
- SEMEDO, Alice & FERREIRA, Inês (2011). Museus e Museologia: desafios para a construção de territórios colaborativos. In *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXI. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 97-119.
- SILVA, Ana Maria Costa & MOREIRA, Maria Alfredo (2009). *Formação e Mediação Sócio-educativa: perspectivas teóricas e práticas*. Porto: Areal Editores.
- SILVA, Ana Maria Costa e (2009). Mediação no contexto de formação e educação de adultos. In Ana Maria Costa e Silva & Maria Alfredo Moreira (Org.). *Atas do Seminário Mediação Socioeducativa: Contextos e Atores*. Braga: Centro de Investigação em Educação – Universidade do Minho, pp. 101-107.

- SILVA, Ana Maria Costa e (2011). Mediação e(m) Educação: discursos e práticas. In *Revista Intersaberes*, ano 6, n.º. 12 jul/dez 2011. Curitiba: pp. 249-265.
- SILVA, Susana Gomes da (2001). Museus, cultura e sociedade: novos desafios, novas relações. *Educar Hoje – Enciclopédia dos Pais, Construir Saberes*. Amadora: Lexicultural, Atividades Editoriais, pp. 134-135.
- SILVA, Susana Gomes da (2004). *Para além do olhar: construir experiências e memórias partilhadas*. Comunicação apresentada no encontro «Trabalhar nos museus», organizado pela APOM e realizado na Casa-Museu João Soares. Leiria, 26 de junho de 2004.
- SIX, Jean-François. *Le temps des Médiateurs*. Paris: Éditions du Seuil.
- TORREMORELL, Maria Carme Boqué (2008). *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto: Porto Editora.
- TUCKMAN, Bruce W. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Educação.
- ZABALZA, Miguel (1992). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Porto: Edições ASA.

### **Webgrafia**

- <http://diariodominho.pt/conteudos/14910>, acedido em 29-08-2013.
- <http://historiaporumcanudo.blogspot.pt/>, acedido em 19-12-2012.
- <http://info.portaldasfinancas.gov.pt/NR/rdonlyres/504C21C6-C8D6-4D2D-A341-EFCEA1DA774B/0/inf-vinculativa%20-cat%20B-comodato%20e%20leasing.pdf>, acedido em 24-06-2013.
- [http://masampaio.imc-ip.pt/pt-PT/progeducativos/prog\\_educu\\_escolas/esc\\_vanimad/ContentList.aspx](http://masampaio.imc-ip.pt/pt-PT/progeducativos/prog_educu_escolas/esc_vanimad/ContentList.aspx), acedido em 29-08-2013.
- [http://mnsr.imc-ip.pt/pt-PT/menu\\_historia/HighlightList.aspx](http://mnsr.imc-ip.pt/pt-PT/menu_historia/HighlightList.aspx), acedido em 07-03-2013.
- <http://mosteirodetibaes.blogspot.pt/search?q=s.+bento#!/2011/06/mes-de-sao-bento-no-mosteiro-de-tibaes.html>, acedido em 29-08-2013.
- <http://mosteirodetibaes.blogspot.pt/search?q=s.+martinho#!/2008/10/comemoraes-do-dia-de-so-martinho.html>, acedido em 29-08-2013.
- <http://parquiavirtualeiivo.blogspot.pt/2010/08/diferenca-entre-convento-e-mosteiro.html>, acedido em 16-12-2012.

- [http://pt.wikipedia.org/wiki/Distrito\\_de\\_Braga](http://pt.wikipedia.org/wiki/Distrito_de_Braga), acessido em 25-08-2013.
- [http://pt.wikipedia.org/wiki/Patriarcado\\_de\\_Lisboa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Patriarcado_de_Lisboa), acessido em 10-09-2013.
- <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/22815/2/geraldodiasglossario000091770.pdf>, acessido em 16-12-2012.
- [http://www.cm-braga.pt/wps/portal/publico!/ut/p/c4/04\\_SB8K8xLLM9MSSzPy8xBz9CP0os3iDQHdnQyNvA0t\\_dz8LA89AF6NQf38ng8AwU\\_2CbEdFAKNhmNI!](http://www.cm-braga.pt/wps/portal/publico!/ut/p/c4/04_SB8K8xLLM9MSSzPy8xBz9CP0os3iDQHdnQyNvA0t_dz8LA89AF6NQf38ng8AwU_2CbEdFAKNhmNI!/), acessido em 27-10-2012.
- <http://www.diariodominho.pt/conteudos/7302>, acessido em 30-08-2013.
- [http://www.diocese-braga.pt/clero\\_bispos](http://www.diocese-braga.pt/clero_bispos), acessido em 08-09-2013.
- <http://www.espritcritique.fr/0603/esp0603.pdf>, acessido em 12-02-2013.
- [http://www.fbsr.it/fbsr.php/il\\_paesaggio/Premio\\_Carlo\\_Scarpa/Premio\\_Internazionale\\_Carlo\\_Scarpa\\_per\\_il\\_Giardino](http://www.fbsr.it/fbsr.php/il_paesaggio/Premio_Carlo_Scarpa/Premio_Internazionale_Carlo_Scarpa_per_il_Giardino), acessido em 22-07-2013.
- [http://www.fmsoares.pt/mario\\_soares/presidencias\\_abertas.php](http://www.fmsoares.pt/mario_soares/presidencias_abertas.php), acessido em 12-08-2013.
- <http://www.geira.pt/msmtibaes/>, acessido em 23-08-2013.
- <http://www.gpp.pt/RI/InstrumentosBilaterais/Docs/Espanha/ConclusoesXXIIICimeiraLusoEspanhola.pdf>, acessido em 21-08-2013.
- [http://www.icom-portugal.org/documentos\\_def,129,161,lista.aspx](http://www.icom-portugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx), acessido em 07-03-2013.
- <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/70175/>, acessido em 23-06-2013.
- [http://www.jf-miretibaes.pt/index\\_main.php](http://www.jf-miretibaes.pt/index_main.php), acessido em 29-10-2012.
- <http://www.marionetasmandragora.com/index.php?hidLink=dwn>, acessido em 28-08-2013.
- <http://www.mosteirodetibaes.blogspot.pt/search?updated-min=2003-01-01T00:00:00%2B01:00&updated-max=2004-01-01T00:00:00%2B01:00&max-results=1>, acessido no dia 26-08-2013.
- <http://www.mosteirodetibaes.org>, acessido em 20-08-2013.
- [http://www.mosteirodetibaes.org/multimedia/Media/SERVIÇO\\_EDUCATIVO\\_Tibaes%202012-13.pdf](http://www.mosteirodetibaes.org/multimedia/Media/SERVIÇO_EDUCATIVO_Tibaes%202012-13.pdf), acessido em 30-08-2013.
- <http://www.mundoeducacao.com/psicologia/maslow-as-necessidades-humanas.htm>, acessido em 25-05-2013.
- <http://www.museudotraje.pt/pt-PT/Actividades/ContentList.aspx>, acessido em 28-09-2013.

<http://www.notarios.pt/OrdemNotarios/PT/PrecisoNotario/Antigos+Arquivos/>, acessido em 23-04-2013.

<http://www.patrimonio.pt/index.php/arquivo-feed/584-estudo-sobre-a-mediacao-cultural-e-educacao-nos-museus-portugal-italia-espanha-estonia-e-finlandia>, acessido em 28-09-2013.

<http://www.portugal.gov.pt/pt/o-governo/arquivo-historico/governos-constitucionais.aspx>, acessido em 30-08-2013.

[http://www.sgmf.pt/formulario/Arquivo/Newsletters/Newsletter\\_26\\_Out-Dez\\_12\\_ficheiros/DGFP/DGFP\\_TES\\_Pi.pdf](http://www.sgmf.pt/formulario/Arquivo/Newsletters/Newsletter_26_Out-Dez_12_ficheiros/DGFP/DGFP_TES_Pi.pdf), acessido em 18-11-2012.

<https://pt-pt.facebook.com/mosteirotibaes>, acessido em 20-08-2013.

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10103/1/ExpDram%3%a1tica-Compreens%3%a3o%20Hist%3%b3rica.pdf>, acessido em 08-03-2013.

### **Legislação**

Decreto n.º 33587/94, de 27 de março.

Decreto Regulamentar n.º 34/2007, de 29 de março.

Decreto-Lei n.º 106 – F/92, de 01 de junho.

Decreto-Lei n.º 114/2012, de 25 de maio.

Decreto-Lei n.º 120/97, de 16 de maio.

Decreto-Lei n.º 215/2006, de 27 de outubro.

Decreto-Lei n.º 307/90, de 28 de setembro.

Despacho n.º 24971/2007, de 30 de outubro.

Diário da República, IIIª Série, n.º. 216 – Edital n.º 76/86, de 19 de setembro.

Diário do Governo n.º 136/1910, de 23 de junho.

Diário do Governo, IIª Série, n.º 242, de 18 de outubro de 1949.

Lei 12A/2008, de 27 de fevereiro.

Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto.

Portaria n.º 373/2007, de 30 de março.

Portaria n.º 736/94, de 13 de agosto.

**ANEXOS**

---

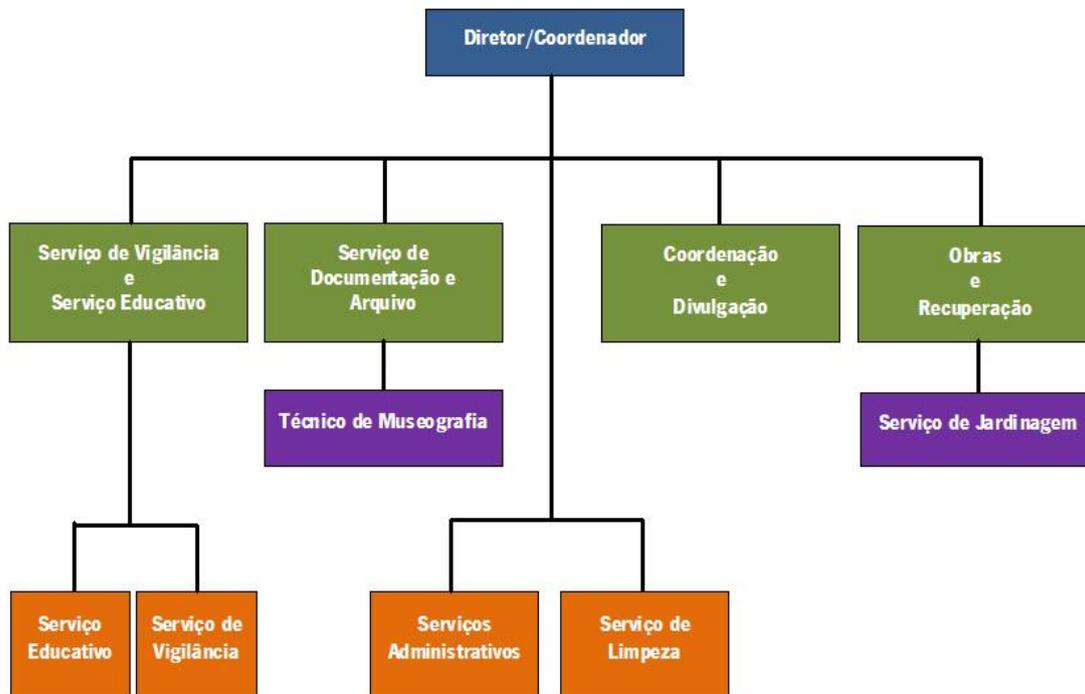
## ÍNDICE DOS ANEXOS

<b>ANEXO 01</b>	– Organigramas do Mosteiro de S. Martinho de Tibães de 2000 até 2012	109
<b>ANEXO 02</b>	– Guardas do Mosteiro de S. Martinho de Tibães entre 1947 e 1954	113
<b>ANEXO 03</b>	– Notícia do Jornal Correio do Minho de 06-09-1985	117
<b>ANEXO 04</b>	– Notícia do Jornal Correio do Minho de 09-02-1988	121
<b>ANEXO 05</b>	– Logótipos do Mosteiro de S. Martinho de Tibães (1987-2012)	125

**ANEXO 01** – Organigramas do Mosteiro de S. Martinho de Tibães de 2000 até 2012



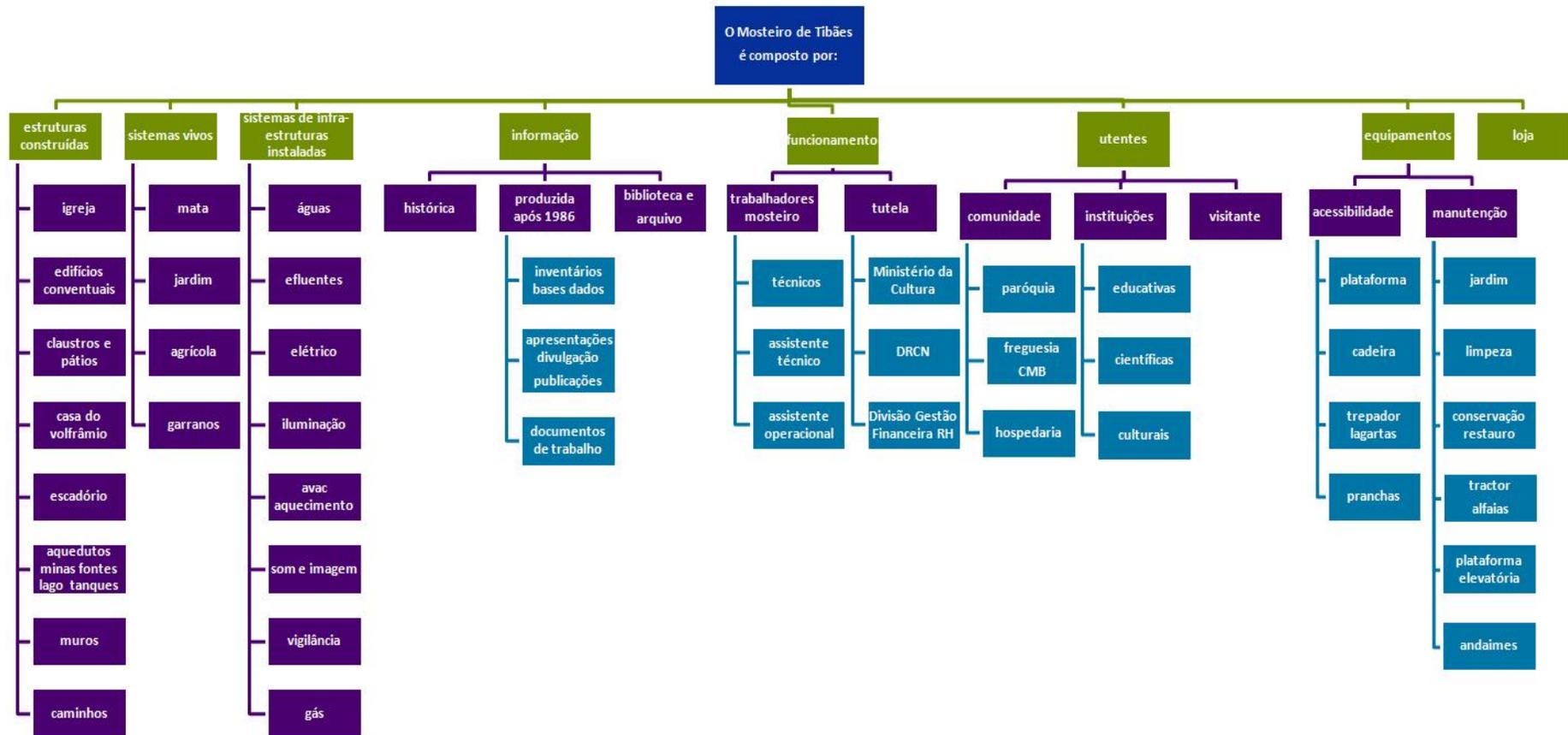
**Organograma do Mosteiro de São Martinho de Tibães de janeiro de 2000 até abril de 2009**



**Organograma do Mosteiro de S. Martinho de Tibães de outubro de 2011 até...**



**Organigrama Geral do Mosteiro de S. Martinho de Tibães entre maio de 2009 e outubro de 2011**



**ANEXO 02** – Guardas do Mosteiro de S. Martinho de Tibães entre 1947 e 1954



**Secretaria Geral do Ministério das Finanças**  
**Processos dos Guardas do Mosteiro de Tibães**  
**1947-1954**

**P. 69**

TÍTULO	Boaventura Ferreira Dias Coelho
NÍVEL	Processo
DATA INICIAL	1947-05-22
DATA FINAL	1951-03-16
DIMENSÃO	Cx. 3194
ASSUNTO	Processo individual contendo documentos diversos sobre a carreira profissional e funcional.
NOTAS	O funcionário exerceu o lugar de guarda do Mosteiro de Tibães, aprovado que foi o seu assalariamento por despacho ministerial de 1948-01-14.

**P. 109**

TÍTULO	Francisco Antunes
NÍVEL	Processo
DATA INICIAL	1950-12-26
DATA FINAL	1951-03-29
DIMENSÃO	Cx. 3204
ASSUNTO	O processo trata da pretensão de Francisco Antunes de ser admitido para o lugar de guarda do Mosteiro de Tibães.

**P. 124**

TÍTULO	Henrique José Marques
NÍVEL	Processo
DATA INICIAL	1953-10-16
DATA FINAL	1954-01-21
DIMENSÃO	Cx. 3208
ASSUNTO	O processo trata da pretensão de Henrique José Marques de ser admitido como guarda do Mosteiro de Tibães.

Disponível em:  
[http://www.sgmf.pt/formulario/Arquivo/Newsletters/Newsletter\\_26\\_Out-Dez\\_12\\_ficheiros/DGFP/DGFP\\_TES\\_PI.pdf](http://www.sgmf.pt/formulario/Arquivo/Newsletters/Newsletter_26_Out-Dez_12_ficheiros/DGFP/DGFP_TES_PI.pdf), acedido em 18-11-2012



**ANEXO 03** – Notícia do Jornal Correio do Minho de 06-09-1985



<b>FONTE</b>	<b>DATA</b>	<b>CLASSIFICAÇÃO</b>
CORREIO DO MINHO	6/9/85	GERAL-CULTURA

## MAIS UM ATENTADO NO CONVENTO DE TIBÃES VENDIDAS PEDRAS DO REFEITÓRIO SEM AUTORIZAÇÃO DE UM DONO

- **Ministro da Cultura (na foto) tem condições para expropriação imediata — diz a ASPA**

Uma parte das pedras que constituem o piso do antigo refeitório do Convento de Tibães foi recentemente vendida a uma entidade particular, num acto considerado lesa-património já que se trata de um imóvel classificado.

A venda, que no fundo é fruto de uma situação indefinida quanto ao futuro daquele conjunto monumental, nem sequer foi feita com a autorização de, pelo menos, um dos proprietários, Amadeu Ferreira Fernandes, conforme o próprio nos confirmou, o qual entende também que as pedras do antigo refeitório devem ser salvaguardadas, assim como toda a estrutura do convento.

Como se depreende, desta situação apenas são responsáveis alguns dos proprietários e, de alguma maneira, o próprio Estado que há muito já devia ter tomado as medidas cautelares sobre o caso.

Amadeu Ferreira Fernandes, que discorda de actos como este, tem vindo a desenvolver diligências junto do Instituto do Património Cultural (IPPC) por considerar que a gravidade da situação, principalmente devido à progressiva degradação do imóvel, exige uma actuação rápida para que se recupere e salve o convento de Tibães. «Andem o mais depressa possível com o dossier do Convento e tomem uma resolução adequada» — este o apelo que faz ao IPPC.

### RECEIOS DE OUTRAS VENDAS

Aquele proprietário receia que se repitam outros casos de venda por parte dos seus familiares, também donos do convento, que superintendem na sua manutenção e bem assim na quinta anexa.

A ASPA — a associação bracarense voltada para a defesa do património que muita atenção tem dedicado ao problema — obteve, inclusivamente a informação de que alguém, de entre os proprietários, se preparava para vender as pedras dos escadórios da cerca do Convento (uma preciosidade de inegável valor), tendo dado já conhecimento do caso ao Ministério da Cultura, conforme nos adiantou um dos seus dirigentes. Amadeu Ferreira Fernandes também nos confirmou ter ouvido falar desse caso, embora nada lhe tenha sido comunicado pelos familiares que eventualmente estariam interessados nessa venda.

### TECTO DA SALA DOS CAPÍTULOS AMEAÇA RUIR

O mesmo Amadeu Fernandes disse-nos que

tem feito tudo por tudo para que o IPPC apresse os necessários estudos. Ele próprio tem encontrado oposição de alguns dos familiares, quando por exemplo entende que o Convento - dever ser franqueado a todos quantos queiram lá se deslocar para, dentro das suas competências, ajudar à resolução do problema. «Se for lá com alguém do IPPC, como já aconteceu, eles fecham as portas, o que considero não ser esta a melhor atitude, porque o convento tem de ser visto por responsáveis do IPPC ou do Ministério da Cultura».

Ressalvou, no entanto, que o recurso à venda de algumas peças daquele património é, no fundo, fruto da falta de rendimentos a que alguns dos proprietários possam deitar mão, para evitar essa situação, o que não aconteceria se desde há muito o Estado adquirisse a área privada do convento.

O atraso numa solução para o caso continua a suscitar-lhe, aliás, grandes preocupações sobretudo pelas consequências da actual degradação. Referiu-nos a propósito o estado lamentável em que se encontra a Sala dos Capítulos do Con-

<b>FONTE</b>	<b>DATA</b>	<b>CLASSIFICAÇÃO</b>
CORREIO DO MINHO	6/9/85	GERAL-CULTURA

vento de Tibães e a situação que ameaça uma das melhores fontes ali existentes — a Fonte de S. Bento, outra preciosidade de inegável valor. «No caso da Sala dos Capítulos — disse Amadeu Ferreira Fernandes — não garanto que o seu tecto se aguente por mais dois anos, tal é o seu estado de degradação». Relativamente à Fonte de S. Bento, e segundo ainda aquele proprietário, nota-se já ali um grau de inclinação bastante acentuado que ameaça a sua estabilidade. «Uns tempos mais, e aquilo vai mesmo abaixo» — sentenciou.

#### **SOLUÇÃO NA MÃO DO MINISTRO**

Para a Associação para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural, há neste momento condições para uma intervenção imediata do Estado. Com efeito, e conforme nos lembrou um dos seus dirigentes, a Lei 13/85 de 16 de Julho permite ao ministro da Cultura proceder a uma expropriação imediata. O artigo 1.º dessa lei é bem explícito sobre a matéria e daí que seja oportuno citá-lo:

«Quando por responsabilidade do respectivo proprietário, demonstrada por omissão ou acção

grave do mesmo, corra o risco de degradação dos bens culturais móveis ou imóveis classificados ou em vias de classificação, o ministro da Cultura pode, ouvindo o respectivo proprietário e os órgãos competentes, promover a expropriação dos bens referidos».

Isto dá, realmente, pano para mangas para que se proceda à expropriação imediata, alterando o que até agora vinha sendo prática — isto é primeiro negociar e depois comprar. Agora pode-se expropriar e posteriormente negociar, conforme notou o mesmo dirigente da ASPA.

#### **«NÃO PASSEI PROCURAÇÃO A NINGUÉM»**

A venda ao Estado por parte dos herdeiros tem sido até agora um caso «bicudo». Isto porque nem todos os herdeiros (ao todo, são 13 e todos familiares) se põem de acordo quanto às condições dessa venda. Segundo Amadeu Ferreira Fernandes, alguns dos herdeiros concordaram em vender mas a condição de ser reservada uma área nas proximidades do Convento para construção própria. Na opinião daquele proprietário, isso não é viável tanto mais

que a área apontada está dentro da zona de protecção do Convento. É, mais ou menos, neste ponto que as coisas estão — ou seja falta de entendimento dos herdeiros. A Câmara, a pedido do Governo, encarregou-se de solicitar aos proprietários qual o seu valor da venda, mas até ao momento, segundo nos disse o seu presidente, ainda não foi dada uma resposta.

Seja como for, Amadeu Ferreira Fernandes entende que 200 mil contos é um valor aceitável. Na sua opinião, os herdeiros devem entender-se e reunir para chegarem a uma solução, por entender que a situação não deve manter-se como até aqui, nomeadamente no que toca à venda de bens que integram o convento, sem a autorização da sua pessoa. Aliás — disse a propósito — «não passei procuração a ninguém a falar por mim perante eventuais vendas».

O mesmo proprietário adiantou-nos estar disposto a desfazer-se da sua parte para evitar aborrecimentos futuros, desejando proceder à sua venda, de preferência à Câmara ou a um organismo governamental ligado à cultura.

**ANEXO 04** – Notícia do Jornal Correio do Minho de 09-02-1988



**In Jornal Correio do Minho de 09-02-1988**

**Caso estranho**

## **Vigilante de Mosteiro “visita” escola primária**

O vigilante do Mosteiro de Tibães,

, de 28 anos, foi surpreendido na madrugada de sábado dentro da Escola Primária de S. João de Souto, onde se introduzira após ter partido um vidro de uma das janelas do edifício.

O detido foi encontrado debaixo de uma das mesas sem qualquer objecto em seu poder, ficando a dúvida quanto às suas intenções, que por certo não seriam

provocadas por deformação profissional.

teve depois de ser conduzido ao hospital de S. Marcos a fim de ser socorrido nos ferimentos da mão direita que terão sido causados pelo vidro partido.

O arguido, após assistido no hospital, foi levado para a esquadra a fim de ser sujeito a averiguações, tendo sido ontem presente ao Juiz de Instrução Criminal de Braga.



**ANEXO 05** – Logótipos do Mosteiro de S. Martinho de Tibães (1987-2012)



## Logótipos do Mosteiro de S. Martinho de Tibães

### 1º Logótipo (1990 – 1997)



Representação gráfica do passadiço.

O passadiço foi construído no triénio de 1731-34, tendo como função fazer a ligação entre a hospedaria e o noviciado do mosteiro (Mata *et al.*, 1995) criando ainda uma divisão entre a zona de entrada dos visitantes e a zona de serviço do mosteiro (pátio das adegas).

Este logótipo foi utilizado desde a criação do *Museu do Mosteiro de S. Martinho de Tibães*, em 28 de setembro de 1990, até à aprovação da nova lei orgânica do IPPAR (pelo decreto n.º 120/97, de 16 de maio) que alterou novamente o nome institucional do Mosteiro para *Mosteiro de S. Martinho de Tibães*.

### 2º Logótipo (1997 – até à data de realização deste trabalho)



Representação gráfica do jardim de S. João Batista.

O jardim de S. João (ou da Estrebaria) foi também construído entre 1731-34. Um jardim alto que permitia «... a passagem discreta dos carros de bois que se dirigiam para os celeiros» (Mata *et al.*, 1995).

A imagem gráfica do jardim apareceu pela primeira vez por altura da realização do Encontro Internacional de Jardins Históricos (Mosteiro de Tibães: 30 de junho, 1 e 2 de julho de 1995). Quando surge a nova lei orgânica do IPPAR em 1997 e alteram o nome institucional do Mosteiro escolhem esta imagem por ser graficamente mais atrativa e por representar um espaço que todos os visitantes veem quando realizam um dos percursos de visita no mosteiro.



## **APÊNDICES**

---

## ÍNDICE DOS APÊNDICES

<b>APÊNDICE 01</b> – Dados estatísticos do MSMT relativos ao ano de 2012	131
<b>APÊNDICE 02</b> – Esquema de recolha e análise de dados sobre atividades e visitantes do MSMT	141
<b>APÊNDICE 03</b> – Grelha de análise de documentos	145
<b>APÊNDICE 04</b> – Lista de pastas analisadas e respetivo momento de investigação	149
<b>APÊNDICE 05</b> – Informação recolhida nas grelhas de análise documental ( <b>apenas em CD</b> )	153
<b>APÊNDICE 06</b> – Guião-base das entrevistas	155
<b>APÊNDICE 07</b> – Totalidade dos guiões elaborados para as entrevistas ( <b>apenas em CD</b> )	161
<b>APÊNDICE 08</b> – Lista de pessoas entrevistadas	163
<b>APÊNDICE 09</b> – Transcrição das entrevistas ( <b>apenas em CD</b> )	167
<b>APÊNDICE 10</b> – Análise das entrevistas relativamente às questões relacionadas com a mediação	169
<b>APÊNDICE 11</b> – Textos publicados na imprensa pela ASPA (relativos à degradação do MSMT)	175
<b>APÊNDICE 12</b> – Dados das atividades do SE em 2004	179
<b>APÊNDICE 13</b> – Registo das atividades do MSMT entre 1987 e 2004 ( <b>apenas em CD</b> )	183
<b>APÊNDICE 14</b> – Distinções e prémios recebidos pelo MSMT	185
<b>APÊNDICE 15</b> – Encontro/Debate – <i>Serviços Educativos em Espaços Culturais:</i> <i>o que procura(m) o(s) público(s)?</i> – 25-02-2013	189
<b>APÊNDICE 16</b> – Informações sobre as <i>Caminhadas com História</i>	193
<b>APÊNDICE 17</b> – Enquadramento do MSMT no contexto político, religioso e organizacional – 1987/2012 ( <b>apenas em CD</b> )	197

**APÊNDICE 01** – Dados estatísticos do MSMT relativos ao ano de 2012



## Dados estatísticos do Mosteiro de S. Martinho de Tibães relativos aos visitantes e atividades do ano de 2012

### Utilizadores do Mosteiro de S. Martinho de Tibães em 2012

Atendidos por:	Número	Percentagem
Hospedaria	5347	7,41%
Mosteiro	36831	51,03%
Paróquia	30000	41,56%
<b>Total</b>	<b>72178</b>	<b>100%</b>



### Comparação entre visitantes do SE 2012 e Outros Visitantes, por mês

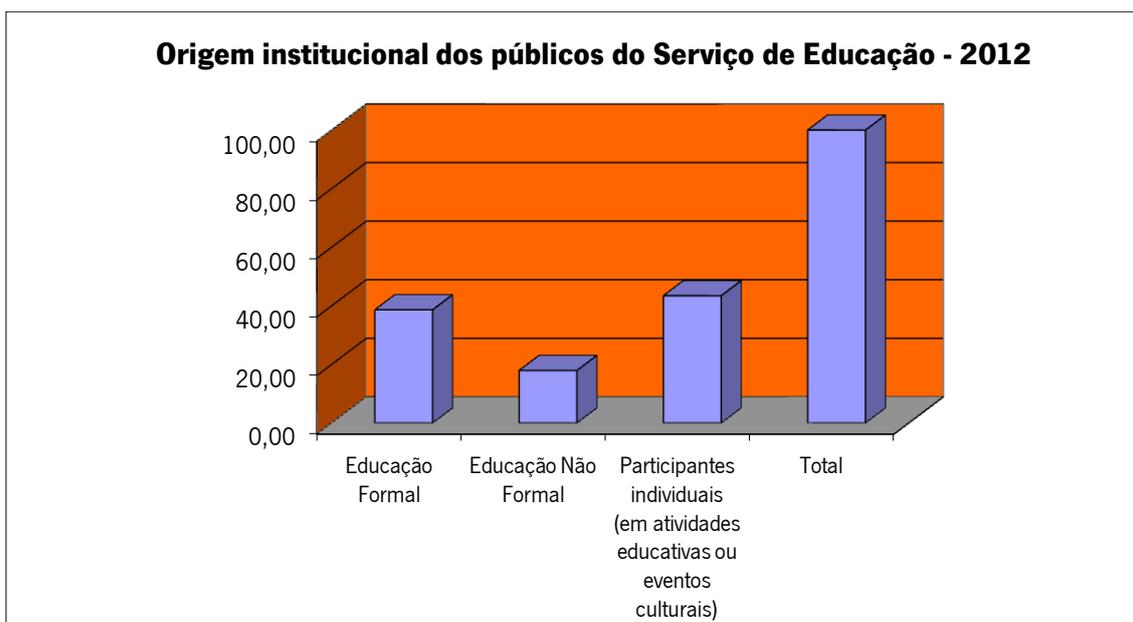
Mês	Serviço de Educação	Outros Visitantes	Totais parciais
<b>Janeiro</b>	817	225	1042
<b>Fevereiro</b>	1075	721	1796
<b>Março</b>	2759	1059	3818
<b>Abril</b>	1968	1101	3069
<b>Mai</b>	2387	1114	3501
<b>Junho</b>	2994	1208	4202
<b>Julho</b>	2484	1721	4205
<b>Agosto</b>	519	2190	2709
<b>Setembro</b>	839	1699	2538
<b>Outubro</b>	1717	2076	3793
<b>Novembro</b>	1825	583	2408
<b>Dezembro</b>	3395	355	3750
<b>Total</b>	<b>22779</b>	<b>14052</b>	<b>36831</b>

**Dados estatísticos do Mosteiro de S. Martinho de Tibães relativos aos visitantes e atividades do ano de 2012** (continuação)



**Visitantes do Serviço de Educação – 2012**

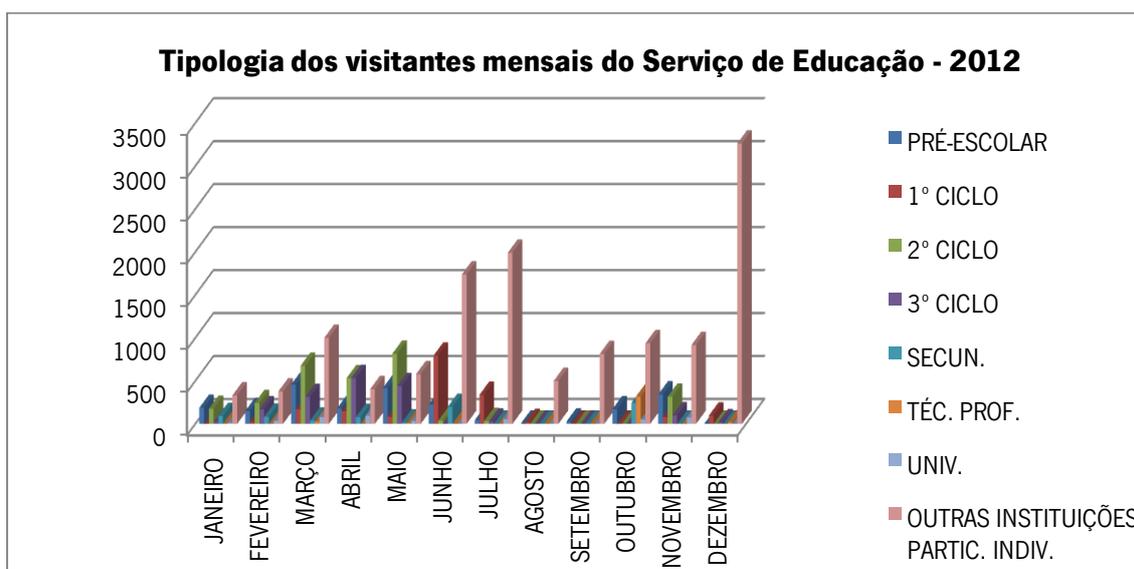
<b>Origem Institucional</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
<b>Instituições de Educação Formal</b>	8800	38,63
<b>Instituições de Educação Não-Formal</b>	4082	17,92
<b>Participantes individuais (em atividades educativas ou eventos culturais)</b>	9897	43,45
<b>Total</b>	<b>22779</b>	<b>100,00</b>



## Dados estatísticos do Mosteiro de S. Martinho de Tibães relativos aos visitantes e atividades do ano de 2012 (continuação)

### MOSTEIRO DE SÃO MARTINHO DE TIBÃES

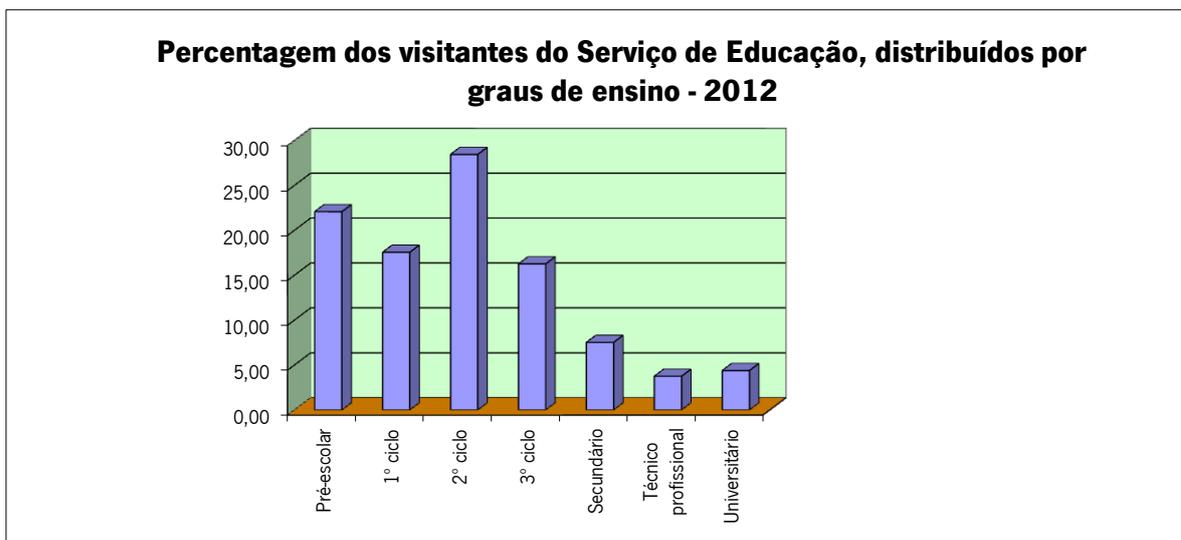
MESES	Tipologia dos visitantes mensais do Serviço de Educação - 2012								
	PRÉ ESCOLAR	1º CICLO	2º CICLO	3º CICLO	SECUN.	TÉC. PROF.	UNIV.	OUTRAS INSTITUIÇÕES PARTIC. INDIV.	TOTAIS PARCIAIS
JANEIRO	187	0	175	20	92	0	11	332	817
FEVEREIRO	149	22	242	168	82	0	35	377	1075
MARÇO	456	168	676	313	39	27	80	1000	2759
ABRIL	179	147	530	533	80	0	96	403	1968
MAIO	416	81	816	439	14	9	34	578	2387
JUNHO	226	794	38	0	198	0	0	1738	2994
JULHO	42	337	33	26	0	0	55	1991	2484
AGOSTO	0	20	0	0	0	0	0	499	519
SETEMBRO	27	0	0	0	0	0	0	812	839
OUTUBRO	169	0	0	0	242	318	50	938	1717
NOVEMBRO	342	78	316	98	0	0	75	916	1825
DEZEMBRO	0	97	0	18	0	19	0	3261	3395
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>2193</b>	<b>1744</b>	<b>2826</b>	<b>1615</b>	<b>747</b>	<b>373</b>	<b>436</b>	<b>12845</b>	<b>22779</b>



### Visitantes do Serviço de Educação distribuídos por graus de ensino - 2012

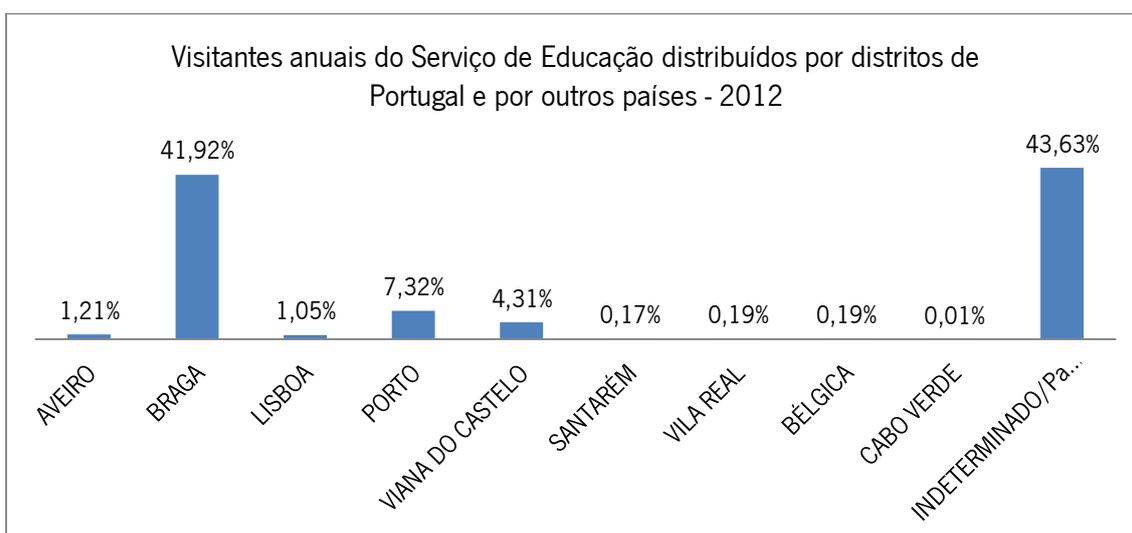
Grau de ensino	Número	%
Pré-escolar	2193	22,08
1º Ciclo do Ensino Básico	1744	17,56
2º Ciclo do Ensino Básico	2826	28,45
3º Ciclo do Ensino Básico	1615	16,26
Secundário	747	7,52
Técnico profissional	373	3,75
Universitário	436	4,39
<b>Totais</b>	<b>9934</b>	<b>100,00</b>

## Dados estatísticos do Mosteiro de S. Martinho de Tibães relativos aos visitantes e atividades do ano de 2012 (continuação)



### VISITANTES ANUAIS DO SERVIÇO DE EDUCAÇÃO DISTRIBUÍDOS POR DISTRITOS DE PORTUGAL E POR OUTROS PAÍSES 2012

DISTRITOS/PAÍSES	N.º DE VISITANTES	PERCENTAGEM
<b>AVEIRO</b>	275	1,21%
<b>BRAGA</b>	9548	41,92%
<b>LISBOA</b>	240	1,05%
<b>PORTO</b>	1667	7,32%
<b>VIANA DO CASTELO</b>	982	4,31%
<b>SANTARÉM</b>	38	0,17%
<b>VILA REAL</b>	44	0,19%
<b>BÉLGICA</b>	43	0,19%
<b>CABO VERDE</b>	3	0,01%
<b>INDETERMINADO/Participantes individuais</b>	9939	43,63%
<b>TOTAIS</b>	<b>22779</b>	<b>100%</b>



**Dados estatísticos do Mosteiro de S. Martinho de Tibães relativos aos visitantes e atividades do ano de 2012** (continuação)

ATIVIDADE	Totais Parciais	
	N.º de sessões	N.º de partic.
APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA DO SERVIÇO EDUCATIVO	1	4
APRESENTAÇÃO DO PROJETO <i>A guerra que eu não vivi</i> , 01-12-2012	1	70
ATELIER <i>CUDDLY TOY JESUS</i>	1	13
ATELIER DE CONSTRUÇÃO DE BONECAS COM FOLHELHO	1	9
ATELIERS DE NATAL (Oficina de escrita criativa)	1	21
A BIODIVERSIDADE NA CERCA (visita)	35	778
À DESCOBERTA DO MOSTEIRO DE TIBÃES (visita)	214	6605
A HORTA	18	244
ACAMPAMENTO ESCUTEIROS	6	189
APOIO A TRABALHOS ESCOLARES (realização de fotografias e informação histórica)	6	16
APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS DE DIFERENTES GRAUS DE ENSINO	3	50
ASTRONOMIA EM TIBÃES	1	50
AUDIÇÃO DE GUITARRA DA COMPANHIA DA MÚSICA	1	110
AULAS EM ESPAÇO MUSEOLÓGICO	7	133
CAÇA AO MEDO	1	14
CAMINHADAS COM HISTÓRIA	2	85
CAMINHA, PROCURA E OBSERVA... OS COGUMELOS	1	27
CINEMA EM TIBÃES (MÊS DE S. BENTO)	2	105
COLÓQUIO SOBRE SISTEMAS HIDRÁULICOS NOS MOSTEIROS	1	40
CONCERTO ALUNOS VITORINO MATONO E COMPANHIA DA MÚSICA	1	50
CONCERTO BANDA MUSICAL DE VILA VERDE	2	180
CONCERTO CAMINHOS DA ROMARIA (MÊS DE S. BENTO)	1	30
CONCERTO CAPPELLA BRACARENSIS	1	96
CONCERTO CAPELLA MUSICAL FUNDAÇÃO CUPERTINO DE MIRANDA	2	145
CONCERTO DE LUDGERO ROSAS	1	40
CONCERTO DE MÚSICA BARROCA <i>L'ANTICO AFFETTO</i>	2	67
CONCERTO DE REIS: GRUPOS CORAIS DE REAL, MIRE DE TIBÃES E DUME	1	200
CONCERTO ENCONTRO INTERNACIONAL DE GRUPOS CORAIS	1	350
CONCERTO DE GRUPOS CORAIS <i>II Encontro de Grupos Corais: Tibães canta o Natal</i>	8	1785
CONCERTO DE ÓRGÃO DA ESCOLA DE MÚSICA LITÚRGICA DE REAL	1	100
CONCERTO DE SANDY KILPATRICK	1	80
CONFERÊNCIA <i>A COOPERAÇÃO TERRITORIAL E O CRESCIMENTO INTELIGENTE E SUSTENTÁVEL DAS ECONOMIAS LOCAIS 2014-2020</i>	1	80
CONFERÊNCIA DE IMPRENSA JORNADAS DO CIDRÃO (07-12-2012)	1	5
CONGRESSO SOBRE BIBLIOTECAS MONÁSTICAS	1	39
CONVERSAS AO JANTAR (última quinta feira de cada mês)	3	28
CURSO APICULTURA (QUERCUS)	5	86
CURSO DE INICIAÇÃO AO TEATRO (13-10-2012 a 16-02-2013)	12	156
CURSO DE FOTOGRAFIA	2	22
DEBATE GESTÃO DE PARCERIAS NA CULTURA	1	16
DESFOLHADA	9	445
DIA DOS AVÓS	1	163
DIA DA MÃE	1	92
DIA MUNDIAL DA CRIANÇA	2	155
DIA MUNDIAL DO AMBIENTE	3	170
DIA MUNDIAL DO LIVRO	1	18

**Dados estatísticos do Mosteiro de S. Martinho de Tibães relativos aos visitantes e atividades do ano de 2012** (continuação)

ATIVIDADE	Totais Parciais	
	N.º de sessões	N.º de partic.
ENCERRAMENTO DA EXPOSIÇÃO <i>GOD FACTOR</i> (22-12-2012)	<b>1</b>	<b>9</b>
ENCONTRO MICOLÓGICO	<b>1</b>	<b>30</b>
ENCONTRO NACIONAL DOS PROFESSORES DE FRANCÊS	<b>1</b>	<b>50</b>
ENCONTRO REGIONAL DE ANIMADORES SOCIOCULTURAIS	<b>1</b>	<b>150</b>
ENCONTRO SOBRE TRABALHO INFANTIL (CNAsti)	<b>1</b>	<b>30</b>
FESTAS DE FIM DE ANO LETIVO	<b>1</b>	<b>200</b>
FORMAÇÃO SOBRE YOGA DO RISO	<b>6</b>	<b>98</b>
INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO <i>A ARTE DE TRABALHAR O BRONZE</i> , DE HEITOR GONÇALVES (08 a 31 de agosto)	<b>1</b>	<b>40</b>
INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO <i>25 ANOS DA AQUISIÇÃO DO MOSTEIRO PELO ESTADO</i> (12 de julho a 31 de dezembro)	<b>1</b>	<b>20</b>
INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO <i>CARLOS EDUARDO UCHÔA</i> (27-02 a 13-06)	<b>1</b>	<b>40</b>
INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DOS <i>ALUNOS OFICINAS DAS ARTES</i> (8º E 9º ANO) E.B. 2,3 DO CÁVADO (16 a 24 de junho)	<b>1</b>	<b>143</b>
INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO <i>ENCONTROS DA IMAGEM DE BRAGA</i> (14-09 a 28-10)	<b>1</b>	<b>122</b>
INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO <i>GOD FACTOR</i> (10-11 a 22-12)	<b>1</b>	<b>158</b>
INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO <i>HISTÓRIAS DE QUEM NÃO TEM VOZ</i> (13 a 28-10)	<b>1</b>	<b>43</b>
INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO <i>RÉS-DO-CHÃO</i> , DE RAÚL FERREIRA (07 de janeiro a 18 de fevereiro)	<b>1</b>	<b>10</b>
INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DE DESENHO DOS ALUNOS ESCOLA SÁ DE MIRANDA (26 de maio a 10 de junho)	<b>1</b>	<b>60</b>
INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DE ÁRVORES DE NATAL DO JI E EB1 DE RUÃES	<b>1</b>	<b>2</b>
JORNADAS TÉCNICAS SOBRE <i>O CIDRÃO: UM FRUTO MEDITERRÂNICO QUASE ESQUECIDO</i>	<b>1</b>	<b>87</b>
LEITURAS ENCENADAS S. MARTINHO	<b>1</b>	<b>50</b>
MAGUSTO EM FAMÍLIA – <i>Castanhas e algumas patranhas</i>	<b>1</b>	<b>30</b>
MESA REDONDA SOBRE REGISTO E ANÁLISE DE PÚBLICOS EM MUSEUS E MONUMENTOS	<b>1</b>	<b>25</b>
MESA REDONDA SOBRE BILHÉTICA NA DRCN	<b>1</b>	<b>10</b>
OBSERVAÇÃO DE MORCEGOS E PIRILAMPOS	<b>2</b>	<b>222</b>
OBSERVAÇÃO NOTURNA DE BORBOLETAS	<b>1</b>	<b>40</b>
OCUPAÇÃO DE TEMPOS LIVRES PARA CRIANÇAS E JOVENS - FÉRIAS COM ARTE	<b>49</b>	<b>833</b>
OCUPAÇÃO DE TEMPOS LIVRES PARA CRIANÇAS E JOVENS - FÉRIAS EM TIBÃES	<b>10</b>	<b>178</b>
OFICINAS DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO CONSERVA.ME	<b>4</b>	<b>63</b>
OFICINAS DE CULINÁRIA/DOCES E COMPOTAS	<b>3</b>	<b>30</b>
PALESTRA <i>Guadameci: a arte dos couros dourados desde o século XII</i> , 15-12-2012	<b>1</b>	<b>11</b>
PARLAMENTO EUROPEU JOVEM/Capital Europeia da juventude	<b>1</b>	<b>190</b>
PATRIMÓNIO COM ESTÓRIAS	<b>1</b>	<b>23</b>
PROJETO ESTÁGIO ALUNOS ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL ESCOLA SÁ DE MIRANDA	<b>2</b>	<b>79</b>
PROJETO MEDIAÇÃO CULTURAL ENTRE O MOSTEIRO DE TIBAES E APPACDM	<b>4</b>	<b>35</b>
PROJETO MULTICULTURALISMO E.B. 2,3 DO CÁVADO	<b>1</b>	<b>170</b>
RETIRO VIPASSANA	<b>3</b>	<b>17</b>
REUNIÕES/CEDÊNCIA DE ESPAÇOS	<b>4</b>	<b>1206</b>
SEMANA DA ÁRVORE E DA ÁGUA	<b>10</b>	<b>282</b>
SESSÃO APRESENTAÇÃO GESTÃO ESPAÇOS CULTURAIS: O CASO DE TIBÃES	<b>1</b>	<b>1</b>

**Dados estatísticos do Mosteiro de S. Martinho de Tibães relativos aos visitantes e atividades do ano de 2012** (continuação)

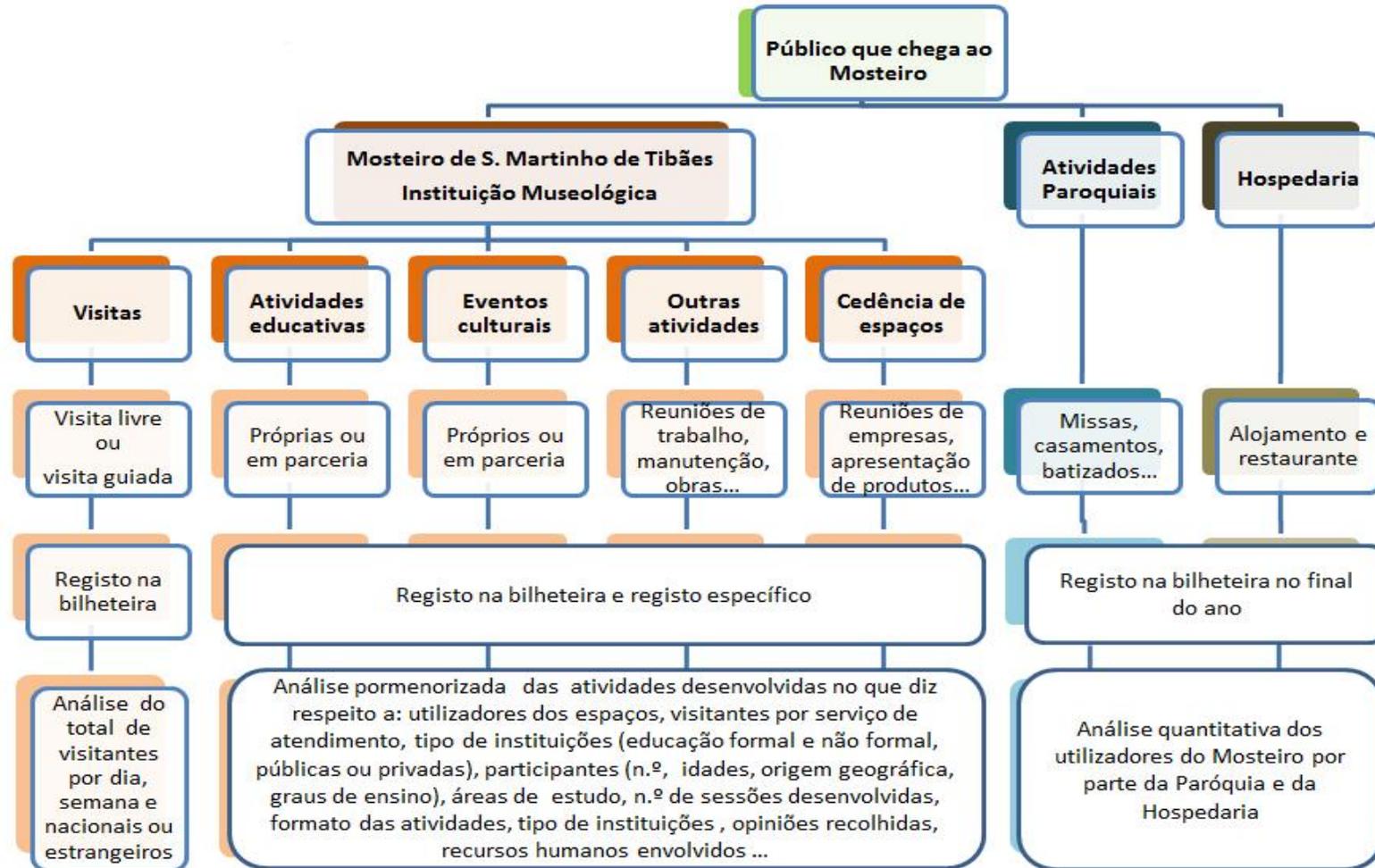
ATIVIDADE	Totais Parciais	
	N.º de sessões	N.º de partic.
SESSÃO FOTOGRÁFICA PARA A REVISTA <i>MAIS ATUAL</i>	<b>1</b>	<b>26</b>
SESSÃO DE POESIA TROVADORESCA <i>Homens que falam como mulheres</i>	<b>1</b>	<b>13</b>
TEATRO <i>Aquecimento Esclarecido</i>	<b>1</b>	<b>45</b>
TEATRO DE MARIONETAS <i>Alice no mosteiro das maravilhas de Tibães...</i>	<b>12</b>	<b>606</b>
TEATRO DE MARIONETAS <i>Hmmm!... Há monges no mosteiro!</i>	<b>7</b>	<b>295</b>
TEATRO DE MARIONETAS <i>S. Martinho, o cavaleiro do sol!</i>	<b>7</b>	<b>362</b>
TEATRO ESCOLAR - REPRESENTAÇÃO E. B. 2,3 DE REAL SOBRE QUOTIDIANO DE TIBÃES	<b>3</b>	<b>180</b>
TEATRO <i>Falar Verdade a Mentir</i>	<b>2</b>	<b>122</b>
VÉSPERAS I DA SOLENIDADE DE S. BENTO	<b>1</b>	<b>50</b>
VISITA ESPECÍFICA SOBRE PERCURSOS MEDIEVAIS E BARROCOS	<b>1</b>	<b>61</b>
VISITA ESPECÍFICA ÀS COLEÇÕES DO MOSTEIRO	<b>1</b>	<b>5</b>
VISITA ESPECÍFICA AOS ENCONTROS DA IMAGEM DE BRAGA	<b>8</b>	<b>415</b>
VISITA ESPECÍFICA ÀS MINAS	<b>3</b>	<b>39</b>
VISITA ESPECÍFICA SOBRE HISTÓRIA DE ARTE E ARQUITETURA	<b>2</b>	<b>58</b>
VISITA ESPECÍFICA SOBRE CONSERVAÇÃO E RESTAURO	<b>1</b>	<b>12</b>
VISITA ESPECÍFICA CONTADORES DE HISTÓRIAS	<b>3</b>	<b>59</b>
VISITA ESPECÍFICA NOTURNA COM ANIMAÇÃO	<b>1</b>	<b>17</b>
VISITA ESPECÍFICA AO SR. EMBAIXADOR DE ANGOLA	<b>1</b>	<b>30</b>
VISITA ESPECÍFICA AO SR. EMBAIXADOR DE CABO VERDE	<b>1</b>	<b>3</b>
VISITA ESPECÍFICA AO SR. SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA	<b>1</b>	<b>5</b>
VISITA ESPECÍFICA SOBRE FIGURAS ISOMÉTRICAS	<b>2</b>	<b>58</b>
VISITA ESPECÍFICA SOBRE NINHOS, COM ANIMAÇÃO TEATRAL	<b>1</b>	<b>47</b>
VISITA ESPECÍFICA SOBRE O CIRCUITO DA ÁGUA	<b>1</b>	<b>12</b>
VISITAS ESPECÍFICAS E OUTRAS ATIVIDADES DO GRUPO DE AMIGOS DO MOSTEIRO DE TIBÃES	<b>3</b>	<b>95</b>
VISITA ESPECÍFICA AO PRESÉPIO MOVIMENTADO	<b>2</b>	<b>44</b>
VISITAS PREPARATÓRIAS/REUNIÕES PROJETOS/PARCELIAS	<b>311</b>	<b>732</b>
WORKSHOP <i>TÉCNICAS E FORMAS DE VIAJAR POR CONTA PRÓPRIA</i> , COM GONÇALO CADILHE	<b>1</b>	<b>16</b>
WORKSHOP <i>ESCRITA E JORNALISMO DE VIAGENS</i> , COM GONÇALO CADILHE	<b>1</b>	<b>20</b>
WORKSHOP DE TEATRO	<b>4</b>	<b>55</b>
WORKSHOP <i>O QUE É UMA CSIF EFETIVAMENTE PARTICIPADA?</i>	<b>1</b>	<b>23</b>
WORKSHOP SOBRE PLANTAS SILVESTRES (QUERCUS)	<b>2</b>	<b>44</b>
WORKSHOP SOBRE PRODUÇÃO ARTESANAL DE CERVEJA	<b>1</b>	<b>180</b>
YOGA DO RISO - ANIMA COM RISO CONTA...	<b>5</b>	<b>195</b>
YOGA EM TIBÃES	<b>43</b>	<b>907</b>
<b>117 Atividades diferentes</b>		
<b>TOTAIS</b>	<b>928</b>	<b>22779</b>

**Dados estatísticos do Mosteiro de S. Martinho de Tibães relativos aos visitantes e atividades do ano de 2012** (continuação)

<b>SÍNTESE ESTATÍSTICA DOS DADOS DO MSMT EM 2012</b>	
N.º total de visitantes do Mosteiro	<b>36831</b>
N.º total de participantes em atividades educativas, culturais e/ou de promoção/valorização	<b>22779</b>
N.º de atividades educativas, culturais e outras atividades de promoção/valorização	208
N.º de sessões realizadas pelos técnicos	928
N.º de participantes individuais nas atividades culturais	9897
N.º de participantes institucionais nas atividades culturais	12882
N.º de instituições de educação formal	149
N.º de instituições de educação não-formal	85
N.º de participantes de instituições de educação formal	8800
N.º de participantes de instituições de educação não-formal	4082
N.º de visitantes indiferenciados	<b>14052</b>
N.º de participantes nas visitas guiadas das 11:00, 15:00 e 16:30 horas	5900
N.º de visitas realizadas pelos vigilantes-rececionistas	362
N.º de visitantes que não realizaram visita guiada	8064

**APÊNDICE 02** – Esquema de recolha e análise de dados sobre atividades e visitantes do  
MSMT







**APÊNDICE 03** – Grelha de análise de documentos



Universidade do Minho  
 Mestrado em Educação  
 Área de especialização em Mediação Educacional e Supervisão na  
 Formação  
 Ano letivo 2012 | 2013  
 2º Ano – Ano de Estágio

**Aluno n.º:** PG 19916

**Nome:** Joaquim Fernandes Loureiro

**Local de estágio:** Mosteiro de S. Martinho de Tibães - Braga

Arquivo		Catalogação	

Referência original do documento	Tipo de documento	Data	Assunto	Síntese da informação	Nova referência

Análise documental\_Mod. 01



**APÊNDICE 04** – Lista de pastas analisadas e respectivo momento de investigação



## Análise Documental

### Lista de pastas analisadas no Arquivo do MSMT e o momento de investigação a que dizem respeito

Referência da pasta	Momentos da investigação			
	1º	2º	3º	4º
1986-1988 – SA-E/CE 01				
1989-1990 – SA-E/CE 02				
1990 – SA-E/CE 03				
1987-1990 – SA-E/CR 01				
1987-1990 – SA-E/CR 02				
1988-1990 – DDC 01 01 a 01 04				
1988-1990 – DDC 01 05 A-G a 01 06				
1990-1992 – DDC 01 07 a 01 08 A-M				
1991-1993 – DDC 01 09				
1992-1994 – DDC 01 10 a 01 12 A-J				
1993-1994 – DDC 01 13 e 01 13 A				
1994-1996 – DDC 01 14 A-B				
1995-1996 – DDC 01 15 a 01 17 A-N				
1996-1999 – DDC 01 18 A-D				
1996-1997 – DDC 01 19				
1996-1999 – DDC 01 20				
1997-1998 – DDC 01 21 A-F				
1997-1999 – DDC 01 28 A-I				
2000-2001 – DDC 01 29 a 01 30				
2001-2002 – DDC 01 22				
2001-2004 – DDC 01 23 A-I				
2001-2005 – DDC 01 24				
2003-2005 – DDC 01 26 a 01 27				
2003-2005 – DDC 01 31 a 01 39				
1988-1995 – DDC-SE 01 01 a 01 05				
1998-1999 – DDC-SE 01 06 a 01 08				
<i>Antigos processos sobre o Mosteiro de Tibães trazidos de Lisboa</i>				



**APÊNDICE 05** – Informação recolhida nas grelhas de análise documental (**apenas em CD**)



**APÊNDICE 06** – Guião-base das entrevistas



### Guião-base das entrevistas

#### Preparação da entrevista:

Antes de dar início à entrevista, cujo guião apresentamos de seguida, foi feita a apresentação do entrevistador. Explicámos as razões da nossa entrevista e contextualizámos o nosso trabalho de estágio, elucidando assim o entrevistado. Combinámos ainda com o entrevistado o processo de registo da entrevista.

#### GUIÃO DA ENTREVISTA

Dimensões a focar	Objetivos	Questões colocadas
Dados biográficos do entrevistado.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer alguns dados biográficos do entrevistado.</li> </ul>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Como se chama?</li> <li>2. Qual a sua idade?</li> <li>3. Onde nasceu?</li> </ol>
O período de transição entre a ocupação privada e a compra do mosteiro por parte do Estado.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aferir a relação existente entre o entrevistado e o local de estudo;</li> <li>• Registar a memória do local, a memória pessoal e a memória das relações pessoais e institucionais existentes no período de transição de propriedade;</li> <li>• Recolher <i>uma visão</i> sobre o processo de transferência de propriedade do Mosteiro de Tibães;</li> <li>• Identificar problemas relacionados com a utilização e conservação do imóvel;</li> <li>• Conhecer a vivência do Mosteiro de Tibães, agora com um novo proprietário;</li> <li>• Conhecer a relação e interação do Mosteiro, agora propriedade do Estado, com a comunidade local;</li> <li>• Aferir os conhecimentos do entrevistado em relação à temática da mediação.</li> </ul>	<ol style="list-style-type: none"> <li>4. Quando é que o mosteiro apareceu na sua vida?</li> <li>5. Até quando é que esteve ligado a ele (mosteiro)?</li> <li>6. Que funções desempenhou/desempenha no mosteiro?</li> <li>7. Quando contactou pela primeira vez com o mosteiro, o que é que pensou de imediato?</li> </ol>

**Guião-base das entrevistas** (continuação)

<b>Dimensões a focar</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Questões colocadas</b>
		<p>8. Do que se lembra dessa época (edifício, cerca, pessoas, histórias...)?</p> <p>9. Pela análise documental do arquivo existente no Mosteiro de Tibães sabemos que ainda teve a oportunidade de contactar diretamente com os antigos proprietários do mosteiro. Como foi esse período? Houve conflitos?</p> <p>9.1. Se sim, em que momentos/situações?</p> <p>9.2. Como perceciona esse tipo de relacionamento?</p> <p>10. Qual a sua opinião relativamente à compra de um monumento como o Mosteiro de Tibães por parte do Estado Português?</p> <p>11. Pelo que tem conhecimento, como classifica o processo de aquisição?</p> <p>12. Pela leitura do contrato de compra e venda conseguimos saber os valores monetários gastos na compra do mosteiro, as pessoas envolvidas e as cedências de parte a parte. Na sua opinião, como ficaram as partes? Todos ganharam? Ganharam apenas uns e os outros ficaram prejudicados? Porquê?</p> <p>13. Quais os principais problemas que encontrou quando chegou ao mosteiro?</p> <p>14. Para além de si, que outras pessoas já se encontravam a trabalhar no mosteiro quando lá chegou?</p> <p>15. Como era o relacionamento com eles nos primeiros tempos?</p> <p>16. Como considera o papel desempenhado por vocês como primeiras pessoas a chegar ao mosteiro?</p> <p>17. Como era o relacionamento com a outra entidade que fazia (e faz) uso do mosteiro – a paróquia (representada pelo seu pároco)?</p> <p>18. E a relação com as pessoas da freguesia? Como a perceciona nesse tempo? E agora?</p> <p>19. Que estratégias utilizou para poder trabalhar com diferentes instituições causando o mínimo de atritos?</p> <p>20. Já ouviu falar de mediação? O que entende por esse conceito?</p> <p>21. Será que existiu esse processo aquando da compra do Mosteiro por parte do Estado?</p> <p>22. E nos anos que se seguiram até à criação institucional do Museu do Mosteiro de S. Martinho de Tibães, será que existiu mediação?</p> <p>22.1. Se sim, em que situações e com quem/entre quem?</p> <p>22.2. Como classificaria esse tipo de mediação?</p>

**Guião-base das entrevistas** (continuação)

<b>Dimensões a focar</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Questões colocadas</b>
O ressurgimento, a afirmação local do Mosteiro de Tibães e o seu reconhecimento institucional.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer o ponto de vista do entrevistado relativamente a uma nova fase do Mosteiro de S. Martinho de Tibães.</li> </ul>	<p>23. Em setembro de 1990 o Mosteiro de Tibães é formalmente constituído como Museu do Mosteiro de S. Martinho de Tibães. O que simbolizou este marco na história contemporânea deste monumento?</p> <p>24. Que papel considera que a partir desse momento o mosteiro teria que desempenhar? Que responsabilidades e ao mesmo tempo que direitos poderia reclamar?</p>
A ação do Mosteiro como organismo afeto à Administração Central do Estado ao longo de um quarto de século.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Analisar a ação do Mosteiro de Tibães nos últimos 25 anos;</li> <li>• Identificar o papel da mediação na ação do Mosteiro de Tibães;</li> <li>• Definir o perfil de um mediador cultural.</li> </ul>	<p>25. A análise dos dados estatísticos ao longo dos últimos 25 anos mostra-nos um crescente número de atividades educativas e culturais com reflexos inerentes no aumento do número de visitantes. Quais as razões que considera terem sido essenciais para essa realidade?</p> <p>26. Ainda que de forma implícita nos primeiros tempos, mas já de forma explícita em algumas ações desenvolvidas nos últimos anos, como perceciona o papel da mediação na história contemporânea do mosteiro?</p> <p>27. Que mediação(ões) considera ter(em) sido privilegiada(s)?</p> <p>28. Naturalmente que a mediação não se faz por si só, ela precisa de mediadores. Na sua perspetiva qual é o perfil do mediador que atua em espaços culturais como o Mosteiro de Tibães?</p>
Perspetivas futuras para a mediação.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perspetivar o papel da mediação e dos mediadores na ação futura do Mosteiro de Tibães.</li> </ul>	<p>29. Qual poderá ser o papel da mediação no futuro do Mosteiro de Tibães?</p> <p>30. E o papel dos mediadores?</p> <p>31. Comente a frase: O Mosteiro de Tibães constituiu-se como uma «plataforma cultural multifacetada propensa à mediação».</p>
Agradecimento.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Agradecer a colaboração do entrevistado.</li> </ul>	Agradecemos a disponibilidade, colaboração e interesse demonstrados na entrevista.



**APÊNDICE 07** – Totalidade dos guiões elaborados para as entrevistas (**apenas em CD**)



**APÊNDICE 08** – Lista de pessoas entrevistadas



Universidade do Minho Mestrado em Educação Área de especialização em Mediação Educacional e Supervisão na Formação Ano letivo 2012   2013 2º Ano – Ano de Estágio	<b>Aluno n.º:</b> PG 19916 <b>Nome:</b> Joaquim Fernandes Loureiro <b>Local de estágio:</b> <u>Mosteiro de S. Martinho de Tibães - Braga</u>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<b>Nome do(s) entrevistado(s)</b>	<b>Entrevista realizada em:</b>	<b>N.º /Código atribuído</b>
<b>AA</b> (Última proprietária privada do mosteiro)	19-12-2012	<b>E01</b>
<b>BB</b> (Vigilante que trabalha há mais tempo no mosteiro, desde 1986)	21-01-2013	<b>E02</b>
<b>CC</b> (Primeiro responsável local do mosteiro)	21-08-2013	<b>E03</b>
<b>DD</b> (Responsável pelo Mosteiro de Tibães entre 1987 e 2009)	30-01-2013 e 04-02-2013	<b>E04</b>
<b>EE</b> (Responsável pela cerca do Mosteiro de Tibães desde 1987 até à atualidade)	30-07-2013	<b>E05</b>
<b>FF</b> (Responsável pelo Serviço Educativo do Mosteiro de Tibães desde 1992 até à atualidade)	30-05-2013	<b>E06</b>
<b>GG</b> (Coordenador do Mosteiro de Tibães desde outubro de 2011)	03-07-2013	<b>E07</b>
<b>HH</b> (Presidente da Junta de Freguesia de Mire de Tibães desde 1993 até à atualidade)	06-06-2013	<b>E08</b>
<b>II</b> (Pároco de Mire de Tibães desde 2007 até à atualidade)	18-06-2013	<b>E09</b>
<b>JJ</b> (Técnica do Serviço Educativo do Pavilhão do Conhecimento)	30-06-2013	<b>E10</b>



**APÊNDICE 09** – Transcrição das entrevistas (**apenas em CD**)



**APÊNDICE 10** – Análise das entrevistas relativamente às questões relacionadas com a  
mediação



**Grelha de análise das entrevistas no que diz respeito às questões relacionadas com a mediação**

Cód. Entrv.	Dimensão da análise					
	Identificar conhecimentos prévios sobre mediação	Registar a definição que os entrevistados têm de mediação	Averiguar quais as implicações da mediação na história contemporânea do Mosteiro	Identificar tipos de mediação presentes na ação do Mosteiro	Construir um perfil para o mediador que atua em espaços culturais	Perspetivar o papel da mediação na ação futura do Mosteiro de Tibães
	Questões colocadas					
Já ouviu falar de mediação?	Qual a sua definição de mediação?	Como perceciona o papel da mediação na história contemporânea do mosteiro?	Que mediação(ões) considera ter(em) sido privilegiada(s)?	Qual o perfil do mediador que atua em espaços culturais?	Qual o papel da mediação no futuro do Mosteiro de Tibães?	
Respostas						
<b>E01</b>	Sim (mas não sabe o que é).	-	-	-	-	-
<b>E02</b>	Sim.	- É um processo em que existe um intermediário entre algo. - No Mosteiro a mediação existe entre o público e o monumento e é feita pelos técnicos.	Se não existisse a mediação o Mosteiro não teria os resultados que tem tido.	A mediação cultural, ou seja, a mediação entre o monumento e o público.	Deve ser alguém que: - conheça muito bem o local; - tenha facilidade de relacionamento; - saiba ouvir a opinião do outro; - não pense só para si.	Um papel muito importante, tal como teve até agora.
<b>E03</b>	Sim.	A mediação, num sentido corrente, é aquela que está mais associada à prevenção e resolução de conflitos.	-	-	-	-
<b>E04</b>	Sim (mas é um termo novo).	- É fazer a ponte entre duas posições.	Sem dúvida um papel muito importante.	- A mediação com: - a escola; - a comunidade; - a tutela.	O mediador deve: - estar consciente da sua função e acreditar, acima de tudo; - saber ler a realidade; - saber ouvir os atores em presença; - saber comunicar; - ser persistente; - ter estratégia com vista à união das partes e não à sua cisão; - ser humilde; - saber que não é o único detentor do saber.	Será o garante do cumprimento da missão do mosteiro. Terá que ser assim, caso contrário, perde-se todo o trabalho anterior.

**Grelha de análise das entrevistas no que diz respeito às questões relacionadas com a mediação** (continuação)

Questões colocadas						
Cód. Entrv.	Já ouviu falar de mediação?	Qual a sua definição de mediação?	Como perceciona o papel da mediação na história contemporânea do mosteiro?	Que mediação(ões) considera ter(em) sido privilegiada(s)?	Qual o perfil do mediador que atua em espaços culturais?	Qual o papel da mediação no futuro do Mosteiro de Tibães?
E05	Sim.	- É o que proporciona que duas pessoas distintas consigam o mesmo objetivo e se revejam nele.	A mediação tem dado os seus frutos através da ação do Serviço Educativo, o que tem ajudado à criação de uma ideia coerente de mediação.	A mediação realizada pelo Serviço Educativo.	O mediador deve: - ter um conhecimento profundo dos objetivos do mosteiro; - ter um conhecimento do projeto que vai mediar; - ser um dos participantes no projeto; A nível pessoal tem que: - ter um caráter diplomático; - ser sereno; - ter boa capacidade de raciocínio e entendimento do que não é dito; - ter alguma experiência de moderação e aprendizagem sobre técnicas de moderação.	- Passará por escolher projetos em que a mediação seja um dos objetivos. - Projetos essencialmente dirigidos a pessoas diferentes.
E06	Sim.	É tudo aquilo que tem sido feito ao longo do tempo: - atrair a Escola e a Comunidade; - estabelecer pontes e parcerias com instituições locais e regionais; - encetar diálogo com entidades externas para acolher novas iniciativas; - desenvolver a cultura e a cidadania.	A mediação tem sido muito importante tendo um desafio constante no sentido de: - conseguir boas atividades sem afastar os proponentes; - melhorar as propostas e adequá-las à missão do Mosteiro.	A mediação: - com a Escola; - com as empresas.	O mediador tem que ter grande: - capacidade de diálogo; - conhecimento do que é o Mosteiro e do que representa a sua missão enquanto espaço cultural.	A mediação deverá continuar: - a ser uma atividade consequente e interventiva; - a ter total abertura às propostas que surjam; - a interagir com as múltiplas sensibilidades, adequando-as aos anseios e motivações dos públicos; - a atrair parceiros para consolidar e promover a consciência social e a cidadania ativa.

**Grelha de análise das entrevistas no que diz respeito às questões relacionadas com a mediação** (continuação)

Questões colocadas						
<b>Cód. Entrv.</b>	Já ouviu falar de mediação?	Qual a sua definição de mediação?	Como perceciona o papel da mediação na história contemporânea do mosteiro?	Que mediação(ões) considera ter(em) sido privilegiada(s)?	Qual o perfil do mediador que atua em espaços culturais?	Qual o papel da mediação no futuro do Mosteiro de Tibães?
<b>E07</b>	Sim.	Mediação é: - algo relacionado com interpretação; - a capacidade de tornar perceptível informação que à partida as pessoas não têm capacidade ou informação suficiente para descodificar.	É uma mais-valia porque ajuda: - a estabelecer contactos com instituições; - a falar com todos; - a criar pontes, mesmo dentro das organizações.	A mediação: - com escolas; - com instituições de educação não-formal.	O mediador tem que: - estar associado ao conhecimento; - saber comunicar; - saber interagir com sucesso com os públicos que tem que trabalhar.	-
<b>E08</b>	Sim.	A mediação: - é um processo baseado em regras, técnicas e saberes; - tem como objetivo gerir a qualidade da comunicação entre os intervenientes ; - privilegia a resolução de problemas apoiando-se na procura de uma solução conjunta.	A mediação nem sempre foi fácil. De início foi quase inexistente, mas aos poucos tornou-se mais notória, fruto da massa crítica existente por parte dos mediadores.	A mediação: - com a comunidade; - com a Escola.	-	Não parece ser diferente do que tem na atualidade.

**Grelha de análise das entrevistas no que diz respeito às questões relacionadas com a mediação** (continuação)

Questões colocadas						
<b>Cód. Entrv.</b>	Já ouviu falar de mediação?	Qual a sua definição de mediação?	Como perceciona o papel da mediação na história contemporânea do mosteiro?	Que mediação(ões) considera ter(em) sido privilegiada(s)?	Qual o perfil do mediador que atua em espaços culturais?	Qual o papel da mediação no futuro do Mosteiro de Tibães?
<b>E09</b>	Sim.	A mediação é: - algo que facilita as condições para que a relação aconteça; - um processo que faz apelo aos sentidos para potenciar transformação na pessoa; - uma forma de ajudar a ver melhor as coisas de modo a que a qualquer momento se opere a transformação.	A mediação desenvolvida pelo Serviço Educativo (e outros membros da equipa de trabalho) tem ajudado à criação de um vasto programa de atividades, chamando o público a viver e a vir ver o mosteiro.	A mediação: - com a comunidade; - com outros agentes culturais; - com o público infantil.	O mediador deverá ser alguém: - que saiba encontrar-se; - que saiba quem é; - que sabe o que quer; - capaz de se deixar transformar pelo espaço, obras e pelas pessoas; - flexível; - capaz de saber gerir o tempo; - adaptar a sua linguagem; - que saiba ver e ler o grupo.	A mediação terá como desafio ajudar a encontrar um caminho: que possa ir ao encontro da rentabilização económica do espaço sem esquecer a sua identidade; que seja capaz de saber selecionar as propostas que cabem ou não dentro do edifício, de modo a que a sua identidade não fique abalada.
<b>E10</b>	Sim.	A mediação tem um papel fulcral: - entre o visitante e o museu/espço cultural; - na comunicação dentro do museu; - na criação de uma noção de unidade; - na capacitação dos diversos atores para a intercomunicação; - no espaço em si e com todos aqueles que o visitam, dele usufruem e que idealmente nele possam intervir.			O mediador deve saber ser: o visitante; o utilizador; o participante que habita o museu/espço cultural em que trabalha. Tem que: - ter disponibilidade para facilitar a relação entre o público, o espaço, a coleção, os artistas e os módulos interativos, em qualquer área de intervenção; - estar disposto a absorver e a experienciar para poder partilhar, sem preconceitos, com entusiasmo e dedicação.	A mediação deverá deixar de ser apenas sobre algo para passar a ser para alguém e desenvolvida por alguém.

**APÊNDICE 11** – Textos publicados na imprensa pela ASPA (relativos à degradação do MSMT)



**Textos publicados na imprensa pela ASPA relativos à degradação do MSMT e enviados ao Ministro da Cultura em 16 de janeiro de 1984**

- Textos da ASPA para a imprensa (*MINIA*, n.º 6, pp. 148-155);
- «Eu só queria entender (ou a fonte de Tibães na Arcada)» - artigo da autoria de Eduardo Pires de Oliveira, dirigente da ASPA, publicado no *Diário do Minho* em 28-06-1979;
- «As fontes de Tibães a jorrar discussões» - publicado no *Comércio do Porto* em 29-06-1979;
- «A Câmara Municipal de Braga aprovou unânime a expropriação do Mosteiro de Tibães» - publicado no *Correio do Minho* em 30-06-1979;
- «Mosteiro de Tibães/Riqueza cultural perde-se para sempre» - publicado no *Diário do Minho* em 09-03-1982;
- «Mosteiro de Tibães – Quando as árvores morrem de pé» - artigo da autoria de Ademar Ferreira dos Santos, dirigente da ASPA, publicado no suplemento especial do semanário *Expresso* em 27-03-1982;
- «O Mosteiro de Tibães foi alvo da mais desenfreada pilhagem» - artigo de Alfredo Mendes, publicado no *Diário de Notícias* em 08-05-1982;
- «Do Mosteiro de Tibães já se vendem as pedras» - artigo da autoria de Ademar Ferreira dos Santos, publicado no semanário *Expresso* em 13-11-1982;
- «Mosteiro de Tibães: qualquer dia já não há nada, nem para vender» - artigo da autoria de Ademar Ferreira dos Santos, publicado no semanário *Expresso* em 10-12-1982;
- «Aspa comenta sete temas atuais» - publicado no *Diário do Minho* em 11-11-1983.



**APÊNDICE 12** – Dados das atividades do SE em 2004



## Dados das atividades do Serviço Educativo do MSMT no ano de 2004

(Primeira análise mais completa dos dados desde que o MSMT abriu ao público)

<b>VISITANTES DO SE 2004, DISTRIBUIDOS PELAS DIFERENTES ATIVIDADES</b>		
<b>ATIVIDADE</b>	<b>TOTAL DE VISITANTES</b>	<b>PERCENTAGEM</b>
A ouvir e a mexer... Algo mais vou aprender	202	1,65
Espaços de oração: igreja e coro alto	362	2,96
À descoberta do Mosteiro de Tibães	7695	62,9
Contadores de histórias	115	0,94
A música no mosteiro	39	0,32
Hmmm!... Há monges no mosteiro!	475	3,89
Horta tradicional	979	8
Teatro de sombras – Auto dos três Reis Magos	1274	10,41
Atelier de construção de marionetas	119	0,97
Os invisíveis – exploração da exposição dos Enc. Imagem	48	0,39
Atelier de construção de presépios	220	1,8
Outros	706	5,77
<b>TOTAIS</b> <b>12 atividades do SE. A categoria <i>Outros</i> destina-se para atividades e acontecimentos esporádicos.</b>	<b>12234</b>	<b>100%</b>



**APÊNDICE 13** – Registo das atividades do MSMT entre 1987 e 2004 (**apenas em CD**)



**APÊNDICE 14** – Distinções e prémios recebidos pelo MSMT



## **DISTINÇÕES E PRÉMIOS RECEBIDOS PELO MSMT**

### **- Prémio Internacional Carlo Scarpa para o Jardim (9ª Edição)**

- ✓ 09-05-1998
- ✓ Atribuído pela Fondazione Benetton Studi Ricerche à Cerca do Mosteiro de Tibães
- ✓ Teatro Académico de Castelfranco Veneto
- ✓ Treviso, Itália

### **- Galardões *A Nossa Terra* (VI Edição) – Categoria Organismo de Serviço Público**

- ✓ 11-07-2003
- ✓ Atribuído pela Direnor
- ✓ Parque de Exposições de Braga
- ✓ Braga, Portugal

### **- Prémio Internacional de Arquitetura Bienal Miami + Beach**

- ✓ 21-11-2009
- ✓ Medalha de ouro na categoria de Restauro Arquitetónico
- ✓ Atribuída pelo Instituto Americano de Arquitetos, pela Sociedade Americana de Arquitetos Paisagistas e pela Federação Pan-Americana de Associações de Arquitetos
- ✓ Miami, Estados Unidos da América

### **- Prémio European Union Prize for Cultural Heritage - Europa Nostra Awards**

- ✓ 18-02-2010
- ✓ Concorrente ao Prémio Europa Nostra, categoria EU I com o Estudo sobre a Operação Integrada de Restauro, Conservação e Reabilitação do Mosteiro de S. Martinho de Tibães
- ✓ Não passou à fase final, mas foi muito recomendado pela excelência do trabalho
- ✓ Hague, Holanda

### **- Galardões *A Nossa Terra* (XIII Edição) – Categoria Entidade**

- ✓ 14-05-2010
- ✓ Atribuído pela Direnor
- ✓ Parque de Exposições de Braga
- ✓ Braga, Portugal

### **- Galardões *Em Busca das Sete Maravilhas de Entre Mosteiro e Cávado* – 1º e 2º lugar**

- ✓ 11-03-2011
- ✓ Atribuídos pelos alunos do Curso de Educação e Formação de Adultos de Nível Secundário (EFA S1) do Agrupamento de Escolas Mosteiro e Cávado
- ✓ De entre 19 maravilhas a concurso, os mais votados foram o Mosteiro de Tibães (1175 votos) e a Cerca do Mosteiro (935 votos).
- ✓ Quinta da Mainha, Panóias
- ✓ Braga, Portugal



**APÊNDICE 15** – Encontro/Debate – *Serviços Educativos em Espaços Culturais: o que procura(m) o(s) público(s)?* – 25-02-2013



# Mosteiro de São Martinho de Tibães

## Serviços Educativos em espaços culturais: o que procura(m) o(s) público(s)

Segunda - 25 de fevereiro - 14.00 às 18.00



### Programa:

#### 14:15 horas - Receção dos participantes

Apresentação por Paulo Oliveira / Joaquim Loureiro (Mosteiro de Tibães)

#### 14:30 horas - O que procuram os públicos que visitam espaços culturais? Que expetativas? Que experiências? Que constrangimentos?



- APPACDM, Pólo de Gualtar - Braga > Emilia Martins;
- Centro Social e Paroquial de Mire de Tibães - Braga > Isabel Pereira;
- E. B. 2,3 de Cabreiros - Braga > Justina Vilaça;
- Escola Secundária Alberto Sampaio - Braga > Maria Teresa Ribeiro;
- Jardim de Infância de Panóias - Braga > Maria Manuel Monteiro.



#### 16:00 horas – Intervalo

#### 16:15 horas – Debate com a presença confirmada de profissionais ligados às seguintes instituições:

- Centro Cultural Vila Flor – Guimarães;
- Museu de Olaria – Barcelos;
- Parque Biológico de Gaia – Gaia;
- (e outras que queiram comparecer).



#### 18:00 horas – Encerramento

Destinatários: professores, formadores, educadores, animadores e outros agentes culturais

Acesso: gratuito

Inscrição: obrigatória em: <http://goo.gl/JEftS>

Outros contactos para inscrição: [msmtibaes@culturanoorte.pt](mailto:msmtibaes@culturanoorte.pt) | 253 622 670

### + Info / Contactos

Mosteiro de Tibães | Rua do Mosteiro, n.º 59  
4700-565 Mire de Tibães | Braga  
Telefones: 253 623 950 | 253 622 670  
Site: [www.mosteirodetibaes.org](http://www.mosteirodetibaes.org)  
E-mail: [msmtibaes@culturanoorte.pt](mailto:msmtibaes@culturanoorte.pt)  
Facebook: [www.facebook.com/mosteirodetibaes](http://www.facebook.com/mosteirodetibaes)





**APÊNDICE 16** – Informações sobre as *Caminhadas com História*



## **Caminhadas com História: de Tibães a Rendufe – monumentos e sítios a (re)descobrir**

**19-05-2013 e 30-06-2013**



O Mosteiro de S. Martinho de Tibães (MSMT) em parceria com o Grupo de Amigos do Mosteiro de Tibães (GAMT) realiza mais uma «Caminhada com História».

Esta atividade teve início em 2011 nas Jornadas Europeias do Património e, devido à boa aceitação do público, continuou ao longo de 2012. Em 2013 a primeira proposta é mais ambiciosa e pretende partir do Mosteiro de Tibães por um percurso que terminará no Mosteiro de Rendufe, em Amares (outro grande mosteiro que pertenceu à Congregação Beneditina do Reino de Portugal, da qual o Mosteiro de Tibães era a casa mãe). O percurso tem a distância aproximada de 16 km, sendo na sua maior parte efetuado em zonas planas, pelo que o grau de dificuldade pode ser considerado médio, mais pela extensão do que propriamente pela dificuldade de subidas ou descidas.

Associando o exercício físico ao conhecimento do nosso património ambiental, histórico e etnográfico pretende-se que esta iniciativa seja um elo de ligação, um contributo mediador, entre os cidadãos, o património e a cultura da região em que se inserem. Se conhecermos o nosso património ficaremos certamente mais conscientes da nossa responsabilidade na tomada de posição quanto à sua defesa e preservação.

Devido à distância a percorrer e aos locais a passar/visitar a atividade prolongar-se-á pela tarde.

Está destinada a paragem para almoço próximo da Ponte do Bico, cerca das 12:00 horas.

Os participantes deverão trazer consigo um almoço ligeiro (sandes/saladas, fruta e água).

À chegada ao Mosteiro de Rendufe está prevista a realização de uma visita guiada ao monumento.

O transporte de regresso está assegurado pela Câmara Municipal de Amares.

### **Outras informações importantes:**

- Dia: 19 de maio de 2013;

- Local de saída: Mosteiro de S. Martinho de Tibães;
- Hora de saída: 08:30 horas;
- Hora de chegada ao Mosteiro de Rendufe: 15:00 horas (previsão);
- Hora de regresso ao Mosteiro de S. Martinho de Tibães: 16:30/17:00 horas (previsão);
- Público-alvo: jovens e adultos entre os 14 e os 75 anos;
- N.º de participantes: Min=15; Máx=64 (limitado ao transporte disponível);
- Preço:
  - Público em geral - € 2,00 (dois euros) por participante
  - Sócios do GAMT - € 1,50 (um euro e cinquenta cêntimos) por participante.
- O pagamento será feito no próprio dia;
- Apólice de seguro de acidentes pessoais de grupo n.º 202094389, da Companhia de Seguros Allianz;
- Mesmo com chuva a atividade irá realizar-se (exceto se a Proteção Civil decretar avisos laranja ou vermelho);
- Os participantes deverão levar consigo calçado adequado a caminhadas, chapéu (de sol e/ou de chuva), protetor solar, água e um colete refletor;
- Inscrição: obrigatória;
- Data limite para inscrição: 12 de maio;
- Como fazer a inscrição:
  - msmtibaes@culturante.pt | 253 622 670 ou inscrição on-line: <http://goo.gl/E2ceu>;
- Na inscrição on-line deverá ser feita uma inscrição para cada pessoa que deseja participar;
- Os participantes devem obrigatoriamente colocar na inscrição (no campo Notas) o nome completo e a data de nascimento, pois sem estes elementos a apólice de seguro não é válida;
- A apólice de seguro apenas cobre participantes com idades entre os 14 e os 75 anos;
- Se o número máximo de inscritos for ultrapassado, as pessoas que se inscreverem até à data limite ficarão em lista de espera, sendo informadas dessa situação através do(s) contacto(s) que deixou (deixaram) no ato da inscrição. Se o número de pessoas em lista de espera for significativo, ponderaremos a realização de uma segunda caminhada, em data a definir (o que veio a acontecer, tendo sido realizada uma segunda caminhada no dia 30-06-2013);
- Se o número de inscritos for inferior ao mínimo indicado, a caminhada não se realizará sendo os inscritos avisados desse facto.

Organização: Mosteiro de S. Martinho de Tibães e Grupo de Amigos do Mosteiro de Tibães

Apoios: Câmara Municipal de Amares e Casa da Torre

**APÊNDICE 17** – Enquadramento do MSMT no contexto político, religioso e organizacional –  
1987/2012 (**apenas em CD**)

